

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO
EM METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO

Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial



BELÉM-PARÁ
2020

Helena do Socorro Campos da Rocha



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO
EM METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

HELENA DO SOCORRO CAMPOS DA ROCHA

AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO
Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial

BELÉM- PARÁ
2020

HELENA DO SOCORRO CAMPOS DA ROCHA

AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO
Criatividade e Inovação para discutir a diversidade
ethnorracial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: Inovações Metodológicas no Ensino Superior (INOVAMES).

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Lúcia Dias Vaz

BELÉM-PARÁ
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

R672a Rocha, Helena do Socorro Campos da
Afrofuturismo na Educação : Criatividade e Inovação
para discutir a diversidade etnicorracial / Helena do Socorro
Campos da Rocha. — 2020.
xv, 160 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Cristina Lúcia Dias Vaz
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino
Superior, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a
Ensino e Extensão, Universidade Federal do Pará, Belém,
2020.

1. Afrofuturismo na Educação. 2. CartoDiversidade. 3.
Aprendizagem Criativa. 4. Criatividade. 5. Inovação. I.
Título.

CDD 371.102

HELENA DO SOCORRO CAMPOS DA ROCHA

AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO

Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Mestrado Profissional em Ensino, para a Defesa de Dissertação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Lúcia Dias Vaz

RESULTADO: (x) APROVADO () REPROVADO

Data: 27/05/2020

Prof^a Dr^a Cristina Lúcia Dias Vaz (orientadora) – PPGCIMES/UFPA

Prof Dr Iran Abreu Mendes (examinador externo) – PPGCEM/UFPA

Prof Dr Agenor Sarraf Pacheco (examinador externo) – PPGHIST/UFPA

Prof Dr Márcio Lima do Nascimento (examinador interno) – PPGCIMES/UFPA

BELÉM-PARÁ
2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais por terem aberto os caminhos para que eu pudesse chegar onde cheguei com essa pesquisa.

Aos meus familiares pela oportunidade de ser e estar no mundo.

À minha descendência na figura das filhas e dos filhos que preparei para lidar com as diversidades e aos netos e netas que serviram de força motriz nessa aventura no PPGCIMES para que a proposta da CartoDiversidade fosse concebida e materializada como arma potente para lidar com a Diversidade Etnicorracial na construção de um futuro possível para as futuras gerações por meio do Afrofuturismo na Educação.

À professora Cristina Lúcia Dias Vaz, minha Orientadora que carinhosamente aprendi a chamar CVaz, que norteou a tecitura dessas Teias para que não emaranhassem e sufocassem a aranha.

Ao PPGCIMES pela oportunidade.

À Professora Guaciara Barbosa de Freitas por ter me inspirado na disciplina Métodos e Técnicas Inovadoras de Ensino e Aprendizagem.

Ao amigo querido, Ivo Paes, pela ajuda tecnológica em todo esse processo, desde os primeiros dias de aula no PPGCIMES.

Aos alunos e alunas do IFPA *campus* Belém das turmas do semestre 2019-1 e 2019-2 de Ciências Biológicas, Geografia, Letras, Pedagogia, Matemática e Química pela acolhida frente ao protagonismo com as metodologias ativas.

Ao NEAB do IFPA *campus* Belém pelos ensinamentos nesses 14 anos de estrada. Foi meu Porto Seguro, mas um navio não foi feito para viver amarrado ao cais.

Ao amigo Rubens Pinheiro pela pronta resposta às minhas solicitações de imagens.

Aos colegas do grupo de pesquisa CITEAR, pela paciência e pelas críticas construtivas: Edilson, Mayara e Letícia.

Nós somos os sonhos de pessoas negras escravizadas que ouviram que era muito 'irreal' imaginar que um dia elas não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas negras se recusaram a limitar seus sonhos ao realismo, e, em vez disso, nos sonharam.

Walidah Imarisha (2015)

RESUMO

“Afrofuturismo na Educação: Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial” é o tema da pesquisa que trata da aplicabilidade do Afrofuturismo na Educação em turmas de Formação de Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) *campus* Belém. O objetivo geral foi criar ambientes, metodologias e instrumentos afrofuturistas inovadores e criativos para discutir a diversidade etnicorracial no IFPA. Utiliza o método da Cartografia através das pistas: acompanhamento de processos, atenção, política da narrativa e pesquisa intervenção conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2015). A narrativa da pesquisa flui através de quatro contos e a cada passagem existe um orixá que guia a personagem Ananse afrofuturista em sua busca pela criatividade e inovação. No primeiro e segundo contos, Ananse foi conduzida por Oxumarê ao Cinema Namibe em Angola com a seguinte inquietação: *como um ambiente afrofuturista de Realidade Virtual pode visibilizar a inovação no fazer criativo da Diversidade Etnicorracial?* No terceiro conto, Oxum, a senhora do Abébé, guiou Ananse até o IFPA *campus* Belém na busca por respostas à seguinte inquietação: *como a CartoDiversidade promove o empoderamento de forma criativa e inovadora no trato com as questões etnicorraciais através da produção de materiais didáticos?* A CartoDiversidade é uma metodologia ativa baseada na Cartemática, cunhada por Vaz (2018) e se propõe a promover a interdisciplinaridade entre a Arte e a Diversidade Etnicorracial através do Movimento Afrofuturista. É composta de três Cartas: Carta Princípios Inspiradores, Carta Exercício do Olhar e Carta Inspiração, utilizando os princípios da cultura Maker e da metodologia STEAM. No terceiro conto Ananse foi guiada por Oxaguiã, o senhor da inovação e da criatividade, aos inventários produzidos como produto da Carta Inspiração. Ananse observou que o NEAB Virtual é um recurso que visibiliza a inovação do fazer criativo da Diversidade Etnicorracial estando impregnadas as características fundamentais do Afrofuturismo nos produtos expostos no contexto de cada conhecimento específico: a ancestralidade, a tecnologia, a autonomia e um futuro possível. A CartoDiversidade provocou conexões interdisciplinares entre o Afrofuturismo e a diversidade etnicorracial permeada pela criatividade e a inovação visíveis no cartocurar e cartofazer nas três cartas. A CartoDiversidade se configura em uma metodologia ativa poderosa no trato com a diversidade etnicorracial trazendo à tona, nesse caso específico, a possibilidade de empoderar alunos e alunas através da Arte com o movimento Afrofuturista, tornando-os protagonistas de sua aprendizagem e inserindo suas vozes e narrativas com produtos educacionais autorais. A CartoDiversidade, inspirada na Cartemática, pode ser adaptada a qualquer componente curricular e seu Guia é o produto principal da pesquisa. Foi possível visibilizar a inovação no fazer e no processo criativo dos alunos e alunas a partir das pistas produzidas nos inventários afrofuturistas que serviram de instrumento onde é percebida a mudança de postura perante a diversidade etnicorracial que brotava do interior de cada um, muitas vezes machucados no percurso acadêmico. Os resultados apontam com essa vivência que ambientes, metodologias e produtos inovadores afrofuturistas potencializam a aprendizagem criativa sobre a diversidade etnicorracial.

Palavras-chave: Afrofuturismo na Educação. CartoDiversidade. Aprendizagem Criativa. Criatividade. Inovação.

ABSTRACT

“Afrofuturism in Education: Creativity and Innovation to discuss ethno-racial diversity” is the research theme that addresses the applicability of Afrofuturism in Education in Professor Education classes at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pará (IFPA) Campus Belém. The overall objective was to create innovative and creative Afrofuturist environments, methodologies and instruments to discuss ethno-racial diversity at IFPA. It uses the method of Cartography through the clues: process monitoring, attention, narrative policy and intervention research according to Passos, Kastrup and Escóssia (2015). The research narrative flows through four stories and at each passage there is an orixá who guides the character Ananse Afrofuturista in his search for creativity and innovation. In the first and second stories, Ananse was taken by Oxumarê to Cinema Namibe in Angola with the following concern: *How can an Afro-Futuristic Virtual Reality environment make innovation visible in the creative making of Ethnic-racial Diversity?* In the third story, Oxum, the lady of Abébé, guided Ananse to the IFPA campus Belém in search of answers to the following concern: how does CartoDiversidade promote empowerment in a creative and innovative way in dealing with ethno-racial issues through the production of teaching materials? CartoDiversidade is an active methodology based on Cartemática, coined by Vaz (2018) and aims to promote interdisciplinarity between Art and Ethnicorracial Diversity through the Afrofuturist Movement. It consists of three Letters: Letter Inspiring Principles, Letter Exercising the Look and Letter Inspiration, using the principles of Maker culture and STEAM methodology. In the third story Ananse was guided by Oxaguiã, the lord of innovation and creativity, to the inventories produced as a product of the Inspirational Letter. Ananse found that the NEAB Virtual is a resource that makes the innovation of the creative making of Ethnic Diversity visible, with the fundamental characteristics of Afrofuturism impregnated in the products exposed in the context of each specific knowledge: ancestry, technology, autonomy and a possible future. The CartoDiversidade caused interdisciplinary connections between Afrofuturism and ethno-racial diversity permeated by creativity and innovation visible in the cartocurar and cartofazer in the three cards. CartoDiversidade is configured in a powerful active methodology in dealing with ethnic-racial diversity, bringing to the fore, in this specific case, the possibility of empowering male and female students through Art with the Afrofuturist movement, making them protagonists of their learning and inserting their voices and narratives with authorial educational products. CartoDiversidade, inspired by Cartemática, can be adapted to any curricular component and its Guide is the main product of the research. It was possible to see the innovation in the making and the creative process of the students from the clues produced in the Afrofuturistic inventories that served as an instrument where the change of posture is perceived in the face of the ethno-racial diversity that sprouted from the inside of each one, often hurt in the academic path. The results show with this experience that environments, methodologies and innovative Afro-Futuristic products enhance creative learning about ethno-racial diversity.

Keywords: Afrofuturism in Education. CartoDiversidade. Creative Learning. Creativity. Innovation.

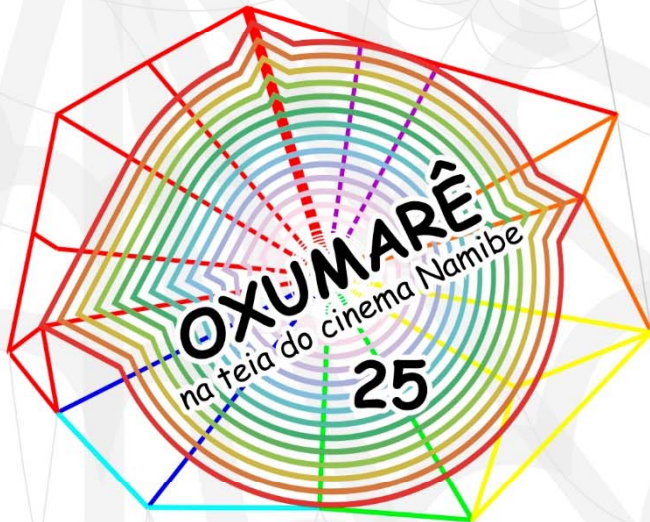
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ananse.....	23
Figura 2 – Símbolo Adinkra da Criatividade.....	26
Figura 3 - Carta do Tarô Egípcio da Inovação.....	26
Figura 4 – Orixá Oxumarê, obra de Lito Lopez.....	27
Figura 5 – Cinema Namibe.....	30
Figura 6 – Planta do Cinema Namibe 1.....	34
Figura 7 – Planta do Cinema Namibe 2.....	34
Figura 8 – Explosão Axonométrica do Cinema Namibe.....	35
Figura 9 – Recortes do Cinema Namibe.....	35
Figura 10 – Painel Praia das Miragens no Cinema Namibe.....	36
Figura 11 – Teto do Cinema Namibe.....	37
Figura 12 – Corredor interno do Cinema Namibe.....	37
Figura 13 – Avatar Kuumba.....	38
Figura 14 – NEAB Virtual.....	38
Figura 15 - Quadro Memórias.....	40
Figura 16 - Entrada do NEAB Virtual.....	40
Figura 17 - Matriz de Critérios.....	43
Figura 18 – Quadro de Produtos Educacionais inseridos no NEAB Virtual.....	44
Figura 19 - Símbolo Adinkra da Experiência.....	45
Figura 20 - Tecnologia Educacional Caminhando pela África.....	46
Figura 21 - Tecnologia Educacional Montando a QuimicÁfrica.....	47
Figura 22 - Tecnologia Educacional Funções da Linguagem: Contextualizando em África.....	49
Figura 23 - Tecnologia Educacional “Batalha Animal”.....	50
Figura 24 - Tecnologia Educacional Aplicativo “E. C Challenge”	51
Figura 25 - Tecnologia Educacional Bayo.....	53
Figura 26 - Símbolos Adinkra da Ancestralidade.....	57
Figura 27 - Colinas de Olosunta.....	62
Figura 28 - Cachoeira de Omi Òsun – Águas de Oxum.....	62
Figura 29 – Oxum na obra de Lito Lopez.....	63
Figura 30 - Fachada do IFPA campus Belém.....	66
Figura 31 - Biblioteca IFPA campus Belém.....	67
Figura 32 - Bloco M de salas de aula no IFPA campus Belém.....	72
Figura 33 - Infográfico do Guia da Metodologia Ativa CartoDiversidade.....	73
Figura 34 - Aplicação do Jogo Dominó Criativo.....	76
Figura 35 - Aplicação do Jogo Tabuleiro do Conhecimento.....	77
Figura 36 - Aplicação do Caça-Palavras Lógico.....	78
Figura 37 - Aplicação do Baralho Criativo.....	78
Figura 38 – Resumos Criativos das turmas.....	79
Figura 39 – Nuvem de Palavras das turmas.....	80
Figura 40 - Luciene Ernesto/Lu Ain-Zaila.....	83
Figura 41 - Livros de Lu Ain-Zaila.....	84

Figura 42 - Livro “Sankofia” e Ensaio “Afrofuturismo: o espelhamento negro que nos interessa”.....	85
Figura 43 - Nuvem de palavras Afrofuturismo.....	85
Figura 44 - Desenhos livres.....	87
Figura 45 – Infográfico Afrofuturismo.....	88
Figura 46 – Imagens dos Ipês no IFPA.....	89
Figura 47 - Evento “Encontro de Professores do Pará - Os desafios da educação étnico racial”.....	91
Figura 48 - Empoderamento Crédito: O Mundo de Tayó Produções Reprodução.....	94
Figura 49 – Nuvem de palavras de conceitos da diversidade etnicorracial.....	95
Figura 50 – Resumos Criativos de conceitos da diversidade etnicorracial.....	96
Figura 51 - Imersão na Diversidade Etnicorracial – Aplicativo Conhecendo as Relações Etnicorraciais.....	98
Figura 52 - Glossário Criativo 1.....	99
Figura 53 - Glossário Criativo 2.....	100
Figura 54 - Retrato de Oxum por Carybé.....	102
Figura 55 – Infográficos da Diversidade Etnicorracial.....	102
Figura 56 – HQ Era Afrofuturista.....	104
Figura 57 – Fluxogramas das Tecnologias Educacionais.....	109
Figura 58 – Teste da Tecnologia Educacional Afroterritorialidade.....	111
Figura 59 –Tecnologias Educacionais produzidas na Geografia.....	112
Figura 60 – Tecnologias Educacionais produzidas na Matemática.....	113
Figura 61 – Tecnologias Educacionais produzidas na Pedagogia.....	114
Figura 62 – Seminário Integrador das Licenciaturas.....	116
Figura 63 – Entrega dos Inventários.....	121
Figura 64 – Inventários Afrofuturistas.....	122
Figura 65 – Inventário no formato Álbum.....	123
Figura 66 – Inventário aluno Néilson.....	124
Figura 67 – Ellen Oléria.....	125
Figura 68 – Atividade de Produção.....	127
Figura 69 – Atividade de Inspiração Oxum / Beyoncé em “Hold Up” 1.....	128
Figura 70 – Atividade de Inspiração Oxum / Beyoncé em “Hold Up” 2.....	128
Figura 71 – Atividade de Visitação.....	129
Figura 72 – Orixá Oxaguiã na obra de Lito Lopez.....	134
Figura 73 – Capa do Inventário do aluno Matheus.....	137
Figura 74 – Infográfico Arco-Íris.....	138
Figura 75 – Slides com ídolos do Rap.....	139
Figura 76 – Slides sobre Empoderamento parte 1.....	139
Figura 77 – Slides sobre Empoderamento parte 2.....	140
Figura 78 – Infográfico criativo de Sankofia.....	141
Figura 79 – Colagem sobre Pantera Negra.....	141
Figura 80 – Inventário Afrofuturoheroísmo.....	143
Figura 81 – Inventário Afrofuturoheroísmo Grandes Cientistas.....	143

Figura 82 – Inventário aluna Jennifer.....	144
Figura 83 – Inventário Cine-teatro.....	144
Figura 84 – Inventário da aluna Carla.....	146
Figura 85 – Inventários Estéticos.....	150
Figura 86 – Nuvem de palavras Estética.....	151
Figura 87 – Inventário e Nuvem de palavras.....	151
Figura 88 – Inventário da Aluna Luciane.....	153
Figura 89 – Inventário Empoderamento.....	154

sumário



23
ANANSE

OS FIOS DA TEIA
15

AMARRANDO

OS FIOS

DA TEIA
156

OXUM 60
nas teias da cartediversidade

O DIA EM QUE ANANSE ESPALHOU A CRIATIVIDADE E A INOVAÇÃO PELO MUNDO

Conta uma história africana que certa vez Kwaku Ananse¹ estava sentado a contemplar o sol, pensando nas suas proezas, quando se sentiu extremamente vaidoso por ser tão inteligente.

Sorrindo, falou para si mesmo: *Realmente, sou muito esperto. Não acredito que haja alguém mais inteligente do que eu!*

Mas, no mesmo instante, veio-lhe uma dúvida e Ananse ficou preocupado: *É certo que sou inteligente, mas existem tantos povos diferentes... Eu posso não ser o mais sábio de todos... Pode haver alguém mais sábio do que eu!*

Isso o incomodou muito e, depois de refletir um pouco, Ananse teve uma ideia: *Ah, ah, ah, grande Ananse, só você mesmo para ter essa ideia! Já sei o que vou fazer, já sei!*

E concluiu satisfeito: *Vou sair pelo mundo pedindo um pouco de sabedoria a cada pessoa que encontrar pelo caminho. Coloco tudo dentro de uma grande cabaça e então certamente eu serei o mais sábio de todos!* Ananse dirigiu-se para a floresta.

Depois de encontrar uma grande cabaça, amarrou-a nas costas e iniciou sua viagem para coletar sabedoria. Ia de porta em porta, pedindo a todas as pessoas que lhe dessem um pouquinho de sabedoria. As pessoas riam de Ananse, mas como ele pedia sabedoria, acreditavam que era a mais tola das criaturas. E, com pena, cada uma foi colocando pouquinho de sua sabedoria na grande cabaça. Não demorou para que a cabaça de Ananse transbordasse de sabedoria. Ela estava tão cheia que não dava para colocar ali mais nenhum saber. *Seguramente, agora sou o mais sábio do mundo!* – exclamou Ananse muito satisfeito. *Mas preciso encontrar um lugar para esconder toda minha sabedoria, senão posso perdê-la, ou alguém pode querer roubá-la!*

Olhando ao redor, viu uma árvore imensa, com uma copa que parecia bater nas portas do céu. Muito satisfeito, falou: *Que sorte a minha! Vou esconder a sabedoria na copa desta árvore e nunca terei de me preocupar com os ladrões que possam querer roubá-la de mim!*

Ananse foi até a árvore para escalá-la. Tirou a grande cabaça das costas, pegou uma faixa de pano e amarrou-a na sua barriga, por imaginar que assim seria mais difícil a cabaça cair durante a escalada. Sem perder tempo, começou a escalar a árvore.

¹ Ananse tanto pode ser feminino, como masculino e possui vários nomes, exemplo: no norte do Togo com os povos kabides ele é chamado de Andjau, lá é masculino, é herói e pode possuir todas as qualidades e defeitos, alternadamente. (Vide: Pinguilly, 2005). Segundo os adinkras, significa sabedoria, esperteza, criatividade e a complexidade da vida.

Entretanto, a grande cabaça, completamente cheia de sabedoria, não permitia que ele subisse. Tentou e tentou inúmeras vezes, mas nada conseguiu. Naquele momento, apareceu o filho mais novo de Ananse. Vendo seu pai naquela luta para atingir a copa da árvore, aproximou-se e perguntou: *Meu pai, o que faz aí tentando subir nessa árvore?* Ananse respondeu: *Eu vou tentar escalá-la para guardar na sua copa esta grande cabaça, que está cheia de sabedoria!* E seu filho falou: *Mas, meu pai, não seria muito mais fácil se você amarrasse a cabaça nas costas, em vez de amarrá-la na barriga? Dessa maneira as pernas ficariam livres para escalar a árvore!*

Ao ouvir aquilo, Ananse sentou-se e ficou em silêncio por algum tempo. Então, falou para seu filho: *Meu filho, já não está na hora de você ir para casa?* Sem responder, o filho baixou a cabeça e partiu. Mal desapareceu, Ananse desamarrou a cabaça da barriga e novamente a amarrou nas costas, subindo tranquilamente na árvore e resolvendo seu grande problema.

Ao alcançar a copa da árvore, gritou para os ventos: *Andei e andei por toda parte coletando sabedoria e acreditava ser a pessoa mais sábia de todas! Mas hoje vi que meu filho, que ainda é criança, é mais sábio do que eu. Hoje aprendi uma valiosa lição: que sempre haverá alguém mais sábio que nós e sempre poderemos aprender muito com isso!*

Então, Ananse levantou a grande cabaça e, virando-a, derramou toda a sabedoria, que, carregada pelos ventos, espalhou-se pelos lugares mais distantes da Terra. E assim se conta como a sabedoria veio ao mundo, por meio da lição que Kwaku Ananse recebeu de seu pequeno filho.

Miranda (2008)

OS FIOS DA TEIA...

Uma aranha pode ser encontrada no parapeito da janela, e dias depois pode ter preenchido todo o espaço vazio com uma intrincada teia. Aí, então, ela se desloca para qualquer ponto, descansa, move-se novamente, para, e torna-se dona do espaço. Nenhuma outra entidade pode fazer o mesmo. Ela é a proprietária do espaço e dos muitos caminhos da teia.

Sabedoria Akan²

Afrofuturismo na Educação: Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial é o tema da pesquisa. Trato aqui da aplicabilidade do Afrofuturismo na Educação em turmas de Formação de Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA *campus* Belém.

Após intensa curadoria percebi uma carência de trabalhos que tratassem da temática Afrofuturismo e sua aplicabilidade na Educação. Destaco a existência de produções do Movimento Afrofuturista voltadas para a Estética, Ficção, Cinema, Literatura, Música, Dança, Pintura, Escultura, dentre outras.

Nesse sentido, a proposta buscou criar ambientes, metodologias e instrumentos afrofuturistas inovadores e criativos para discutir a diversidade etnicorracial no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) *campus* Belém.

A Cartografia, enquanto método de pesquisa, foi escolhida com o propósito de aproximar o Movimento Afrofuturista da Educação e encontrar possíveis respostas ou traçados de convencimento para as inquietações que me acompanhavam e me obrigou a estar atenta às entradas e saídas que apareceram nas narrativas orais, escritas, gestuais, imagéticas para mapear, cartografar as conexões e aguçar a sensibilidade.

A cartografia, portanto, propõe uma reversão metodológica no sentido de afastar-se de um conjunto de regras previamente estabelecidas, que são substituídas por pistas, na intenção de compor mapas. Implicado com o acompanhamento de processos e movimentos, o cartógrafo não se afasta do rigor do método, mas abre-se para sua resignificação. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 16)

Acompanhar processos para perceber as pistas é o foco de quem cartografa. A tecitura das teias desta pesquisa depreende que

os momentos de produção, análise e discussão de dados acontecessem simultaneamente, como o ato de caminhar, que é constituído por passos que se sucedem sem se separar, em um movimento contínuo, desenhado pelo anterior e pelo que vem em

² Disponível em: <http://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/02/ananse-ntontan-simbologia-adinkra.html>

seguida. A tônica da processualidade está igualmente presente no momento da escrita. (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 52)

O método cartográfico pressupõe a utilização de pistas que guiam o pesquisador e funcionam como “referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 13)

Aqui, utilizamos quatro das oito pistas propostas: pesquisa-intervenção, atenção, política da narrativa e acompanhar processos, que estão interligadas e se conectam realizando entrelaçamentos mútuos em todo o decorrer do percurso.

Na pista da atenção cartográfica os autores abordam que a observação faz emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar. E os resultados dessas observações entram na composição de cartografias, onde o conhecimento produzido não é resultado da representação de uma realidade preexistente. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015)

Caminhando com a atenção aguçada, auxiliada por um Diário de impressões e um aparelho de celular, com seus vários recursos, rastreei pistas que permitiram a construção das Teias da pesquisa. O propósito foi fazer conexões, cartografar processos, encontros e afetos que formaram mapas autorais. Essa cartografia pretende ser textual e visual possibilitando à pesquisadora-cartógrafa usar desenhos, colagens, aplicativos computacionais, animações e toda sorte de registros que puder lançar mão.

A política da narrativa é uma pista que diz respeito à posição que o pesquisador toma, perante o mundo e a si mesmo, ao definir a forma de expressar os acontecimentos forçando uma mudança das práticas de narrar. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015)

A narrativa aqui proposta usa a metáfora de uma aranha, mas não qualquer aranha: trata-se de uma aranha inspirada em Ananse Ntontan que tece uma longa teia dourada, com fios tênues e muito resistentes, que investigou como ambientes, instrumentos e metodologias inovadoras afrofuturistas potencializam a aprendizagem criativa sobre a diversidade etnicorracial. Para

tornar a narrativa mais clara e fluida, chamaremos a pesquisadora-cartógrafa de pesquisadora-Ananse.

Como tecer estas Teias? Quais os caminhos que formam esta tecitura? Para quem tecer as Teias? Para que tecer as Teias? Onde tecer as Teias? Qual a geometria da tecitura? Onde as Teias nos levarão?

Se Cartografar é a tarefa de dar língua aos afetos que pedem passagem, de mergulhar nas intensidades (ROLNIK, 2016, p. 23), tecer as Teias desta pesquisa é cartografar.

A pista de acompanhar de processos insere o pesquisador entre pulsações no campo da pesquisa porque este encontra o ambiente impregnado por uma história anterior e de movimentos processuais em que os acontecimentos estão se dando em fluxos continuados, pois “o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 59).

O desafio aqui foi cartografar os processos, os encontros, os afetos em um espaço dinâmico em permanente processo de reconhecimento, produção e renovação potencializando a inovação e a criatividade para discutir as questões etnicorraciais. Isso demandou fazer conexões para estabelecer linhas de aproximação com o objeto que foram a inovação e a criatividade pelo viés da Diversidade Etnicorracial.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe que, para conhecer a realidade, o pesquisador acompanhe seu processo de constituição, o que exige uma imersão no plano da experiência, pois conhecer e fazer se tornam ações inseparáveis e se constituem no percurso. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015)

O início dessa jornada foi de grande inquietação ao utilizar o método da Cartografia para descobrir se ambientes, metodologias e produtos inovadores afrofuturistas potencializavam a aprendizagem criativa sobre a diversidade etnicorracial.

Munida de quatro pistas, das oito propostas por Passos, Kastrup e Escóssia (2015): atenção, acompanhar processos, pesquisa-intervenção e política da narrativa, saí a campo procurando me despir de tudo que tinha vivenciado sobre pesquisar. Era um movimento novo, como uma espiral que me enredava.

Por vezes me senti perdida, sem rumo. Inúmeras vezes cheguei a mergulhar nos livros para procurar inspiração e me afoguei. Nessas horas fui trazida à tona para respirar e me aliviar pela orientadora nas orientações individuais e nas orientações coletivas, também pelos colegas do grupo de pesquisa, nos estudos de textos e seminários de apresentação do que já tínhamos feito. Nesses momentos, sempre encontrei incentivo, uma palavra amiga e, acima de tudo, voltava mais fortalecida porque a orientadora e os colegas sempre encontravam avanços e destacavam aspectos positivos de minha caminhada. Era um Porto Seguro que eu esperava ansiosa pois precisava me fortalecer como o sedento procura água e o faminto procura alimento. A cada encontro o fio mais forte e brilhante que atravessava todas as teias, o Afrofuturismo, ganhava forma, engrossava e se consolidava, principalmente a partir do encontro com Sankofia de Lu Ain-Zaila (2019).

Destaco o encontro com Sankofia como um marco no esclarecimento e na estruturação da aplicabilidade do Afrofuturismo na Educação, estrutura que se constitui como o aspecto inovador desta pesquisa, pois desconheço outro trabalho que trate da aplicabilidade do Afrofuturismo na Educação. As principais características que, para nós são importantes quando questões etnicorraciais são discutidas na Formação de Professores são: ancestralidade, tecnologia, autonomia e futuro possível.

A criatividade e a inovação foram os fios tênues dourados que irrigavam a estrutura da pesquisa como se fossem artérias poderosas. Criatividade sustentada na perspectiva de Csikszentmihalyi (1996) e Winnicott (1989). Csikszentmihalyi (1996) propõe uma abordagem sistêmica que acontece na interação dos pensamentos do indivíduo com o contexto sociocultural em que está inserido e não no sujeito isolado, que é quem irá produzir variações e introduzir mudanças no domínio ou área de conhecimento, no caso da pesquisa, a Diversidade Etnicorracial. Logo, a criatividade é entendida como como um ato, ideia ou produto que modifica um domínio já existente ou o transforma em um novo ambiente social desde que este seja responsivo ao “novo”.

Na abordagem de Winnicott (1989) o “fazer criativo” está fortemente vinculado ao “sentimento de existência” e ao “sentimento de ser”. É algo que dá colorido à vida e não está relacionada a um “*insight* inspirador”, mas é uma

experiência no plano do viver que possibilita a percepção a partir do sentimento “que a vida vale a pena”.

O conceito de inovação que atravessa e irriga o corpo do trabalho se apoia em dois teóricos: Fullan (2001) e Messina (2001). Fullan (2001) caracteriza inovação como um processo aberto e multidimensional que agrega um conjunto de intervenções, decisões com certo grau de intencionalidade e sistematização, que objetivam transformar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas e Messina (2001) define inovação como processo multidimensional capaz de transformar o espaço no qual o indivíduo habita e de transformar-se a si próprio.

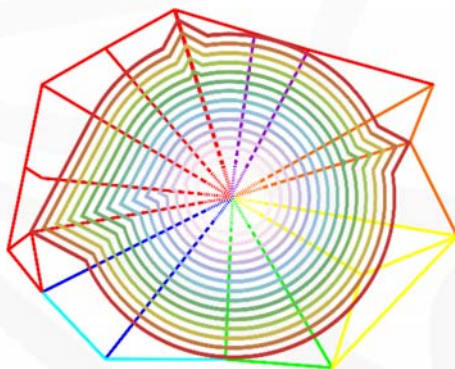
O Afrofuturismo, a criatividade e a inovação se ancoram na abordagem de experiência de Larrosa (2002, p. 21) como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e se constitui nos filamentos microscópicos da seda de cada teia como se fossem vasos sanguíneos delicados e complexos, mas necessários para a sobrevivência e sustentação de cada etapa percorrida.

Foram dois anos de curadoria e intenso estudo sobre esses conceitos. Antes, durante e depois do término da pesquisa retornei a eles como em um ciclo para reconfigurar meus saberes e aplicá-los da melhor forma.

A narrativa escolhida foi através de contos e histórias, pois Ananse “pedia” esse tipo de escrita. Foi a personagem eleita, por caracterizar o contexto da pesquisa e onde a pesquisadora se identificou. A pesquisa é contada através de quatro contos e a cada passagem existe um orixá que guiará a Ananse afrofuturista em sua busca por criatividade e inovação.

Cada conto é uma teia que Ananse tece com criatividade e inovação e tem seu próprio desenho. Ananse é uma aranha com intenso potencial criativo. No primeiro e segundo contos, a Ananse pesquisadora Afrofuturista, tem a seguinte inquietação: *como um ambiente afrofuturista de Realidade Virtual pode visibilizar a inovação no fazer criativo da Diversidade Etnicorracial?*

Nessa busca ela é levada por Oxumaré ao Cinema Namibe em Angola e quando adentram no *NEAB Virtual*, ele se transforma no avatar Kuumba que é o Guia do ambiente de Realidade Virtual (RV). A teia tecida por Ananse utiliza os fios da criatividade, da inovação e do Afrofuturismo utilizando as cores do arco-íris e em seu formato esférico predominam curvas sinuosas.



No NEAB Virtual Ananse encontra seis produtos educacionais, em uma perspectiva afrofuturista, que despertam o encantamento e a curiosidade, e ao mesmo tempo, são provocações para a forma como enxergamos o continente africano e as diversidades etnicorraciais ali presentes, com uma África inventada pelo colonizador e que, até os dias atuais, são invisibilizadas pelos aparelhos ideológicos e, no caso da escola, no livro didático e que repercutem de forma negativa na autoestima dos alunos e alunas.

Aqui são encontradas as Tecnologias Educacionais *Bayo*, *Batalha Animal*, *Funções da Linguagem: Contextualizando em África*, *Caminhando pela África*, *Montando a QuimicÁfrica* e o aplicativo *E. C. Challenge* que foram concebidos em turmas de Licenciatura em Ciências Biológicas, Geografia, Letras – Língua Portuguesa e Química.

No terceiro conto, *Oxum*, a senhora do *Abébé*, que tem o empoderamento nas mãos, guiará Ananse até o IFPA *campus* Belém na busca por respostas à seguinte inquietação: *como a CartoDiversidade promove o empoderamento de forma criativa e inovadora no trato com as questões etnicorraciais através da produção de materiais didáticos?*

Nessa caminhada Ananse tece uma teia com fios amarelos e dourados. A teia tem um formato triangular que lembra o *Abébé*.



A CartoDiversidade é uma metodologia ativa baseada na Cartemática, cunhada por Vaz (2018) e se propõe a promover a interdisciplinaridade entre a Arte e a Diversidade Etnicorracial através do Movimento Afrofuturista com a obra Sankofia de Lu Ain-Zaila (2019). É composta de três Cartas: Carta Princípios Inspiradores, Carta Exercício do Olhar e Carta Inspiração, utilizando os princípios da cultura *Maker*³ e da metodologia STEAM⁴.

A aprendizagem mão na massa promove situações de aprendizagem por desafios ou por resolução de problemas, suscitam o protagonismo e a autonomia dos alunos colocando-os no centro do próprio processo de aprendizagem e possibilita o surgimento de novas formas de ensinar e aprender.

A CartoDiversidade dialoga com os pressupostos do conceito de interdisciplinaridade de Freire (1993) como um processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. Também se conecta com Fazenda (2011, p. 11) que pressupõe “uma atitude de abertura, não preconceituosa, em que todo o conhecimento é igualmente importante”.

Durante a disciplina Matemática e Arte ministrada pela Professora Cristina Lúcia Dias Vaz, impactada com a metodologia ativa autoral da Aprendizagem Criativa cunhada como Cartemática que vivenciei, resolvi sistematizar os principais conceitos, categorias e elementos fundantes daquele fazer inovador que me inspirou a propor a CartoDiversidade.

O terceiro conto nos leva aos inventários produzidos pelos alunos como produto da Carta Inspiração e Ananse é guiada por Oxaguiã, o senhor da inovação e da criatividade.

O Inventário constitui-se como "um exercício criativo de aprendizado que aciona a história pessoal e a memória nas diferentes leituras sobre o aprendizado adquirido". (VAZ, 2018, p. 51)

³ O movimento *maker* é uma extensão tecnológica da cultura do “Faça você mesmo”, que estimula as pessoas comuns a construírem, modificarem, consertarem e fabricarem os próprios objetos, com as próprias mãos. Isso gera uma mudança na forma de pensar (...) É o famoso “pôr a mão na massa” (SILVEIRA, 2016, p. 131).

⁴ A Metodologia STEAM é um conceito multidisciplinar que une Ciências, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática e se propõe "por meio de atividades desafiadoras de resolução de problemas reais, criar oportunidades aos alunos de aprendizagens para toda a vida". (FILLARDI, 2018, p.11).

Inventariar é identificar indícios dos saberes que estão incluídos na bagagem cultural que fazem parte do repertório pessoal enquanto sujeito, que são ressignificados através de novos saberes e afetos.

A teia aqui tecida tem fios brancos e azul claro como o céu no formato de folhas.



Tomamos as categorias inovação e criatividade como fios condutores desta caminhada atemporal que dialoga com os vértices do triângulo passado, presente e futuro na preservação da memória de toda a experiência vivenciada e na proposta de um fazer novo e diferente. Não uma memória estática e contemplativa, mas uma memória dinâmica que faz conexões com possibilidades para o presente e deixa um alicerce para práticas futuras, na perspectiva de como ela será materializada.

Convido o leitor a adentrar no universo afrofuturístico da Diversidade Etnicorracial, narrado por Ananse, a aranha a qual me transformo a cada troca de pele, a cada possibilidade que me deparo de melhorar a qualidade das relações de ensinar e aprender na perspectiva de superar "práticas bancárias" na Educação para as Relações Etnicorraciais.

ANANSE

Figura 1 - Ananse



Fonte: Arte de Saemi Yoshida. Fevereiro, 2020.

Quem é Ananse?

Sou uma aranha milenar que passeia em diversas culturas, dentre elas a africana. De tempos em tempos troco de pele. Sou inquieta, curiosa, astuta e sábia e me valho de artimanhas para atingir meus objetivos. Possuo a habilidade de tecer teias lindas adquiridas em minhas caminhadas.

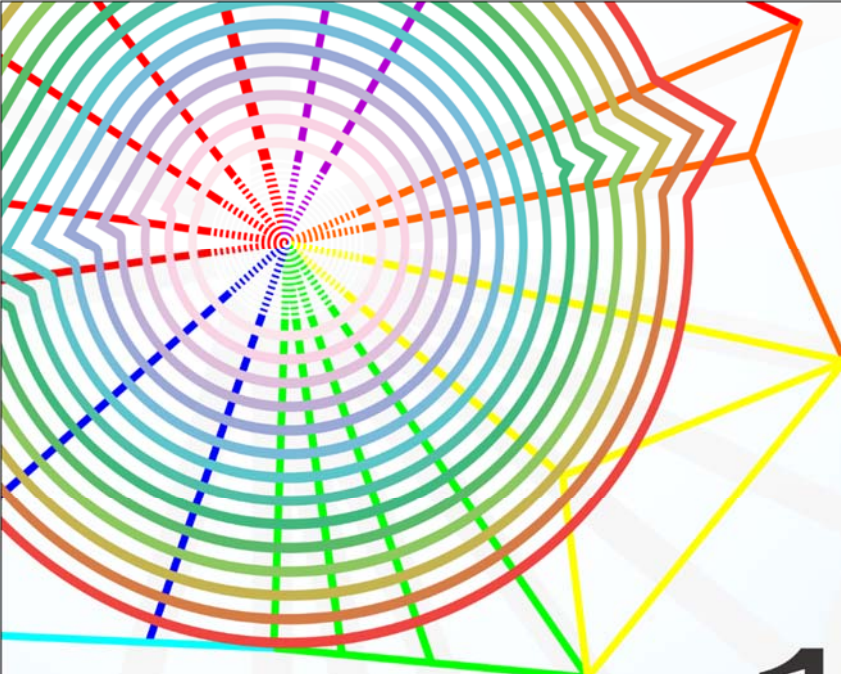
Já vivi aventuras em certo momento da minha existência em busca de sabedoria. Hoje, empreendo uma caminhada em busca de criatividade e inovação e, em minhas entranhas, carrego o Afrofuturismo como mecanismo de empoderar meus filhos dispersos na Diáspora usando suas características: autonomia, futuro possível, tecnologia e ancestralidade.

Pretendo fazer uso desses poderes na Educação ao pensar novas possibilidades de convivência com a diversidade etnicorracial. Sei que tenho uma missão com o Afrofuturismo: conectar passado, presente e futuro, possibilitando o empoderamento.

Vou em busca de lugares onde essa utopia seja possível. Não sei o que vou encontrar no caminho, para isso preciso de atenção redobrada, caminhando

e construindo caminhos, tomando decisões, acompanhando os processos que me deparo e fazendo desses ingredientes, instrumentos de narrativas do que “me afeta, do que me passa e do que me toca” nesse percurso.

Descobri-me nesse momento uma contadora de histórias. Essas histórias são teias tecidas com os mais belos fios e cores e são conectadas fio a fio reconstruindo memórias. São, antes de mais nada, narrativas que têm poder, sejam elas versões mitológicas ou científicas. Valho-me dessa narrativa com base em meus ancestrais que valorizavam a tradição oral como forma de transferência de conhecimento e resistência. Tecer teias é tecer resistência.



1

OXUMARÊ NA TEIA DO CINEMA NAMIBE



Não há maior agonia do que ter uma história não contada dentro de você.

Maya Angelou

Era uma noite como qualquer outra noite... eu - aranha Ananse – estava a tecer minhas teias enfadonhamente. Faltava algo, estava angustiada. Procurava *zuhura*⁵ e há tempos venho sonhando com Ananse Ntontan⁶.

Figura 2 – Símbolo Adinkra da Criatividade



Criatividade

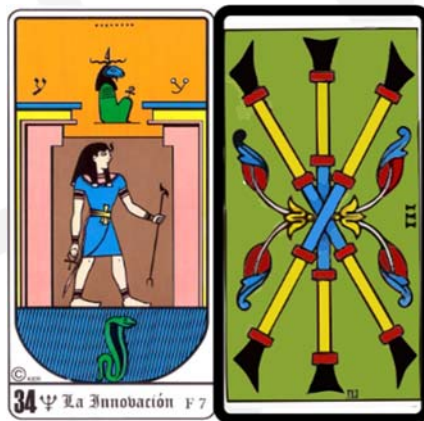
ANANSE NTONTAN

Fonte:

<https://www.redbubble.com/people/grimalkinstudio/works/14662998-ananse-ntontan-adinkra-symbol>

Não adiantava procurar distração durante o dia ou na tecitura de teias. Acompanhado de Ananse Ntontan vejo a carta do Tarô Egípcio da Inovação⁷.

Figura 3 - Carta do Tarô Egípcio da Inovação



Fonte: <http://tarotstusecreto.blogspot.com/2015/06/la-innovacion-arcano-menor-n-34-tarot.html>

⁵ Significa Brilho no dialeto Suarili na África Oriental. Disponível em: http://www.nomesafricanos.xpg.com.br/femininos/z_f.html

⁶ Símbolo Adinkra da Criatividade chamado Ananse Ntontan que significa "A teia de aranha".

⁷ A mais antiga referência ao Tarô, no Egito, onde suas cartas foram encontradas em um antigo conjunto de hieróglifos. Essas cartas apresentam um total de setenta e oito lâminas, entalhadas por membros de uma religião misteriosa, sendo vinte e dois Arcanos Maiores e cinquenta e seis Arcanos Menores. Fazia parte do Livro de Thot, que continha a chave de toda a sabedoria daquele povo. A carta da Inovação que é tida como elemento de evolução, simboliza a virtude humana do esforço direcionado. É a própria história humana que está produzindo novas criações e conhecimentos baseados no que já foi criado, aprendido e estabelecido por aqueles que nos precederam. Na carta do Tarô da Inovação a figura principal é um homem atravessando um suposto portal, como se estivesse indicando que encontrou a saída. Este "portal" tem três cores. O número 3 representa inspiração, ideação, criação, produção, fruição, realização, otimismo.

Espero o dia amanhecer e saio por esse mundo em busca da Criatividade e da Inovação. No caminho, ao entardecer, cai uma chuva fininha que se confunde com o sol formando um arco-íris maravilhoso. Paro para admirar, extasiada, a paleta de cores e, recuo em um salto para trás, ao me deparar com uma grande cobra colorida que morde a própria cauda, encarregada de levar a água dos mares, para o céu, para que a chuva possa formar-se naquilo que conhecemos como arco-íris.

Após um primeiro estranhamento, me encanto com o colorido das curvas daquele ser e ansiosa por respostas passo a estabelecer contato, descobrindo que sua função era assegurar a comunicação entre o mundo sobrenatural, os antepassados e os homens, similar a um cordão umbilical.

Um pouco amedrontada, pergunto:

- *Como você se chama?*

O ser então, responde:

- *Me chamo Oxumarê, sou filho de Nanã e Oxalá.*

Oxumarê percebendo minha curiosidade, acrescenta:

- *Nem sempre sou assim. Resolvi ser a ponte, o mensageiro do amor impossível entre Xangô e Oxum, pois era difícil viverem juntos, já que a casa de Oxum era no fundo do rio e Xangô morava por cima das nuvens, no Orum (céu).*

E, um pouco incrédula, questiono:

- *Como você consegue fazer isso?*

Exerço essa missão apenas durante a metade do ano em que me transformo em arco-íris, levando as águas de Oxum para o céu. Nos outros seis meses sou cobra e fico aqui. Nesse período, Xangô precisa descer até o reino de Oxum, e então acontecem os temporais da estação das chuvas.

Figura 4 – Orixá Oxumarê, obra de Lito Lopez



- Que coisa mais linda, Oxumarê. Me ponho a pensar que ele faz o papel de Cupido.

Após algum tempo de silêncio e estranhamento, Oxumarê questiona sobre o que uma aranha estaria fazendo na estrada, quando deveria estar tecendo teias se balançando.

- Ah! Oxumarê, resolvi sair pelo mundo para encontrar criatividade e inovação. Tecer teias tornou-se uma atividade enfadonha de uma hora para outra. Esse ofício não consegue preencher um grande vazio que se formou na minha vida e está a me incomodar.

Oxumarê, intrigado responde:

- Mas desde que mundo é mundo o ofício de uma aranha é tecer teias.

E respondo:

- Sou Ananse. Não sou uma aranha qualquer. Meu ofício está para além de tecer teias. Minhas teias são teias coloridas de diversos formatos. Me especializei ao longo dos séculos em contar histórias que teço com a mesma maestria de tecer teias.

E o que você está procurando, pergunta Oxumarê.

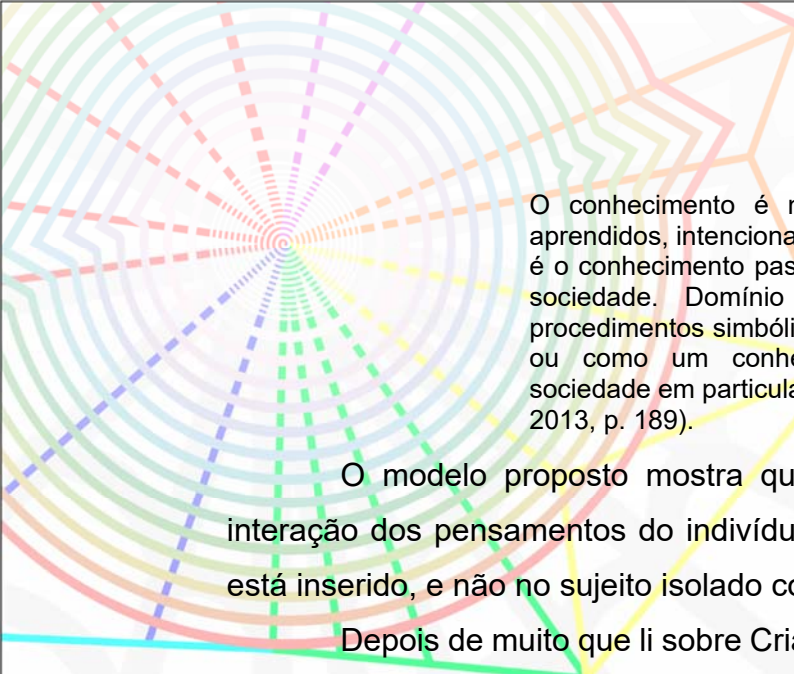
Respondo que estou em busca da Criatividade e da Inovação. Mas não é uma Criatividade e uma Inovação qualquer.

- Oxumarê, a Criatividade que venho buscando e por mim almejada é como a que li em um livro de um autor chamado Csikszentmihalyi (1996) que faz uma abordagem sistêmica, em que três fatores são estruturantes: o indivíduo, o domínio e o campo. Para ele, os processos criativos são fruto das interações e interseções entre as experiências de vida dos indivíduos, seu domínio cultural e suas relações e necessidades no campo social.

Oxumarê retruca:

- Mas como o indivíduo, o domínio e o campo se relacionam?

- Ah! Oxumarê, essa relação ocorre da seguinte forma: um indivíduo utiliza informações de determinado assunto e transforma-a ou estende-a via processos cognitivos, traços de personalidade e motivação. Os especialistas que dominam determinado assunto avaliam e selecionam novas ideias. A temática, que é um sistema de símbolos culturalmente definido, preserva e transmite os produtos criativos para outros indivíduos e futuras gerações.



O conhecimento é mediado por símbolos sendo transmitidos e aprendidos, intencionalmente de geração para geração. Então, cultura é o conhecimento passado através do símbolo em uma determinada sociedade. Domínio consiste em um conjunto de regras e procedimentos simbólicos. Também pode ser conhecido como cultura ou como um conhecimento simbólico compartilhado por uma sociedade em particular. (CSIKSZENTMIHALYI, 1996 *apud* MENDES, 2013, p. 189).

O modelo proposto mostra que a criatividade ocorre justamente na interação dos pensamentos do indivíduo com o contexto sociocultural em que está inserido, e não no sujeito isolado como afirma Mendes (2013).

Depois de muito que li sobre Criatividade, não me contentei com apenas uma versão e me deparei com outro autor chamado Winnicott (1989) que fala sobre experiência criativa em que o “fazer” está fortemente vinculado ao “sentimento de existência” e ao “sentimento de ser”, que estão intrinsecamente associados.

- *E o que seria essa experiência criativa segundo esse autor, Ananse?*

A experiência criativa é “uma experiência na continuidade espaço-tempo, presente na abordagem do indivíduo à realidade externa” e traduz “uma forma básica de viver” (WINNICOTT, 1975, p.75).

- *Ah! Ananse, então já entendi o que você procura tão ansiosamente, retruca Oxumarê. Vou levá-la até um local no continente africano onde você vai encontrar o que tanto anseia.*

Oxumarê usa o arco-íris como ponte traçando um caminho até onde eu poderia encontrar a criatividade e a inovação que tanto ansiava.

No percurso, me coloco a pensar acerca da inovação e digo ao meu guia:

- *Oxumarê, sobre a inovação...*

- *Ananse, qual a inovação que você busca?*

- *Sobre a Inovação, aspiro encontrá-la com base em Fullan (2001) que a caracteriza como um processo aberto e multidimensional. O autor faz uma importante distinção entre os conceitos de “criar” e “inovar”.*

Ainda na caminhada pela ponte colorida em forma de Arco-íris, Oxumarê fica intrigado e pergunta:

- *E qual a diferença entre criar e inovar?*

- *Meu amigo, criar seria gerar ideias originais e úteis, uma maneira de interpretar o mundo de uma forma nova, diferente. Inovar refere-se à ação de colocar em prática uma ideia gerada. Inovar pressupõe a implementação de uma ideia.*

Acredito que existe um elo entre atitude e inovação. Nessa linha conheci a obra de Cardoso (2002) que possui uma conexão entre atitude e inovação, postulando que esta caracteriza-se pelos hábitos, rotinas e comportamentos institucionalizados já estabelecidos e essa é a razão das reações favoráveis ou desfavoráveis a ela. Mas, para que uma inovação aconteça, os atores institucionais devem estar abertos e receptivos à mudança desenvolvendo atitudes favoráveis à sua incorporação. A autora postula que a inovação, por ser um processo inacabado, mais importante do que o produto é a disposição permanente de inovar. Assim, a condição essencial de um projeto inovador reside na sua novidade e na sua capacidade de melhorar a prática vigente e, desta forma, aprender a recomeçar seria a primeira condição de todos os inovadores.

Os dois caminham nessa ponte pelo mundo indo parar na costa ocidental da África, em Angola, e se deparam com uma obra arquitetônica que chama a atenção pela sua imponência.

Era o Cinema Namibe!!!

Figura 5 – Cinema Namibe



Fonte: Afonso Quintã, 2017, p. 60.

Fico extasiada com a onipotência arquitetônica do edifício. Nunca tinha visto nada parecido.

Oxumarê, percebendo minha excitação, se apressa em passar informações:

- Ananse, essa é uma construção com 20 metros de altura inspirada na obra de um arquiteto brasileiro chamado Oscar Niemeyer. Retrata uma arquitetura futurista, cósmica, espacial, fazendo lembrar uma nave espacial do tipo OVNI, com as suas "garras" fincadas à terra. Esse cinema foi planejado pelo arquiteto

português Botelho Pereira e entregue ao povo angolano em 1975 quando eclodiu a guerra civil no país, às vésperas da Independência de Angola.

- Então, aqui serviu de palco para muitas histórias cinematográficas, Oxumarê... Muito interessante. É um modo de contar histórias diferente do que venho realizando através dos tempos.

- Não foi bem assim, Ananse: o que deveria ser a primeira sala de cinema da capital do Namibe, nunca recebeu filmes ou foi inaugurada. Há 45 anos sofre o descaso das autoridades estando ao relento.

Pergunto ao meu guia:

- Você observou que esse cinema tem o formato de um arco-íris também?

Oxumarê tinha seus motivos para levar Ananse a esse local:

- Para muitos o nome do cinema é uma incógnita. Para alguns, além de Namibe, o cinema podia ser chamado de Arco Íris pelo seu formato.

Ao atravessar o portal do cinema, Oxumarê trava diálogo com Ananse:

- Cara Ananse, vamos adentrar em um espaço chamado NEAB Virtual onde poderei lhe mostrar a criatividade e a inovação tão procurada por você.

*Ananse é uma aranha contadora de histórias
Não teme ninguém nem tem medo de nada
Tem astúcia e curiosidade
Há tempos anda entediada e, com certo heroísmo
vai atrás de inovação e criatividade
Carregando dentro de si o Afrofuturismo*

*Depois de muito caminhar
E ansiosa por ler
Encontra uma árvore de baobá
pega seu diário e começa a escrever
se assenta pedindo ajuda ao orixá
aparece um arco-íris e nele Oxumarê*

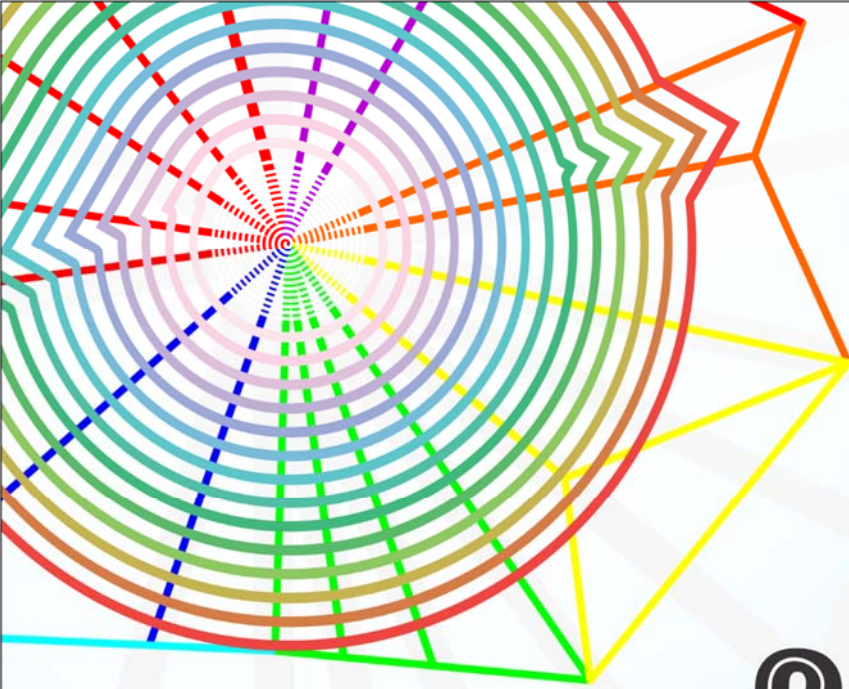
*Oxumarê é o orixá da mudança e da transformação
Pergunta a ananse o que a inquieta e a assola
Ela responde que procura por criatividade e inovação
Então venha comigo, iremos até Angola
O orixá é decidido e parece que nada o inibe
Venha comigo ao Cinema Namibe.*

*Ananse é uma pesquisadora
E trabalha com o método da cartografia
Precisava encontrar o que buscava de forma desafiadora
Tinha quatro pistas a seguir e isso a desafia:
Política da narrativa, atenção, acompanhar processos e pesquisa-intervenção
Para encontrar a criatividade e a inovação*

*O Cinema Namibe tem formato de arco-íris
Lembrando de Oscar Niemeyer pela arquitetura
No céu passeiam colibris
Uma obra futurista, cósmica e de ampla tectura
Concebida por José Botelho Pereira nunca vi nada igual
fazendo lembrar uma nave espacial*

*Ananse vai conhecer um ambiente de realidade virtual
Oxumarê transforma-se em Kuumba
Para mostrar à Ananse a inovação e a criatividade
No NEAB Virtual um cinema que mais parece uma nave espacial
Terá que fazer imersão
Com elementos da Ancestralidade*

*A Ananse pesquisadora
Precisa fazer Curadoria, uma tarefa sagaz
Csikszentmihalyi, Winnicott e Mendes,
Fullan, Messina e Vaz
Paulo Freire e Larrossa
Será uma cartografia promissora.*



2

KUUMBA NA TEIA DO NEAB VIRTUAL



À medida que adentramos no Cinema Arco-Íris ou Namibe, eu pensava nessa nova forma de produzir narrativas para além da que eu conhecia que era a narrativa escrita e oral. O cinema deveria ser um mecanismo criativo e inovador.

Extasiada paro para observar mais atentamente e resolvo fazer uma curadoria acerca do cinema. E encontro em Quintã (2017, p. 58) que:

Em 1973, o proprietário do Cine-Moçâmedes, o Sr. Bauleth Eurico Gaspar, encomenda ao Atelier Boper um projeto de um novo edifício de cinema para Angola. O cinema, por muitos apelidado como “a nave espacial” e “Arco-Íris”, começa a ser construído em janeiro de 1974.

Figura 6 – Planta do Cinema Namibe 1



Fonte: <http://princesa-do-namibe.blogspot.com/2011/10/casas-de-espectaculo-em-mocamedes.html>

Figura 7 – Planta do Cinema Namibe 2

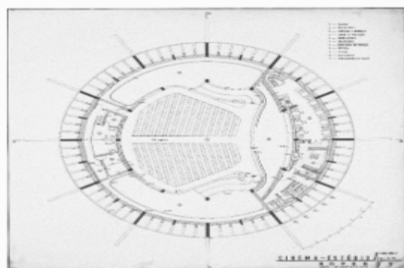


Fig. 82 – Planta piso 1

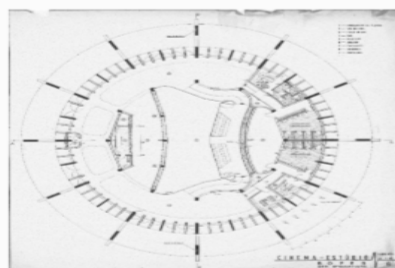
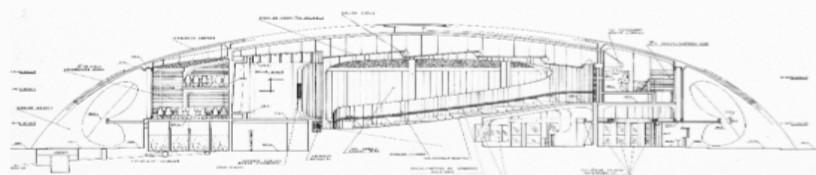
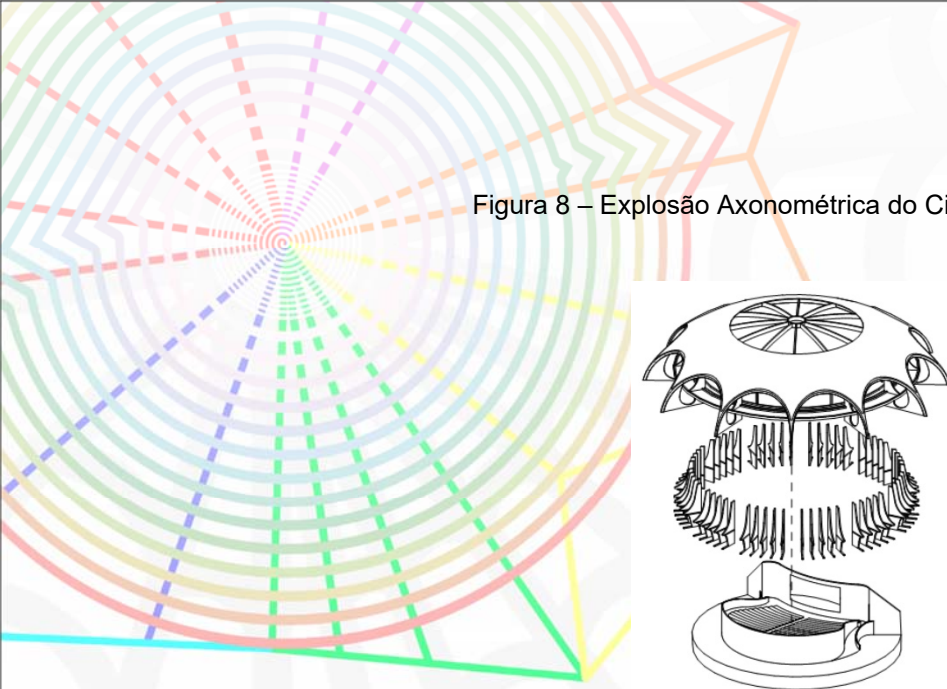


Fig. 83 – Planta piso 0



Fonte: Afonso Quintã, 2017, p. 60.

Figura 8 – Explosão Axonométrica do Cinema Namibe



Fonte: Afonso Quintã, 2017, p. 62.

Na curadoria observo que o profissional responsável foi José Botelho Pereira, um arquiteto português, cuja obra transparece a preponderância da planta circular. Ele costumava dizer que uma casa era como um ovo e que no centro estava a vida. No caso do Cinema Namibe, “é o espaço da plateia que ocupa o centro da estrutura” e os espaços “comuns” ocupam a base circular em redor. (QUINTÃ, 2017, p. 76)

Figura 9 – Recortes do Cinema Namibe



Fig. 86 - Cine-estúdio Namibe, exterior

Fig. 87 - Cine-estúdio Namibe, foyer

Fig. 88 - Cine-estúdio, plateia

Fonte: Afonso Quintã, 2017, p. 63.

Ansiosa por mostrar esses resultados, levanto-me ansiosa:

- *Oxumarê, onde está você? Olhe o que encontrei.*

Mostro os resultados e ele ri, falando calmamente:

- *Ananse, esse Cinema nunca foi inaugurado.*

- *E porquê?*

- *Por conta da Guerra Civil na Independência de Angola, em 11 de Setembro de 1975, responde Oxumarê. Embora o Cinema Namibe, com essa arquitetura futurista, cósmica, espacial, que fazia lembrar um OVNI, com as suas "garras" fincadas à terra, estivesse em fase adiantada de construção, isso não foi possível.*

- *Ananse, olhe os painéis em alto relevo colocados na parede do Cinema. Venha aqui, fala Oxumarê. São europeias e remetem para o ambiente da Praia das Miragens na época colonial. Foram feitas pelo escultor Fernando Marques e a sua fantástica obra, lamentavelmente nunca foi convenientemente valorizada pela autoridade local.*

Figura 10 – Painel Praia das Miragens no Cinema Namibe



Fonte: <http://princesa-do-namibe.blogspot.com/2011/10/casas-de-espectaculo-em-mocamedes.html>

Respondo extasiada:

- *Esse cinema é testemunho vivo do quanto os angolanos estavam atualizados, pois nada do gênero tinha sido construído, na época, em Angola nem em território português.*

- *Sim Ananse, retruca Oxumarê, sem dúvida esta foi uma fase de esplendor da arquitetura modernista que primava pela concepção de prédios assemelhados a naves espaciais, objetos voadores, estações em órbita no espaço celeste. Lamentavelmente esta nave espacial aterrada pelos portugueses no deserto do Namibe, desde 1975, encontra-se abandonada.*

- *Olhe Ananse, como é linda a perspectiva da plateia e da abóbada ornamentada com a figura do Sol majestoso.*

Figura 11 – Teto do Cinema Namibe



Fonte: <http://princesa-do-namibe.blogspot.com/2011/10/casas-de-espectaculo-em-mocamedes.html>

- Olhe Oxumarê, como são belos e sugestivos estes detalhes do corredor interior que contorna o edifício.

Figura 12 – Corredor interno do Cinema Namibe



Fonte: <http://princesa-do-namibe.blogspot.com/2011/10/casas-de-espectaculo-em-mocamedes.html>

- Venha Ananse, fala Oxumarê. Vou mostrar o que você estava em busca: a criatividade e a Inovação.

Me aproximei um tanto quanto curiosa e um túnel se abre. Ao final enxergo um brilho intenso que chega a cegar minha visão por alguns segundos.

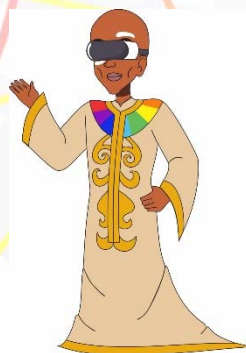
- Não temas Ananse. Vamos atravessar o portal da Realidade Virtual (RV).

Fui caminhando lentamente, parecia que estava presa ao chão. E, quando abro os olhos me deparo com um homem enorme, negro, de quase dois metros de altura, vestido com uma túnica com as cores do arco-íris e um óculos preto que encobria metade do seu rosto. Este ser não andava, volitava.

- Ananse, lá fora sou Oxumarê, mas aqui nesse ambiente de Realidade Virtual meu nome é Kuumba, que significa Criatividade no dialeto Swahili, língua do

Leste Africano. Sou o avatar guardião do NEAB Virtual e me apresento com outra roupagem.

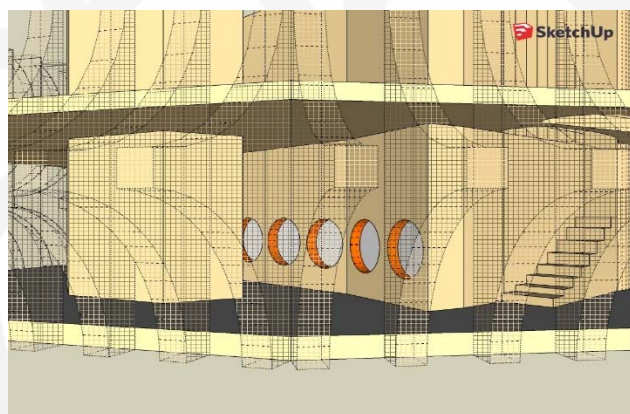
Figura 13 – Avatar Kuumba



Fonte: Arte de Saemi Yoshida. Fevereiro, 2020.

Olho em volta e percebo que o Cinema Namibe é o mesmo, tem as mesmas proporções, mas está iluminado e ganhou vida.

Figura 14 – NEAB Virtual



Fonte: Arte Carlos Eduardo. Fevereiro, 2020.

Percebo em mim mesma uma força que sai de minhas entranhas. É a força do Afrofuturismo.

Kuumba muito atento, pergunta:

- *O que seria o Afrofuturismo, Ananse?*
- *A expressão “Afrofuturismo” foi cunhada por Mark Dery, em 1993, para descrever o que pessoas como Octavia Butler, Samuel Delany e Sun Ra vinham produzindo e sendo constantemente invisibilizadas dialogando com a Ancestralidade, a Autonomia, a Tecnologia e um Futuro Possível. É uma narrativa com possibilidade de imaginar futuros possíveis para as populações negras contemporâneas, usando uma lente cultural negra, africana ou diaspórica escoada de várias formas como a literatura, artes visuais, música, dentre outras. O termo Afrofuturismo é usado para tratar das criações artísticas que, por meio*

da ficção científica, inventam outros futuros para as populações negras hoje. É uma potência criadora cuja força motriz é o empoderamento.

O cerne, no espaço educacional, é a possibilidade desse sujeito protagonizar e reescrever o futuro com a sua presença de uma forma positiva diferente da cristalizada pela ideologia dominante.

Minha missão é conectar passado, presente e futuro, que é o pulsante propósito do Afrofuturismo (ERNESTO, 2019) com suas adaptações para o espaço educacional. Ciente dessa missão, começo a tecer uma longa teia dourada, com fios tênues, mas fortes, para investigar como um ambiente afrofuturista de Realidade Virtual pode visibilizar a inovação no fazer criativo da Diversidade Etnicorracial.

Kuumba me guia pelo ambiente do NEAB Virtual e me vejo diante de um quadro enorme no formato de um painel.

Pergunto ao meu guia o significado desse quadro e Kuumba me informa que o quadro é intitulado “Memórias”. A obra é do artista Fernando L. P. Pessoa datado de 24 de agosto de 1995, que se encontra em exposição permanente no *Hall* de Entrada do IFPA *campus* Belém na Avenida Almirante Barroso nº 1165, bairro do Marco, na cidade de Belém do Pará.

A pintura retrata o contexto histórico de criação do atual IFPA *campus* Belém, no ano de 1909 através do Decreto no 7.566 de 23 de setembro de 1909, na gestão do então presidente Nilo Procópio Peçanha com a criação das Escolas de Aprendizes e Artífices nas capitais federativas do país (ROCHA, 2016).

Quando criada, a Escola de Aprendizes Artífices do Pará oferecia cinco oficinas: marcenaria, alfaiataria, funilaria, sapataria e ferraria. Isto é, disponibilizava aos “desfavorecidos da fortuna” a profissionalização para ofícios pouco valorizados na sociedade e o artista retrata essas oficinas.

O IFPA *campus* Belém possui 110 anos de história, passando por várias reformas ocorridas na Educação Profissional do Brasil, tendo sido: Escola de Aprendizes Artífices do Pará - EAA-PA (1909), Liceu Industrial do Pará- LI-Pará (1937), Escola Industrial de Belém (1942), Escola Federal Industrial do Pará (1966), Escola Técnica Federal do Pará - ETFPA (1968), Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará - CEFET-PA (1999) e, desde 2008, foi incorporado como Campus integrante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA por meio da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008.

Esta Lei instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica vinculada ao Ministério da Educação.

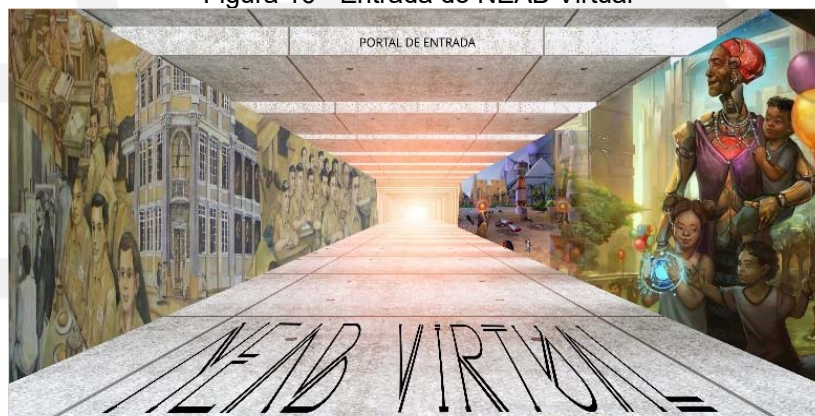
Figura 15 - Quadro Memórias



Fonte: Captura de Rubens Pinheiro. Janeiro, 2020.

No chão da entrada está inscrito NEAB VIRTUAL.

Figura 16 - Entrada do NEAB Virtual



Fonte: Arte de Ivo Paes. Janeiro, 2020.

Kuumba continua sua atividade:

- Olhe bem para o casarão no centro do quadro Ananse.

Começo, então, a tecer o fio de uma teia dourada que vai da entrada do NEAB virtual, ligando-o ao quadro “Memórias” que simboliza o lugar histórico que vamos adentrando, e é como se eu começasse a entender onde estávamos. Na verdade, começava a perscrutar das profundezas de minhas memórias ancestrais, esse fazer.

Fixo meu olhar nesse ponto que destaca a antiga Escola Industrial do Pará e começa a acontecer um efeito de portal do tempo que me conduz até a Galeria virtual do NEAB.

Observo a imponência do lugar. Kuumba desliza entre seis totens, dispostos acompanhando a forma elíptica do local.

Cada totem contém um produto educacional confeccionado no NEAB, que transversaliza a Diversidade Etnicorracial. Nesse ambiente pode-se explorar e acessar informações sobre os produtos.

Meus olhos começam a brilhar. Encontro ali a inovação e a criatividade buscada.

E Kuumba me questiona:

- *Então, Ananse, existem inúmeros modelos de inovação?*
- *Sim, meu caro.*

E, segundo Ortega et al. (2007) não existe um único modelo ou tipo de inovação educacional e sim, inovações educacionais determinadas pelo contexto e pela cultura. Além disso, para os autores, a inovação deve promover uma melhoria real e efetiva em uma determinada conjuntura. Entendem ainda que, a inovação é uma maneira diferente de configurar e ligar os elementos que constituem o objeto da inovação sendo considerada uma criação em um contexto específico.

Ao escolher um produto temos acesso aos conteúdos explicativos sobre o mesmo, através de infográficos e vídeos.

O NEAB virtual é um espaço de encantamento que utiliza a realidade virtual para proporcionar trocas de experiências mediadas por signos, tecnologias, dentre outras possibilidades. Nesse território cabe o visível e o invisível, o dito e o não dito, o passado, o presente e o futuro, a ilusão, o animismo, encarregados de seduzir o visitante na medida que este se deixa conduzir e ser enlaçado pelas teias do encantamento.

- *E a Realidade Virtual? O que seria?*

- A Realidade Virtual (RV) é "uma interface para acessar aplicações executadas no computador, tendo como características a visualização e a movimentação em ambientes tridimensionais em tempo real" (RODRIGUES, 2013, p. 21). Tal experiência traduz-se pela imersão e interação com elementos integrantes desse ambiente pela estimulação dos canais sensoriais como a audição.

Na prática, a realidade virtual permite que o usuário navegue e veja, em tempo real, um mundo de três dimensões, com seis graus de liberdade (6GDL), que mostra a capacidade do *software* definir e a capacidade do *hardware* reconhecer seis tipos de movimentos: para frente/para trás, acima/abaixo, esquerda/direita, inclinação para cima/para baixo, angulação à esquerda/à direita e rotação à esquerda/à direita.

Na realidade física, o indivíduo existe em três dimensões, tem a sensação do tempo real e a capacidade de interagir com o mundo ao seu redor. Os equipamentos de RV simulam essas condições, chegando ao ponto em que o usuário pode "tocar" os objetos em um mundo virtual e fazer com que eles mudem de acordo com suas ações (VON SCHWEBER & VON SCHWEBER, 1995).

A grande vantagem desse tipo de interface é que o conhecimento intuitivo do usuário a respeito do mundo físico pode ser transferido para manipular o mundo virtual. O usuário entra no espaço virtual das aplicações e visualiza, manipula e explora os dados da aplicação em tempo real, usando seus sentidos, particularmente os movimentos naturais tridimensionais do corpo. Para apoiar esse tipo de interação, o usuário utiliza dispositivos não convencionais como capacete de visualização e controle, luvas e outros. Estes dispositivos dão ao usuário a impressão de que a aplicação está funcionando no ambiente tridimensional real, permitindo sua exploração e a movimentação natural dos objetos com o uso das mãos (KIRNER, 1996).

Conforme Santaella (2010, p. 194) a realidade virtual "quebra a barreira da tela, abrindo o espaço multidimensional à habitação cognitiva e sensória do usuário". A realidade virtual envolve três conceitos, segundo Zanchet e Montero (2003, p. 489)

- 1) Imersão mental que acontece quando se olha uma imagem tridimensional em uma tela e imersão física que requer o uso de periféricos sofisticados como capacetes estereoscópicos e *datagloves*, que dão a impressão de se ter passado através do espelho da tela; 2) Navegação que é a capacidade de se mover e de se encontrar no

universo virtual; 3) Interação que é a possibilidade de interagir com a imagem e manipulá-la como se fosse matéria.

A realidade virtual (VR) é uma experiência que ultrapassa o visual já que ela oportuniza o sentido de imersão, na relação da percepção do real-imaginário. Mostrando a ambiência de forma ampla, oferece a sensação de interação do sujeito-participador com essa realidade virtual criando a percepção de interagir com o que está sendo mostrado. (SANTAELLA, 2010)

- *Ah! Kuumba! Me mostre os produtos educacionais que estão nos totens. São ferramentas fantásticas.*

- *Me acompanhe, Ananse.*

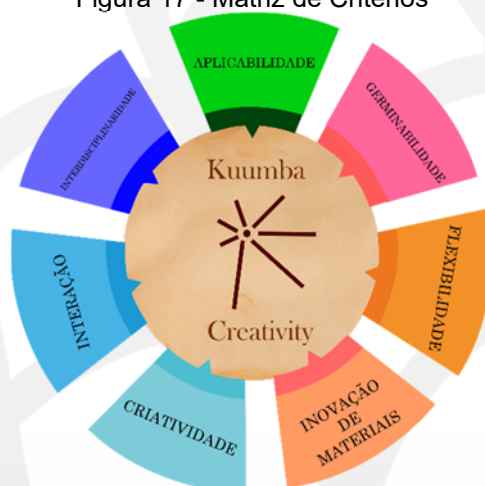
Kuumba acrescenta:

- *Antes de mais nada, é necessário que você saiba como esses produtos foram selecionados para ser disponibilizados aqui.*

Foi realizada uma curadoria dos produtos educacionais existentes no NEAB no período de 2011 a 2018, sendo encontrados 200 produtos educacionais no período, e elaborada uma matriz com critérios para selecionar seis, que foram inseridos no ambiente de RV.

A matriz de critérios foi estruturada no símbolo da Criatividade do *Kwanzaa*⁸

Figura 17 - Matriz de Critérios



Fonte: Arte de Ivo Paes. Março, 2018.

⁸ *Kwanzaa* é uma celebração afro-americana que tem início no dia 26 de Dezembro e fim em 1 de Janeiro de cada ano. É considerado o Natal dos Afroamericanos. Estas atividades comemorativas devem demonstrar os sete princípios, *Nguzo Saba* em suaíli: *umoja* (unidade); *kujichagulia* (autodeterminação); *ujima* (trabalho coletivo e responsabilidade); *ujamaa* (economia cooperativa); *nia* (propósito); *kuumba* (criatividade); *imani* (fé)

Os critérios são:

1. Aplicabilidade - É aplicável em outras realidades educacionais, com as devidas adaptações. (NUNES; NAKAYAMA; SILVEIRA; STEFANI; CALEGARI, 2015)
2. Interdisciplinaridade - Integra diferentes conteúdos, disciplinas e/ou áreas de conhecimento. (NUNES; NAKAYAMA; SILVEIRA; STEFANI; CALEGARI, 2015)
3. Germinabilidade capacidade que o produto possui de gerar novos produtos a partir dele mesmo (MORAIS, 2009)
4. Interação: Sentimento de conexão com o outro, empatia, cooperação, competição. (AOKI; FIUZA; LEMOS; SOMMER, 2018)
5. Flexibilidade traduz a capacidade do produto funcionar também com outro conteúdo da mesma disciplina para o qual foi criado ou comportar outros assuntos de disciplina diferente daquela para a qual foi criado (MORAIS, 2009)
6. Inovação de materiais: O produto traz Novidade no uso de materiais (SCHWENGBER; SILVEIRA; RIBEIRO, 2015)
7. Criatividade: Traz elementos novos gerando novas formas de aprender e de ensinar. (NUNES; NAKAYAMA; SILVEIRA; STEFANI; CALEGARI, 2015)

Os produtos escolhidos após a aplicação da matriz de critérios foram:

Figura 18 – Quadro de Produtos Educacionais inseridos no NEAB Virtual

PRODUTO EDUCACIONAL	TIPO	ÁREA DE ENSINO
Tecnologia Educacional Caminhando pela África	Tabuleiro	Química
Tecnologia Educacional Montando a QuimicÁfrica	Quebra-cabeça com cartas	Química
Tecnologia Educacional Funções da Linguagem: Contextualizando em África	Tabuleiro	Língua Portuguesa
Tecnologia Educacional “Batalha Animal”	Cartas	Ciências Biológicas
Tecnologia Educacional Bayo	Tabuleiro	Geografia
Tecnologia Educacional Aplicativo “E. C Challenge”	Aplicativo	Química

FONTE: Elaborado pela autora. Janeiro, 2019.

Sinto-me maravilhada com essa experiência no sentido de Larrosa (2002) que me remete ancestralmente ao *Kyemfere* que é o símbolo *adynkra* da experiência.

Figura 19 - Símbolo *Adinkra* da Experiência

Symbol Name:

KYEMFERE

Translation:

‘Potsherds’

Meaning:

Experience



Fonte: Arte Ivo Paes. Janeiro, 2020.

Kuumba me questiona:

- Ananse, e o que é experiência para Larrosa?
- É "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (LARROSA, 2002, p. 21). Nesse sentido, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, como um experimento ou um método objetivo, ela se constitui em uma abertura para o desconhecido.

E, continuando essa aventura rumo ao "desconhecido" em busca da criatividade e inovação, *Kuumba* e eu paramos em frente ao primeiro totem e sou apresentada ao primeiro produto: a Tecnologia Educacional Caminhando pela África⁹ que consiste em um jogo de tabuleiro para o ensino de Química do conteúdo "Conhecimento da Matéria e suas Transformações", que aborda os tópicos de Mudança de Estados Físicos, Tipos de Mistura e Métodos de separação de Misturas. Tem como público alvo, alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Foi concebida pelos alunos do Curso de Formação de Professores em Química na disciplina Educação para Relações Etnicorraciais e faz relação da História da África com o ensino de Química, bem como proporciona ao aluno um conhecimento a respeito da História da África de forma a desconstruir a visão de produções eurocêntricas e colonialistas promovendo um novo olhar com

⁹ Concebida pelos alunos: Edilene Clea Segtowitz Braz; Mateus Gama dos Santos; Sandy Caroline Figueira Portal; Sheineanne Borges de Jesus; Vania Brito Barbosa; Valber Ferreira Pereira e orientado pela professora Helena do Socorro Campos da Rocha. É constituída de 25 cartas com perguntas e curiosidades e seis cartas surpresa; um tabuleiro medindo 40 cm x 26 cm, uma roleta com diâmetro de 20 cm. As peças são acondicionadas em uma caixa.

abordagens advindas das demandas para o entendimento do passado e do presente do continente africano.

Figura 20 - Tecnologia Educacional Caminhando pela África



Fonte: Coordenação do NEAB. Janeiro, 2019.

Ao nos aproximarmos do totem há uma pergunta no painel que dá acesso ao produto:

“É possível aplicar os conhecimentos sobre mudança de estados físicos, tipos de mistura e métodos de separação de misturas e relacioná-los com as contribuições científicas dos africanos na Química?”

Olho para *Kuumba*, meio que pedindo respostas, e ele me aponta no totem dois botões. Toco em um deles e tenho acesso a um infográfico que mostra o funcionamento do jogo de tabuleiro. Ao tocar o segundo botão, tenho uma sequência de imagens da jogabilidade e acesso às cartas que me permitem vislumbrar que nossos ancestrais africanos detinham conhecimento de processos como: produção de rapadura, a síntese da cachaça, mineração do ouro, metalurgia, saneamento básico, arquitetura, entre outros. Além disso pode-se verificar a influência da diáspora africana na constituição da sociedade brasileira remontando às raízes históricas do racismo no Brasil, desde a escravização.

O produto faz interdisciplinaridade com as disciplinas História, abordando o imperialismo do século XIX, de Física por meio das propriedades físicas da matéria e com Sociologia, abordando o relativismo cultural. Faz

transversalidade com temas como Pluralidade cultural, desigualdades étnicas, desigualdade social e combate ao racismo e ao preconceito.

É possível ao futuro professor, ao professor ou a qualquer usuário interessado na temática ter acesso, replicar, modificar, adaptar e até usar com outros conteúdos.

Kuumba me conduz ao segundo totem onde me deparo com a “Tecnologia Educacional Montando a QuimicÁfrica¹⁰” que aborda o conteúdo tabela periódica em conjunto com os minérios que são encontrados com mais facilidade e, em maior quantidade, no continente africano.

Meu olhar se direciona ao totem onde, reluzente, há uma pergunta instigadora: “Você sabia que o continente africano é rico em minérios valiosos?”

Ao tocar no botão que direciona ao infográfico, no intuito de conhecer melhor o produto educacional, percebo tratar-se de um quebra-cabeças em que, a montagem, está atrelada ao acerto de perguntas sobre tabela periódica contextualizadas com a História da África.

Figura 21 - Tecnologia Educacional Montando a QuimicÁfrica



Fonte: Coordenação do NEAB. Janeiro, 2019.

¹⁰ Concebida pelos alunos Angelo Vitor Freire Pinheiro; Carlos Felipe Botelho; Lucas Mendonça Ramos Nazaré; Rosa Minelli Carneiro do Carmo; Sergio Gomes Farias Filho e orientado pela professora Helena do Socorro Campos da Rocha, para alunos do primeiro ano do Ensino Médio.

As perguntas fazem interdisciplinaridade com História da África; Matemática, através dos cálculos que são realizados na tabela periódica; Língua Portuguesa, no âmbito da Literatura e da interpretação de todo esse contexto químico e histórico; Geografia, para entender o posicionamento no globo do continente africano e Física, com as propriedades físicas de cada elemento da tabela.

O Quebra-cabeça QuimicÁfrica é primoroso em seus detalhes e rico em conteúdos antes invisibilizados sobre as questões etnicorraciais.

“Tecnologia Educacional Funções da Linguagem: Contextualizando em África¹¹” é o produto exposto no terceiro totem, que foi desenvolvido por licenciandos do Curso de Letras - Língua Portuguesa, para atender aos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Traz uma pergunta instigante: O que você conhece da Literatura Africana?

Faz interdisciplinaridade com as disciplinas Língua Portuguesa, Literatura, Matemática e História.

As cartas, além de apresentarem exemplos das seis diferentes funções da linguagem, difundem os objetivos previstos em Educação para as Relações Etnicorraciais, tais como: a quebra de ideias estereotipadas sobre África e desconstrução de conceitos propagados pela corrente historiográfica da Inferioridade Africana, apresentando a África da maneira mais verdadeira possível, como um continente que sofreu influências diversas, porém, que também influenciou culturas, tendo como um ótimo exemplo a própria cultura brasileira.

As cartas mostram as “heranças” africanas em nossa culinária, como por exemplo a feijoada, na música, com o samba e o Maracatu, na religiosidade, entre outras.

O produto tem o formato de um tabuleiro e vem acompanhado de quatro peões, dois dados, uma ficha com legenda auxiliar e 60 cartas com variados fragmentos de textos das Literaturas Africanas, assim como curiosidades acerca do continente Africano.

¹¹ Concebido pelos alunos Carolina Pantoja Soares, Jonathan de Oliveira Moura, Rayza Carolina Rosa dos Santos e orientado pela professora Helena do Socorro Campos da Rocha.

Figura 22 - Tecnologia Educacional Funções da Linguagem: Contextualizando em África



Fonte: Coordenação do NEAB. Janeiro, 2019.

Percebo encantada que, transversalizar a África em disciplinas da Educação Básica, mais especificamente Língua Portuguesa, é um trabalho árduo, mas gera profissionais mais capacitados para lidar com as adversidades cotidianas que atingem a sala de aula, como a discriminação e os demais crimes raciais.

Caminho mais um pouco, pensativa e fazendo anotações, sempre observada por *Kuumba* e chegamos ao quarto totem onde está a “Tecnologia Educacional Batalha Animal¹²” concebida por alunos do Curso de Formação de Professores em Ciências Biológicas. É um jogo de cartas com 120 peças contendo informações gerais, taxonômicas e geográficas de animais vertebrados e invertebrados, plantas, microrganismos, permitindo a comparação evolutiva e a incidência desses indivíduos. O público-alvo são alunos do Ensino Médio (a partir do 2º ano) que já possuam um conhecimento básico de Zoologia.

“O que tem a ver a relação ecológica ou social com termos como preconceito, discriminação racial e racismo?” é o questionamento que está no painel do totem deste produto para instigar o visitante a interagir com o mesmo.

¹² Concebida pelos alunos Cássio da Luz Vidal, Ewellyn Patrícia da Silva Chaves, Jean Paulo da Silva Ribeiro, Paulo Afonso Almeida da Cruz, Paulo Felipe Favacho Ferreira e orientado pela professora Helena do Socorro Campos da Rocha.

Figura 23 - Tecnologia Educacional “Batalha Animal”



Fonte: Coordenação do NEAB. Janeiro, 2019.

Nessas cartas estão os animais, plantas, microrganismos, seres humanos, entre outras espécies que são usadas pelos participantes para comparar suas classificações taxonômicas fazendo distinções evolutivas, e para fazer as relações ecológicas ou sociais no decorrer das partidas. Além da classificação taxonômica, é possível observar a incidência das espécies pelo mundo e informações importantes sobre as espécies que ajudarão a descobrir as relações que uma espécie faz com as outras.

Curiosa, me dirijo ao botão que dá acesso às informações mais detalhadas desse produto e é muito instigante o contato com o infográfico e o vídeo do produto que permitem ao usuário baixar as cartas e usá-las em sala de aula e, até modificá-las ou adaptar seu uso para outros conteúdos.

Maravilhada com o que tive contato até então, encosto-me em uma parede e começa a passar um filme em minha frente com tudo o que tinha lido e visto ao longo dos anos sobre criatividade e inovação e nada se comparava a essa aventura com a Realidade Virtual.

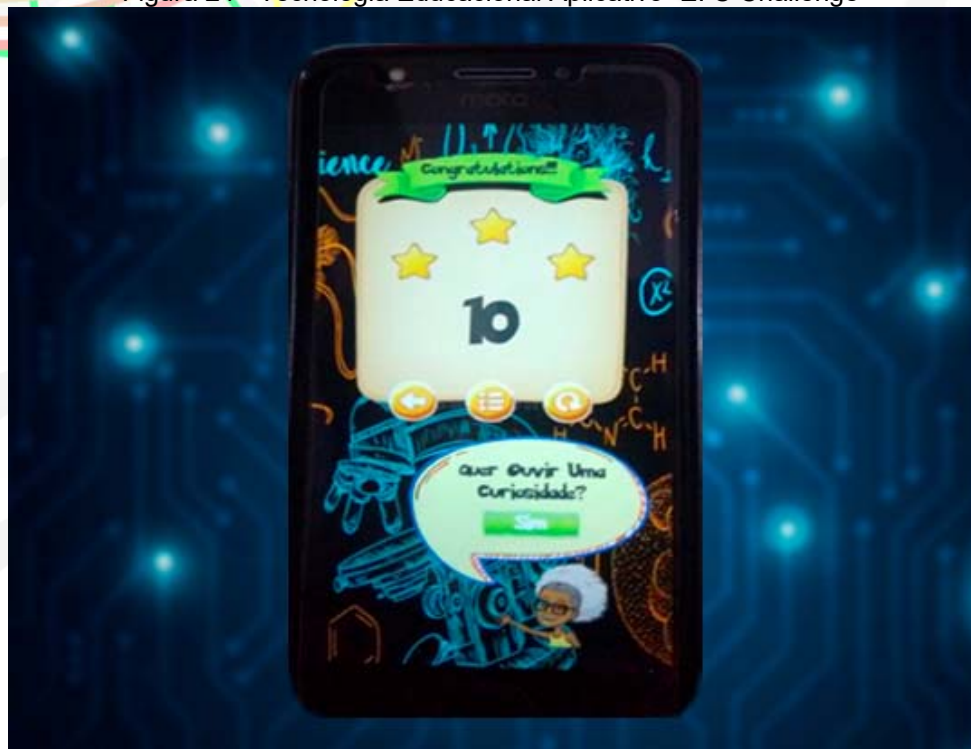
Kuumba percebe esse momento de emoção e, muito afetuoso, diz:

- *Vamos Ananse, ainda tem muita coisa a descobrir aqui.*

Eu não fazia ideia de quanto tempo estava a contemplar o detalhe de cada produto educacional.

Caminho e me deparo com o totem da “Tecnologia Educacional Aplicativo E. C Challenge (*Eletronic Configuration Challenge*)¹³” que tem como principal objetivo fazer com que o aluno do 1º ano do Ensino Médio, treine suas habilidades em distribuição eletrônica dos elementos da Tabela Periódica, pois se trata de um conhecimento importante para análise de propriedades Químicas e Físicas dos elementos, bem como a compreensão da organização dos mesmos na Tabela Periódica.

Figura 24 - Tecnologia Educacional Aplicativo “E. C Challenge”



Fonte: Coordenação do NEAB. Janeiro, 2019.

“Você sabia que a maioria dos metais presentes na Tabela Periódica são encontrados em abundância no continente africano?” Essa é a pergunta que irá ser respondida com o manuseio do aplicativo.

O botão que nos permite acesso a informações mais detalhadas do aplicativo exibe um infográfico bastante criativo em que é possível perceber a Interdisciplinaridade com conteúdos de História, Geografia e Biologia, por meio da contextualização histórica e geográfica de onde são extraídos os metais e algumas características dos elementos presentes na Bioquímica Celular.

¹³ Concebido no Curso de Licenciatura em Química na disciplina Educação para Relações Etnicorraciais por Ana Luiza de Souza Bouth, Flavio Vinícius da Silva Ribeiro, Lucca Costa Santos, João Paulo de Souza Rodrigues, Mateus Brito Luz e orientado pela professora Helena do Socorro Campos da Rocha.

Caminhamos em direção ao sexto totem onde está inserida a “Tecnologia Educacional Bayo¹⁴”.

O nome do produto gera certa curiosidade e *Kuumba* prontamente coloca:

- *Ananse, “Bayo” é um nome bastante usado na África e significa “alegria encontrada”.*

O infográfico acessado em um dos botões do painel interativo mostra que o produto se destina a pessoas que cursam a partir do 1º ano do Ensino Médio. Tem como finalidade de facilitar sua compreensão no entendimento das noções geográficas acerca de territórios, continentes e, perpassando para conceitos que se relacionam mais com a Geografia Humana, a inserção de elementos provenientes de matrizes essencialmente africanas, como os Orixás e suas respectivas regências sobre os domínios naturais.

Bayo prima pela lógica da interdisciplinaridade no centro de seu funcionamento. Ao tocar o botão para ter acesso a informações mais detalhadas, me deparo com a seguinte pergunta: “Você sabe a importância do continente africano com relação às suas riquezas naturais?” Foram selecionados cinco Orixás tidos como bastante populares, e suas respectivas regências por cores, símbolos e domínio da natureza: Oxalá, Oxum, Ogum, Xangô e Iansã.

Kuumba evoca a ancestralidade para explicar a presença dos Orixás no tabuleiro:

- *Oxalá, ou do lorubá Orinsalá, o grande orixá da criação e rei supremo do mundo é representado no tabuleiro por uma coroa e governa o continente africano além de influenciar todos os outros continentes, residindo na capital Orùm, o templo dos deuses.*

- *Oxum, do lorubá Osùn, Oshun ou Ochun, é o Orixá que reina sobre as águas doces dos rios e quedas d'água, ligada ao amor, à riqueza e ao poder feminino. No tabuleiro é representada pelo símbolo do coração, na cor amarela. Rege o continente da América do Sul, maior reserva de água doce do planeta, além de possuir numerosas cachoeiras, que é o domínio deste orixá na natureza.*

¹⁴ Concebida no Curso de Formação de Professores em Geografia na disciplina Educação para Relações Etnicorraciais por Daiana Raquel Lima de Lira, Laura Stefanie Ferreira Cardoso, Lucas Farias Araújo e Nelson de Oliveira Freitas, orientados pela Professora Helena do Socorro Campos da Rocha.

- *Ogum ou Ogulê, do lorubá Ogún, é o Orixá ferreiro, senhor do ferro, da guerra, da agricultura e da tecnologia. É representado no tabuleiro pela cor vermelha, seu símbolo é uma espada e seu continente correspondente é a América do Norte, como forma de alusão ao histórico do continente e sua grande concentração de potências mundiais.*

- *Xangô ou do lorubá Shango, Sango e na Bahia, Badé, é o Orixá da justiça, do fogo e das grandes pedreiras e rochedos. Por esse motivo no tabuleiro é o regente do continente asiático, região do planeta que possui bastante picos e montanhas. Sua cor é o marrom e está representado pelo símbolo de dois machados cruzados.*

- *Iansã ou Oyá é a senhora dos ventos e das tempestades, valente e de temperamento forte e independente. É representada no tabuleiro pelo símbolo de uma espada no formato de raio e governa o continente Oceania. Sua cor no tabuleiro é o lilás arroxeado.*

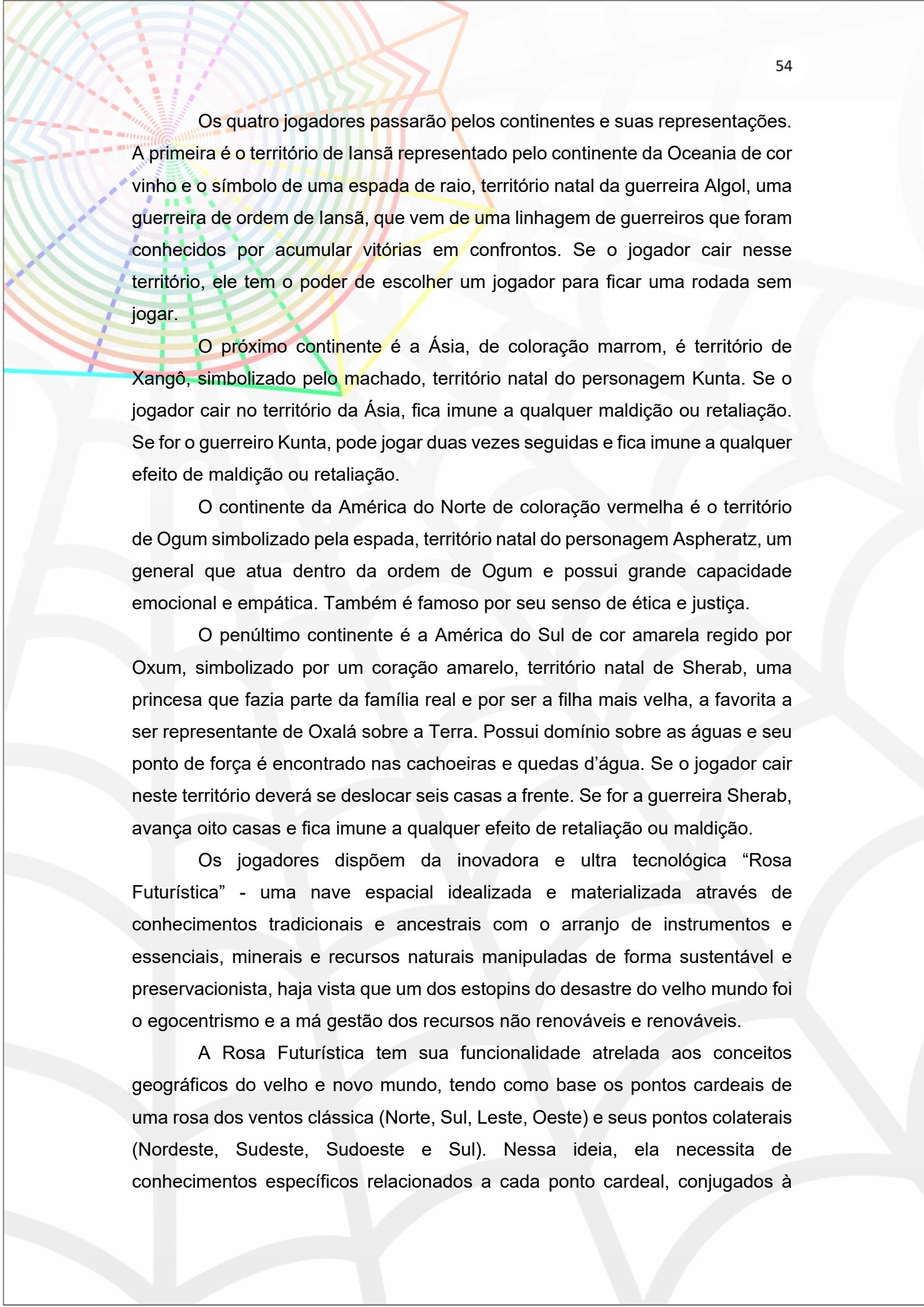
Figura 25 - Tecnologia Educacional Bayo



Fonte: Coordenação do NEAB. Outubro, 2019.

Olhando com mais atenção o infográfico com as informações e o vídeo explicativo, *Bayo* está materializada na jogabilidade do tabuleiro com a divisão dos cinco continentes separados por dez casas para cada território e cada continente tem um orixá representante. Os quatro jogadores têm o objetivo de chegar em Orum (África).

Após essas especificações, é necessário compreender as energias carregadas no símbolo representado pelos orixás, a exemplo do machado duplo cruzado de Xangô, espada em formato de raio de Iansã, coração amarelo Oxum e espada de Ogum. Cada uma dessas configurações concede ao jogador a possibilidade de avançar ou retroceder no seu percurso e objetivo final.



Os quatro jogadores passarão pelos continentes e suas representações. A primeira é o território de Iansã representado pelo continente da Oceania de cor vinho e o símbolo de uma espada de raio, território natal da guerreira Algol, uma guerreira de ordem de Iansã, que vem de uma linhagem de guerreiros que foram conhecidos por acumular vitórias em confrontos. Se o jogador cair nesse território, ele tem o poder de escolher um jogador para ficar uma rodada sem jogar.

O próximo continente é a Ásia, de coloração marrom, é território de Xangô, simbolizado pelo machado, território natal do personagem Kunta. Se o jogador cair no território da Ásia, fica imune a qualquer maldição ou retaliação. Se for o guerreiro Kunta, pode jogar duas vezes seguidas e fica imune a qualquer efeito de maldição ou retaliação.

O continente da América do Norte de coloração vermelha é o território de Ogum simbolizado pela espada, território natal do personagem Aspheratz, um general que atua dentro da ordem de Ogum e possui grande capacidade emocional e empática. Também é famoso por seu senso de ética e justiça.

O penúltimo continente é a América do Sul de cor amarela regido por Oxum, simbolizado por um coração amarelo, território natal de Sherab, uma princesa que fazia parte da família real e por ser a filha mais velha, a favorita a ser representante de Oxalá sobre a Terra. Possui domínio sobre as águas e seu ponto de força é encontrado nas cachoeiras e quedas d'água. Se o jogador cair neste território deverá se deslocar seis casas a frente. Se for a guerreira Sherab, avança oito casas e fica imune a qualquer efeito de retaliação ou maldição.

Os jogadores dispõem da inovadora e ultra tecnológica "Rosa Futurística" - uma nave espacial idealizada e materializada através de conhecimentos tradicionais e ancestrais com o arranjo de instrumentos e essenciais, minerais e recursos naturais manipuladas de forma sustentável e preservacionista, haja vista que um dos estopins do desastre do velho mundo foi o egocentrismo e a má gestão dos recursos não renováveis e renováveis.

A Rosa Futurística tem sua funcionalidade atrelada aos conceitos geográficos do velho e novo mundo, tendo como base os pontos cardeais de uma rosa dos ventos clássica (Norte, Sul, Leste, Oeste) e seus pontos colaterais (Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Sul). Nessa ideia, ela necessita de conhecimentos específicos relacionados a cada ponto cardinal, conjugados à

Geografia dos espaços, elementos musicais, inventores de tecnologias do velho mundo, entretenimento de televisão e afins, Literatura e História.

- O interessante, Kuumba, é que há um futuro possível nesse tabuleiro, que é a libertação da cidade de Orum. Defendê-la é uma simbologia do povo negro salvando sua própria história e seu próprio futuro.

Extasiada, percebo também, o empoderamento presente na Tecnologia Educacional Bayo, na perspectiva que, nesse novo mundo, o que predomina é a hegemonia negra, logo, o padrão de beleza predominante agora são os dos cabelos afros, os lábios carnudos, o nariz achatado, os *dreads*, os traços marcantes, as tranças, as estampas chamativas/coloridas, as pinturas corporais remetendo às raízes ancestrais.

- Meu Deus, Kuumba, consigo visualizar as quatro características fundamentais do Afrofuturismo que carrego em mim por milhares de anos e encontro justamente na sua aplicabilidade na educação.

Kuumba, pensativo, me instiga:

- Esclareça melhor, Ananse.

- Percebo a ancestralidade, em forma de transversalidade, em cada produto alocado nesses totens que, de forma criativa e inovadora, são trazidos à baila no contexto de cada conhecimento específico a ser ensinado. Está na Geografia de Bayo, na Biologia da Batalha Animal, na Língua Portuguesa e Literatura do produto Funções da Linguagem: Contextualizando em África, na Química em Caminhando pela África, Montando a QuimicÁfrica e no aplicativo E. C. Challenge.

- Todos os produtos contêm a tecnologia, um futuro possível para o que se propõem e a autonomia.

- Sem falar do ambiente de Realidade Virtual (RV), que agora consigo entender, como "uma interface para acessar aplicações executadas no computador, tendo como características a visualização e a movimentação em ambientes tridimensionais em tempo real" (RODRIGUES, 2013, p. 21).

E, nas curadorias feitas, Santaella (2010, p. 194) acrescenta que a RV "quebra a barreira da tela, abrindo o espaço multidimensional à habitação cognitiva e sensória do usuário". É o que aconteceu comigo em relação ao NEAB Virtual. A RV envolve três conceitos, segundo Zanchet e Montero (2003, p. 489)

1) Imersão mental que acontece quando se olha uma imagem tridimensional em uma tela e imersão física que requer o uso de periféricos sofisticados como capacetes estereoscópicos e datagloves, que dão a impressão de se ter passado através do espelho da tela; 2) Navegação que é a capacidade de se mover e de se encontrar no universo virtual; 3) Interação que é a possibilidade de interagir com a imagem e manipulá-la como se fosse matéria.

A RV é uma experiência que ultrapassa o visual, pois oportuniza o sentido de imersão, na relação da percepção do real-imaginário. Mostrando a ambiência de forma ampla, oferece a sensação de interação do sujeito-participador com essa realidade virtual criando a percepção de interagir com o que está sendo mostrado. (SANTAELLA, 2010)

E essa experiência proporcionada e guiada por *Kuumba* no NEAB Virtual é análoga a de Larrosa (2011, p. 10) ao destacar sobre a experiência com a leitura, que se trata de "uma experiência de linguagem, uma experiência de pensamento e, também, uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos "sentimentos"". Refletindo acerca de tudo que vivi no NEAB Virtual ambientado no Cinema Namibe,

o importante, do ponto de vista da experiência, não é nem o que o autor disse, nem o que eu possa dizer, pensar sobre o autor, mas o modo como em relação com as palavras desse autor posso formar ou transformar minhas próprias palavras. O importante, a partir do ponto de vista da experiência, é como a leitura do autor pode ajudar-me a dizer o que ainda não sei dizer, o que ainda não posso dizer, ou o que ainda não quero dizer. O importante, desde o ponto de vista da experiência, é que a leitura do autor pode ajudar-me a formar ou a transformar minha própria linguagem, a falar por mim mesmo, ou a escrever por mim mesmo, em primeira pessoa, com minhas próprias palavras. (LARROSA, 2011, p. 10-11)

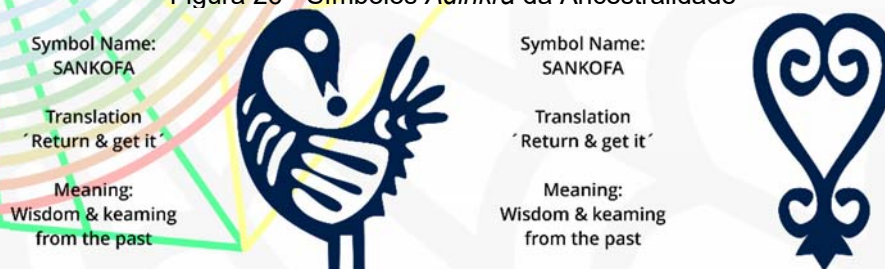
Não tenho noção de quanto tempo ficamos imersos no NEAB Virtual. *Kuumba* afetuosamente me conduz para a saída e eu me sentia estranha, principalmente por perceber que essa era uma forma de mostrar a contribuição da África ao mundo.

Na saída, pelo corredor arredondado, volto-me para trás como que para guardar essa imagem do espaço virtual visitado e visualizo um redemoinho que misturava imagens fixas, como num quebra-cabeça formado por imagens em movimento, e ali tudo se misturava, criando uma espiral de acontecimentos. Era *Kuumba* transformando-se em Oxumarê.

Uma teia colorida e forte, a mais forte que produzi até hoje, saia de minhas fússulas: era a ancestralidade que eu visualizava e as possibilidades de

futuro, representada pelo símbolo *Adinkra* Sankofa, cujo significado remonta à sabedoria de aprender com o passado, recuperando memórias, para construir o futuro. Essa noção de aprender com o passado fica explícita no ditado “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás” (NASCIMENTO, 2009, p. 40).

Figura 26 - Símbolos *Adinkra* da Ancestralidade



Fonte: <http://kisikina-designs.com/our-services1/custom-made-pattern-design-services>

Lembro-me da curadoria feita e que está em meu Diário de Impressões onde Oliveira (2007, p. 257) entende Ancestralidade como "uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-ancestralidade e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos".

O encantamento é, então, o ato de criar mundos, mas isso não acontece no vazio, dá-se no interior de uma forma cultural, em um contexto e, aqui, o contexto escolhido para refletir uma práxis permeada pela inovação e criatividade, percebo que é a perspectiva afrofuturista, pois “a forma cultural africana é o encantamento” (OLIVEIRA, 2007) e é esse encantamento, além da ancestralidade, que nos permite tentar uma narrativa dos fazeres do NEAB virtual utilizando o Afrofuturismo, que tem a ancestralidade e a tecnologia como guia.

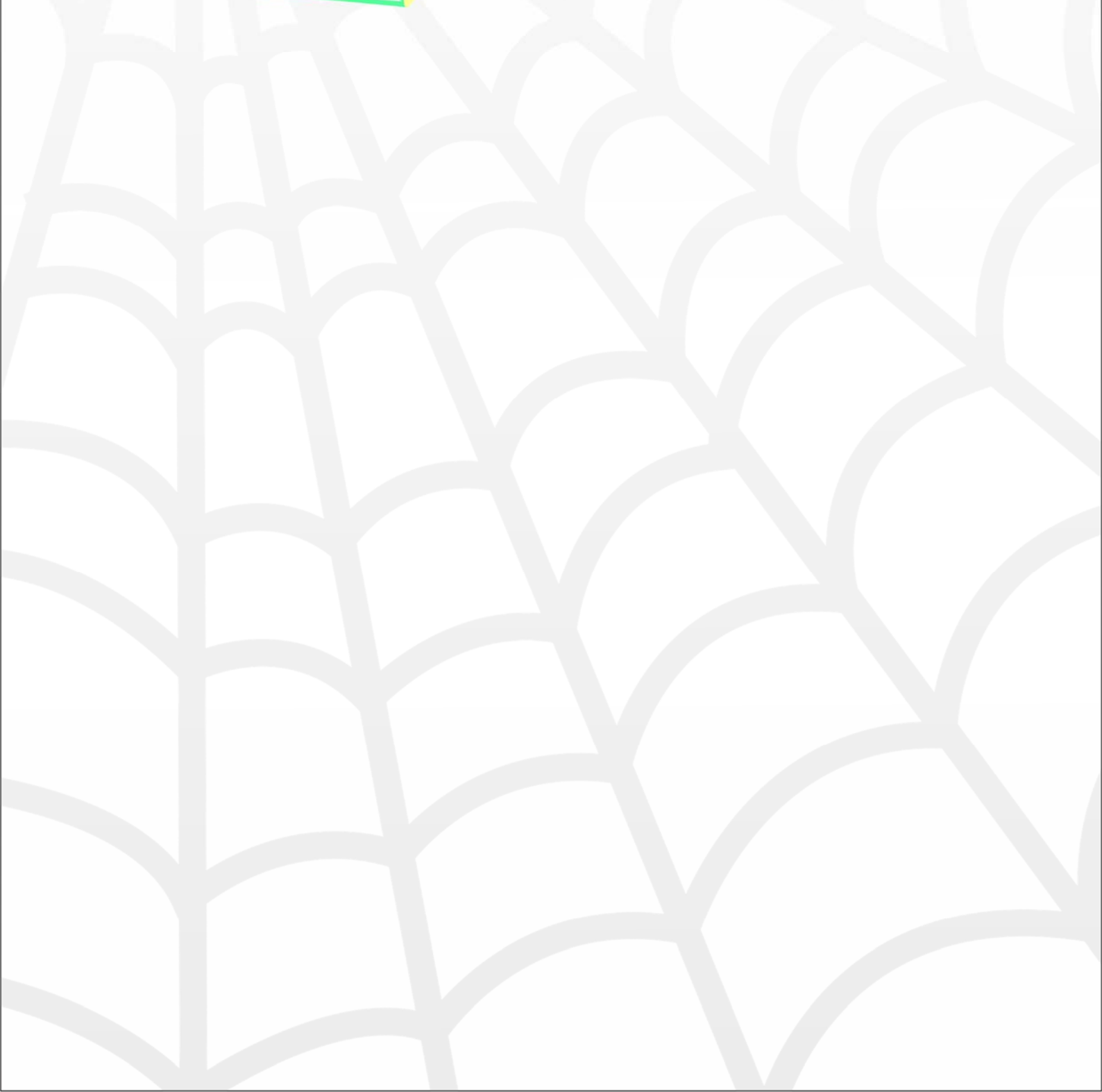
E dessa forma, Oxumarê, o Afrofuturismo funciona como uma arma contrahegemônica no resgate e discurso positivo da cultura africana e afrobrasileira.

- *E você, tem respostas, Ananse, para sua indagação ao chegar aqui?*
- *Sim, Oxumarê. Um ambiente afrofuturista de Realidade Virtual visibiliza a inovação no fazer criativo da Diversidade Etnicorracial no NEAB. Os produtos alocados no NEAB virtual têm o potencial de promover mudanças no domínio da Diversidade Etnicorracial visto que possuem informações pertinentes que estão conectadas entre si, claras, relevantes, aprofundadas com possibilidade de*



despertar o interesse e até impulsionar o seu engajamento nas questões étnicorraciais.

Um belo arco-íris se forma e Oxumarê me convida a seguir com ele:

- *Vamos Ananse. Temos outra aventura. Quero lhe levar em outro lugar ao encontro da criatividade e Inovação.*
 - *Vamos, respondo com um sorriso largo e o coração ansioso.*
- 

*Oxumarê conduz Ananse no NEAB Virtual
Um ambiente afrofuturista onde Kuumba é o Guia
Ananse encontra seis produtos em formato especial:
Tabuleiro, cartas, quebra-cabeça, aplicativo,
Tem de Química, Língua Portuguesa, Geografia e Biologia
Fica clara a inovação no fazer criativo da Diversidade Etnicorracial.*

*Ananse encontra a resposta que tanto procurava
Oxumarê avisa Ananse que precisam partir
Vão encontrar Oxum, a senhora do empoderamento
Oxum conduz Ananse até o IFPA: você precisa se permitir
Aqui tem a CartoDiversidade uma metodologia ativa
Que usa gamificação e cultura MAKER como base do experimento*

*A CartoDiversidade é composta por três Cartas
E estabelece conexões entre Arte e Diversidade
Tudo isso é possível graças ao Movimento Afrofuturista
Que traz a tecnologia, o futuro possível, a autonomia e a ancestralidade
Culminam com empoderamento em sua aplicabilidade.*

*A professora na disciplina promove a aprendizagem criativa
Cada aluno materializa a sua criatividade em um produto sensacional:
São nuvens de palavras, lettering, caça palavras, tabuleiro e jogo de cartas
Infográfico, desenho criativo, aplicativo para a diversidade etnicorracial
A resposta são HQs, produtos educacionais e inventários por excelência
Tudo isso tem aporte em Larrosa com o conceito de experiência.*

*O objetivo aqui é saber se a CartoDiversidade promove o empoderamento
E Oxum com seu Abébé uma ferramenta ancestral
Vai nos mostrar que empoderar é um processo lento
Que acontece de dentro para fora no individual
Depois se mostra de forma coletiva
Como um produto da metodologia ativa.*

*A aprendizagem criativa da diversidade
Demanda um esforço fenomenal
A CartoDiversidade foi aplicada de forma interessante
É uma possibilidade de inovação educacional
E Ananse encontrou o que buscava de forma impressionante
No Norte, no IFPA... e de forma deslumbrante*

3

OXUM NA TEIA DA CARTODIVERSIDADE



Al
25/02/2020

Eu preciso do outro para ensinar, para encantar, para ser colocado no seu caminho, que é também o meu caminho. (MACHADO, 2013, p. 63)

Caminhamos até o arco-íris e uma chuva fina começa a cair, contrastando com o sol que teima em aparecer.

Oxumarê preocupado, diz:

- *Ananse, tenho uma missão a cumprir antes de continuarmos nossa jornada.*

- *Qual missão, Oxumarê?*

- *Preciso levar uma mensagem de Xangô para Oxum. Eu fui escolhido para ser o mensageiro entre eles. Quando resolveram casar, perceberam que seria difícil viverem juntos, pois Oxum morava no fundo do rio e Xangô por cima das nuvens. Precisavam, assim, de alguém que facilitasse a comunicação entre eles. Aceitei servir de mensageiro.*

Durante a metade do ano me apresento na forma de arco-íris e levo as águas de Oxum para o céu. Na outra metade do ano, assumo o formato de uma cobra, e não faço mais o papel de mensageiro. Nesse período, Xangô precisa descer até Oxum e, então, acontecem os temporais da estação das chuvas. Entendeu, Ananse?

- *Sim, Oxumarê. Vamos que eu te ajudo.*

E assim, caminhamos.

Chegamos a um local com uma paisagem bela. Sensações indescritíveis tomam conta de mim, me inundam e transbordam por meus poros. A ponta do arco-íris toca o espelho d'água e reflexos multicoloridos se confundem com a calmaria do rio.

- *Onde estamos, Oxumarê?*

- *Estamos no rio Osun no sudoeste da Nigéria. Originário de inúmeros afluentes de fontes, denominadas de Omi Òsun – Águas de Oxum, emanadas das sagradas Òkè Olosunta – Colinas de Olosunta em Ikere – Ekiti State. Desemboca no lago Lekki Lagoon, uma imensa lagoa ligada a um canal, com pântanos de água cristalinas e uma parte cercada por praias, em Lagos – Nigéria.*

Figura 27 - Colinas de Olosunta



Fonte: <http://oduduwaaremu.blogspot.com/2015/07/odoo-s-un-o-rio-oxum-o-s-un-e-divindade.html>

- *Que paisagem linda!*

Escolho um lugar entre as folhagens, teço um fio e no meu balançar contemplo melhor essa beleza natural, escutando ao fundo o barulho da cachoeira.

Figura 28 - Cachoeira de Omi Òsun – Águas de Oxum



Fonte: <http://oduduwaaremu.blogspot.com/2015/07/odoo-s-un-o-rio-oxum-o-s-un-e-divindade.html>

Minhas reminiscências das curadorias realizadas mostram que os Caminhos de Oxum, percurso traçado pelo rio Òsun desde sua nascente até sua desembocadura, percorre um extenso território e, em toda a sua extensão, a Orixá Oxum é reverenciada com diversas nomenclaturas: *Olo'kiti Efon* – Senhora do Povo de *Efon*, *Yèyé mi* – Minha Mãezinha Queridinha, dentre outros.

Escuto um barulho inconfundível vindo da cachoeira *Omi Òsun* e ouço Oxumarê falar:

- *Ora iê iê ô!*

Oxumarê me fala que essa é a saudação feita à Oxum.

De olhar atento vejo uma mulher belíssima e brilhante, banhando-se na cachoeira, enfeitada com colares, agitando os braços para fazer tilintar seus braceletes e contemplando-se com satisfação num espelho e, ao mesmo tempo, colhendo lírios como canta a sabedoria popular:

Eu vi a mamãe Oxum na cachoeira
Sentada na beira do rio
Colhendo lírios, lírios ê
Colhendo lírios, lírios ah
Colhendo lírios pra enfeitar o seu congá
Colhendo lírios, lírios ê
Colhendo lírios, lírios ah
Colhendo lírios pra enfeitar o seu congá
(Ponto de umbanda)

Meu olhar se fixa no espelho e Oxumarê me informa que é o *abébé*, um tipo de espelho de mão.

Figura 29 – Oxum na obra de Lito Lopez



Fonte: <https://onlinequadros.com.br/imagem/quadros-arte/orixas-oxum/3877>

- *E o que significa o Abébé?*
- *Ananse, o abébé é um instrumento de poder que representa o ventre e o poder das mães ancestrais. É através dele que Oxum pode se observar e observar o que está atrás de si, sua ancestralidade. Ela, como regente dos nascimentos, tem autorização para mobilizar a sabedoria ancestral para trazer o novo.*

Oxum é a guardiã do portal de comunicação entre a ancestralidade e o nascimento. Rege os partos e porta o espelho. Cabe a ela enxergar através de si o potencial de renovação das gerações como regente dos ciclos.

- Então, o Abébé é um instrumento de empoderamento para as mulheres.

Nesse momento, Oxum volta-se para mim. Oxumarê apressa-se em fazer as apresentações.

- E o que você faz por aqui com Oxumarê, Ananse? Pergunta Oxum.

- Procuo a criatividade e a inovação na educação. Carrego em minhas entranhas o Afrofuturismo que tem quatro características básicas: a ancestralidade, a tecnologia, o futuro possível e a autonomia. Essa busca tem me deixado inquieta.

Oxumarê entrega a mensagem de Xangô a Oxum e diz que não poderá acompanhar Ananse nessa missão, pois seu período de descanso iniciou para que a chuva possa cair sobre a Terra e fecundar a colheita, os rios e as plantas.

Oxum, então, retruca:

- Você aceita minha companhia nessa busca, Ananse?

Eufórica, respondo que sim.

Fico observando Oxumarê despedir-se e sumir no caminho transformando-se em uma enorme cobra, iniciando seu período de seis meses de descanso. Nesse período, Xangô precisa descer até Oxum, e então inicia a estação das chuvas.

- Prepare-se Ananse, pois no local em que vou lhe guiar ao encontro da criatividade e inovação na educação, chove todos os dias, principalmente no período da tarde. Vamos na região amazônica, mais precisamente na capital do estado do Pará, em Belém, na América do Sul, no Brasil.

E saímos nessa caminhada usando o poder da ancestralidade, onde o tempo não existe como o conhecemos aqui.

Oxum fala:

- Ananse, feche os olhos... e pense fortemente no que quer encontrar.

Fecho os olhos e, sinto que as mãos de Oxum se apoderam do meu corpo. Sopra um vento forte e trêmula, sinto que estamos nos deslocando do local onde deixamos Oxumarê.

- Chegamos. Pode abrir os olhos, fala Oxum docemente. Nesse local quero que você veja a CartoDiversidade.

- *E o que é a CartoDiversidade?*

- *A CartoDiversidade é uma metodologia ativa com a proposta do aprendiz cartografar a sua aprendizagem e estabelecer conexões entre os saberes artísticos e os saberes da diversidade etnicorracial para se transformar e transformar o mundo que o rodeia.*

Retorno às curadorias feitas e vejo que a CartoDiversidade é uma ferramenta pedagógica. É uma apropriação do conceito Cartemática cunhado por Vaz (2018).

Como uma metodologia ativa, a CartoDiversidade apropria-se do conceito de autonomia em Freire (1995, p. 148) quando o autor afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Então, Oxum me questiona:

- *“Como a CartoDiversidade promove o empoderamento de forma criativa e inovadora no trato com as questões etnicorraciais através da produção de materiais didáticos?”*

- *Essa resposta pretendo encontrar ao longo de nossa estadia aqui.*

- *E o que é empoderamento para você, Ananse?*

- *O empoderamento que busco está atrelado ao que Berth (2018, p. 76) fala, apoiada nos estudos de Freire (1995), enquanto prática que parte do processo de autoconscientização e culmina em transformação a partir de movimentos internos do indivíduo. Segundo a autora “não é possível empoderar alguém senão nós mesmos e servirmos de amparo aos processos de conscientização de outros indivíduos”.*

- *Então funciona como o meu Abébé que traz o poder da mulher se enxergar como capaz de tudo o que desejar, pois o poder de criação está em suas mãos, no seu ventre e no seu olhar, já que ele é um espelho que faz a gente se olhar de dentro pra fora, sendo uma fonte de autoconhecimento e reconhecimento, onde, à medida que nos miramos melhor, nos compreendemos. É assim que entendo empoderamento.*

Chegamos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) *campus* Belém que oferta sete cursos de Licenciatura: Ciências Biológicas, Física, Geografia, Letras – Língua Portuguesa, Matemática, Pedagogia e Química.

Figura 30 - Fachada do IFPA *campus* Belém



Fonte: Capturada por Rubens Pinheiro. Janeiro, 2020.

Passamos pelo *Hall* de entrada e nos deparamos com o Quadro “Memórias” que vi com Oxumarê na entrada do NEAB Virtual.

- *Vamos Ananse, conhecer a CartoDiversidade, fala Oxum.*

Me deparo com um prédio imponente. Era a Biblioteca do *campus* Belém. Fomos ao Bloco M de salas de aula, mas estava vazio. Era intervalo. Resolvi adentrar na Biblioteca e descansar um pouco da longa viagem, fazendo uma curadoria sobre a CartoDiversidade.

Oxum encantada fala:

- *Ananse, você observou que nesse espaço do IFPA *campus* Belém, existem outras ancestrais suas?*

- *Como assim, Oxum?*

Oxum dirige seu olhar para o teto, acompanho esse olhar e vejo teias belíssimas, maravilhosas, tecidas de forma diferenciada e um fio muito forte e reluzente que mais parece um convite para segui-lo. Subimos ao primeiro andar e me deparo com um cartaz:

“Histórias são teias conectadas fio a fio. E você deve seguir cada história até o centro, porque o centro é o final. Cada pessoa é um fio da história”.

Neil Gaiman

Figura 31 - Biblioteca IFPA *campus* Belém

Fonte: Capturada por Rubens Pinheiro. Janeiro, 2020.

Encontro muitas Ananses: Anansia, miss Nancy, Nanci, Nância, dentre outras. Elas são protagonistas e heroínas de diversos contos africanos recorrendo sempre a infinitos truques para lidar com as adversidades. Há a Ananse criadora do mundo, segundo o povo *Ashanti*. A conselheira do Deus supremo da tradição Mali. A mensageira do ser supremo da cultura *Akan*. A dona de todas as histórias do Divino dos contos folclóricos africanos. Elas me questionam em coro:

- *E você, é qual Ananse?*

Surpresa, respondo:

- *Sou uma Ananse que carrego o Afrofuturismo.*

- *E qual sua missão aqui?*

- *Para além de ser uma divindade, sou uma aranha inspirada em Ananse Ntontan que simbolizo e carrego comigo o Afrofuturismo como mecanismo de empoderamento e pretendo fazer uso desses poderes na Educação ao pensar novas possibilidades de convivência com as diversidades.*

- *Mas aqui no IFPA?*

- *Sim, viemos aqui observar a aplicabilidade da metodologia ativa CartoDiversidade.*

Na curadoria feita percebo que ela se fundamenta na metodologia ativa Cartemática¹⁵ cunhada por Vaz (2018), conceito este apropriado, para propor a CartoDiversidade, uma cartografia da aprendizagem da Diversidade Etnicorracial e a Arte, com as devidas adaptações.

Foi aplicada em três turmas no semestre 2019-1 dos cursos de Formação de Professores de Geografia, Matemática e Pedagogia na disciplina Educação para Relações Etnicorraciais com carga horária de 40h, obrigatória no curso de Formação de Professores para lidar com a Diversidade Etnicorracial desde 2007, no cumprimento da Resolução CNE/CP nº 001/2004, de 17 de junho de 2004 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A disciplina foi implementada através do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Diversidades (NEAB) do IFPA *campus* Belém que vem desenvolvendo ações desde 2005 no então Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (CEFET-PA), hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) *campus* Belém, núcleo cujo foco é contribuir para a implementação da Lei nº 10.639/2003 que veio modificar o Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana e de seus aportes legais.

O NEAB, criado na estrutura organizacional da instituição através da Portaria nº 26-GAB de 07/06/2006, tem a especificidade de ser o primeiro da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e o primeiro no âmbito do IFPA.

A CartoDiversidade tem como princípios a cultura *Maker* e a metodologia STEAM. O movimento *maker* é uma extensão tecnológica da cultura do “Faça você mesmo”, que estimula as pessoas comuns a construírem, modificarem, consertarem e fabricarem os próprios objetos, com as próprias mãos. Isso gera uma mudança na forma de pensar (...) É o famoso “pôr a mão na massa” (SILVEIRA, 2016, p. 131).

¹⁵ Termo criado para designar uma cartografia da aprendizagem e seus processos criativos compartilhando saberes e experiências em Matemática e Arte. (VAZ, Cristina Lúcia Dias. Cartemática: uma cartografia da aprendizagem. Apontamentos, 2018).

A metodologia STEAM é um conceito multidisciplinar que une Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática sendo caracterizada pela aprendizagem ativa e dialoga com os pressupostos do conceito de Autonomia de Freire (1995, p. 11) "fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando" que não é inata e, portanto, precisa ser conquistada, construída a partir das decisões e das vivências. E a educação deve proporcionar contextos formativos que sejam adequados para que os alunos possam se fazer autônomos e tornarem-se sujeitos de sua aprendizagem.

A presença da Arte na proposta da metodologia STEAM é uma estratégia importante para o desenvolvimento dessas competências, pois segundo Balestreri (2005, p. 23) os processos que levam o homem a apreender a realidade de forma poética e aqueles que o levam a pensar cientificamente "são vias peculiares e irreduzíveis de acesso ao conhecimento, mas, ao mesmo tempo, são dois aspectos da unidade psíquica". A Arte, portanto, possibilita uma nova compreensão do mundo e do ser humano.

Aqui o Afrofuturismo permeia o processo ensino-aprendizagem na Literatura ficcional de Lu Ain-Zaila. Nesse segmento ainda são poucos os artistas que usam o seu fazer artístico para pensar identidades para o povo negro, olhando para o passado e o presente, imaginando futuros possíveis e melhores. Suas obras estabelecem diálogo entre a ancestralidade, imaginação, tecnologia e futuro. Lu Ain-Zaila usa o Afrofuturismo como uma narrativa para imaginar futuros possíveis com uma lente cultural negra africana e diaspórica. Além da literatura também as artes plásticas, a música e o cinema usam o Afrofuturismo com essa abordagem. Mas, na educação é uma abordagem inédita e inovadora.

Em uma intensa curadoria encontramos o artigo de Freitas & Messias (2018) intitulado "O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo *versus* Afropessimismo - as distopias do presente" que parte do tensionamento entre os conceitos de Afrofuturismo e Afropessimismo para questionar o lugar das distopias nas narrativas negras, a partir do cinema, da música e da literatura, na contemporaneidade.

Freitas (2015) realizou a mostra de filmes "Afrofuturismo Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica" com 21 filmes que contam a história do movimento afrofuturista e apresentam produções que estética e conceitualmente se inspiram nas suas propostas combinando elementos de ficção científica, da

fantasia, da afroubanidade e do realismo fantástico, com cosmologias não ocidentais.

Souza (2019), na monografia de Especialização da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, intitulada “Afrofuturismo e educação: novas perspectivas para o debate sobre as relações raciais” analisa duas produções artísticas do Hip Hop nacional: O filme *Bluesman* e a *Demotape Cataclisma* e realiza uma reflexão sobre como os elementos estéticos e políticos do Afrofuturismo podem auxiliar os debates sobre relações raciais no ambiente escolar, bem como promover novas experiências para crianças e adolescentes negros (as).

A dissertação de Mestrado da Universidade de Brasília de Souza (2019) “Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea” aborda o conceito de afrofuturismo, com foco na literatura brasileira contemporânea analisando três romances brasileiros contemporâneos que apresentam os elementos afrofuturistas de uma maneira diferente: *Ritos de passagem* (2014), de Fábio Kabral, ambientado em um mundo de fantasia que tem como base mitologias africanas; *Brasil 2408* (2016-2017), de Lu Ain-Zaila, que utiliza um apocalipse climático para a construção de um futuro distópico; *Cidade de Deus Z* (2015), de Julio Pecky, no qual ocorre uma infestação de zumbis transformados a partir de um lote estragado de *crack*.

Santos e Santos (2018) no artigo “Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil” resultante de uma pesquisa de mestrado centrada no evento *Afro Chic* de Curitiba, que promove oficinas de tranças e turbantes como formas de ressignificação do corpo negro concluindo que o mesmo é uma das estratégias da Geração Tombamento, movimento cultural que utiliza a moda e a estética como ferramentas políticas para desconstrução de estereótipos de raça e de gênero, principalmente os construídos pela ideologia de branqueamento no início do século XX.

Ernesto (2018) no ensaio “Afrofuturismo: o espelhamento negro que nos interessa” apresenta o movimento Afrofuturista, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, e suas diretrizes existenciais pelo viés da literatura direcionado para a ficção especulativa que é recente na postura autoral de negros e negras no Brasil. Discute a universalidade da ficção científica como um todo e as formas

como o seu *mainstream* reflete e pratica o racismo. Conclui que se torna indispensável esclarecer os objetivos afrofuturistas brasileiros como a cor da mão e o tipo de consciência que o define, rege e possibilitará efetivamente a construção de um afrofuturo, que é o antídoto contra o mito da democracia racial.

Silva, Santos e Amstel (2020) no artigo “Quando o negro se movimenta, toda a possibilidade de futuro com ele se move - afrofuturismo e práticas estéticas de resistência” refletem como a linguagem Afrofuturista se apropria de proposições correlatas às lutas do movimento negro brasileiro, como uma estratégia de resistência em relação ao racismo. O estudo demonstra como as técnicas de *design* inseridas nas produções estéticas e artísticas se tornam ferramentas cruciais para a construção imagética e emancipação social a partir das representações das populações negras na cultura contemporânea.

Anderson e Jones (2016), ponderam que “o Afrofuturismo, como a pós-negritude, desestabiliza as análises anteriores sobre a negritude”, afirmando que “um afrofuturista não ignora a história, mas ele também não permite que a história restrinja seus impulsos criativos”.

E, aqui, há uma perspectiva de aplicabilidade do movimento afrofuturista na Educação ao pensar novas possibilidades de convivência com as diversidades em que, por meio do empoderamento, alunos (as) pensam outros futuros possíveis a partir de um movimento de pensar um outro presente para seus pares fora da cristalização dos lugares onde as populações negras sempre foram alocadas pela mídia e pelo livro didático no espaço escolar.

O afrofuturismo aplicado à Educação é uma potência, uma força motriz que através da narrativa pode revelar o passado invisibilizado pelo colonizador, elevar a imaginação para além das convenções pré-estabelecidas da realidade, questionar o presente e criar outros parâmetros de expectativa para pessoas negras e pode utilizar o espaço educacional através de metodologias ativas em que o aluno seja protagonista “como ferramenta para resgatar passados sistematicamente apagados ao mesmo tempo em que projeta futuros, mesmo que o pensamento sobre o futuro seja algo prejudicado pelas amarras do racismo” (WOMACK, 2013, p. 41).

Através do empoderamento as pessoas negras começam um processo de poder reivindicar a construção de um futuro, seu próprio e de seus pares e, para além de imaginar-se em espaços majoritariamente negados, poder estar lá

pelo processo educacional são pontos importantíssimos do movimento afrofuturista que aqui tomo nessa pesquisa.

Procuro aqui, recontar as histórias ausentes de pessoas descendentes de negros e seus papéis na ciência, na tecnologia e na ficção científica. E, com a tecnologia, através da Realidade Virtual (RV), da cultura *maker* e da metodologia STEAM com a produção de produtos educacionais afrofuturistas, procuro consolidar a metodologia ativa CartoDiversidade que se constitui em uma ferramenta para a aprendizagem criativa e elevação da autoestima.

- *Então, vamos todas compartilhar dessa experiência*, exclamam as outras Ananses em coro, entusiasmadas.

- *Então, sigamos nessa aventura*, fala Oxum.

Saímos pelos corredores da instituição e chegamos ao Bloco M.

Figura 32 - Bloco M de salas de aula no IFPA *campus* Belém



FONTE: Capturada por Rubens Pinheiro. Janeiro, 2020.

Na curadoria realizada encontramos que a disciplina Educação para Relações Etnicorraciais cumpre um percurso elaborado no Plano de Disciplina no formato de um guia sobre a CartoDiversidade. Este Guia descreve que a CartoDiversidade é composta por três Cartas: a) Carta Princípios Inspiradores; b) Carta Exercício do Olhar; c) Carta Inspiração. E cada Carta é formada por Trilhas.

São apresentados os objetivos e a ementa, bem como a descrição detalhada das Cartas, Trilhas e das atividades. O funcionamento da disciplina, o inventário, o diário de impressões no formato de resumos criativos (*lettering*), infográficos e nuvem de palavras, a avaliação e autoavaliação de cada etapa, a

caixa de inspirações com suas atividades de inspiração, produção e visitação, e os textos utilizados.

Figura 33 - Infográfico do Guia da Metodologia Ativa CartoDiversidade



FONTE: Autoria Própria. Fevereiro, 2020.

O “Guia CartoDiversidade” enquanto produto educacional engloba seis princípios ou características pedagógicas que possibilitam assegurar uma “narrativa educacional” adequada.

O desenho pedagógico do Guia CartoDiversidade apresenta as seguintes características: Afetividade; Autonomia; Estímulo à aprendizagem cooperativa/colaborativa; Interatividade; Organização e Reusabilidade/ Reutilização. (BARBOSA, 2014)

A Afetividade é entendida aqui como a capacidade do produto educacional ser envolvente atrativo e contextualizado. Se apresenta aspectos motivacionais, amigável ao sujeito, estimula o desejo de interagir com o objeto, respeitando as individualidades ao propor desafios atingíveis, sem gerar ansiedade.

A Autonomia exprime a obtenção da condição de independência pessoal e papel ativo ao sujeito, ao dar ênfase à interatividade e ao controle do mesmo, encorajando-o à exploração e ao envolvimento com o produto, estimulando a aprendizagem cooperativa/colaborativa na medida em que seus usuários, incluindo o professor, precisarão trocar ideias e trabalhar coletivamente para o desenvolvimento da atividade

A Interatividade diz respeito à possibilidade de envolvimento do sujeito com o conteúdo de alguma forma.

A Organização corresponde à estruturação dos conteúdos seguindo uma metodologia pedagógica que pode ajudar na compreensão e aquisição do conhecimento.

A Reusabilidade/Reutilização refere-se ao fato de o produto poder ser integrado a um novo escopo pedagógico ou objetivo de aprendizagem e, também ser utilizado para distintos tipos de alunos, quando se incorpora a ele componentes em múltiplas aplicações e contextos sendo assim, possível de ser adaptado.

Na primeira aula da turma de Geografia foi realizada uma leitura do Guia, que foi antecipadamente disponibilizado na sala virtual da turma na plataforma SIGAA¹⁶ do IFPA. Neste momento foi explicado aos alunos todo o percurso da disciplina e o seu formato.

As outras Ananses espalharam-se pela sala de aula e observavam as reações dos alunos:

- *Gente, a professora mudou muito da última disciplina ministrada aqui*, comenta um aluno.
- *O que aconteceu com ela? Essa disciplina parece até um mapa de tesouro*, retruca outro aluno.
- Cheia de mapas, trilhas, observa outro aluno.

¹⁶ Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas.

Esse estranhamento devia-se à metodologia utilizada, tendo em vista que os alunos esperavam da professora, que já havia ministrado para eles, no semestre anterior, outra disciplina, uma postura similar, uma repetição de método.

E, tal qual uma aranha, venho mudando minhas metodologias. É muito pertinente esse estranhamento dos alunos.

Oxum com seu *abébé* observa a execução da Carta Princípios Inspiradores que se desenrolou em três aulas e objetivou munir os participantes com elementos teóricos e tinha como desdobramento a Trilha da Aprendizagem Criativa.

Nessa Trilha foram disponibilizados previamente os textos na sala de aula virtual na plataforma SIGAA: “Criatividade como Ferramenta de Ensino” de Jailson Lima; “O Aprender em Múltiplas Dimensões” de Silvio Gallo; “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” de Jorge Larrosa. Era necessária a compreensão de conceitos como: Criatividade, Aprendizagem Criativa, Experiência e Inovação.

As ananses estavam em polvorosa. Foi anunciada uma atividade chamada “Dominó Criativo”. Elas conheciam o jogo de dominó de suas andanças pelo mundo. E estavam na expectativa, pois fora anunciado que esse era um dominó especial.

E a professora explicava o que era Gamificação:

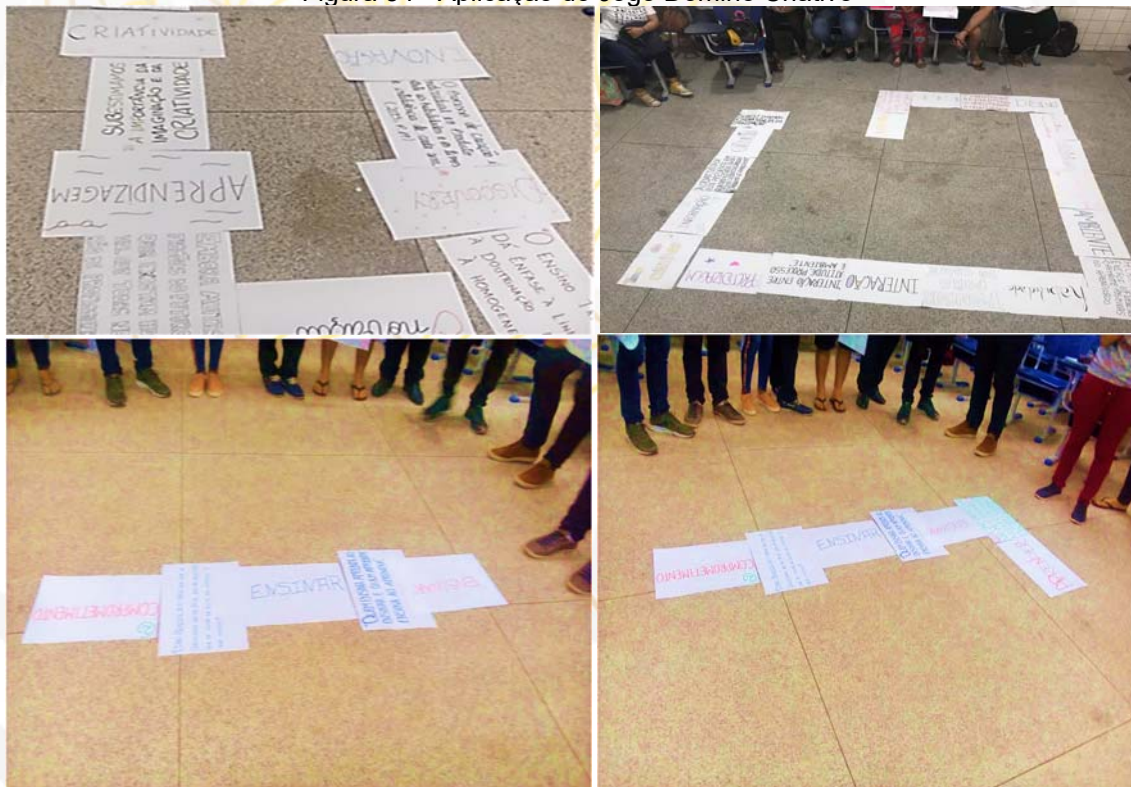
- A gamificação captura dos jogos a sua essência, ou seja, os elementos e mecanismos que proporcionam ao usuário maior motivação e engajamento. E o nível de engajamento do sujeito é preponderante para o sucesso em gamificação (MUNTEAN, 2011).

Para criar um ambiente diferenciado de aprendizagem e garantir a retenção da atenção dos alunos foi realizada uma atividade gamificada com o jogo dominó criativo: a turma foi dividida em cinco grupos e foram entregues seis folhas de papel A3 e pincéis coloridos para a escrita de três palavras-chave e três frases do texto em cada uma das folhas.

Foi dado um tempo de 15 minutos para essa tarefa. Após a conclusão, os grupos se postaram em pé formando um círculo, e tiravam par-ímpar para a ordem de saída. A dinâmica consistia, como em um jogo de dominó comum, em encaixar palavras com frases, mas, para que o encaixe acontecesse. o grupo

teria que explicar e convencer os demais da pertinência do encaixe e, isso, demandava a leitura prévia dos textos. O grupo vencedor seria aquele que dispusesse todas as seis peças no chão.

Figura 34 - Aplicação do Jogo Dominó Criativo



Fonte: Arquivo da Turma. Março, 2019.

O Dominó criativo funcionou perfeitamente para o fim a que se propunha gerando interação entre os pares e aprendizagem criativa dos conceitos necessários à Trilha da Aprendizagem Criativa.

Para o segundo texto, cada equipe teria que criar um jogo e trabalhar a gamificação.

As anases eufóricas com a gamificação estavam na expectativa para verificar a aprendizagem de conteúdos através de jogos e esperavam ansiosas pelo momento das apresentações.

Oxum observava as reações e pergunta à Ananse:

- *Será que os alunos vão dar conta dessa tarefa? Você observou que são muitas atividades a cada aula?*

Ananse responde:

- *Oxum, sim, são muitas atividades direcionadas. Percebo aqui um campo aberto e um ambiente propício para a criatividade e a inovação emergirem.*

Os alunos propuseram a atividade denominada “tabuleiro do conhecimento” criado com a finalidade de fixação do texto "O aprender em múltiplas dimensões". Era composto por um baralho com 11 perguntas, um dado, um tabuleiro com 21 casas e três pinos. A turma foi dividida em três grupos e o que estivesse na vez, tinha 45 segundos para responder. Os grupos adversários podiam contestar a resposta em 30 segundos. No caso de resposta incorreta, o primeiro grupo adversário que respondesse corretamente, jogava o dado e avançava o número de casas.

O Tabuleiro do Conhecimento serviu aos objetivos propostos gerando interação e aprendizagem criativa dos conceitos necessários para a consolidação da Trilha da Aprendizagem Criativa pela gamificação.

Figura 35 - Aplicação do Jogo Tabuleiro do Conhecimento



Fonte: Arquivo da Turma. Abril, 2019.

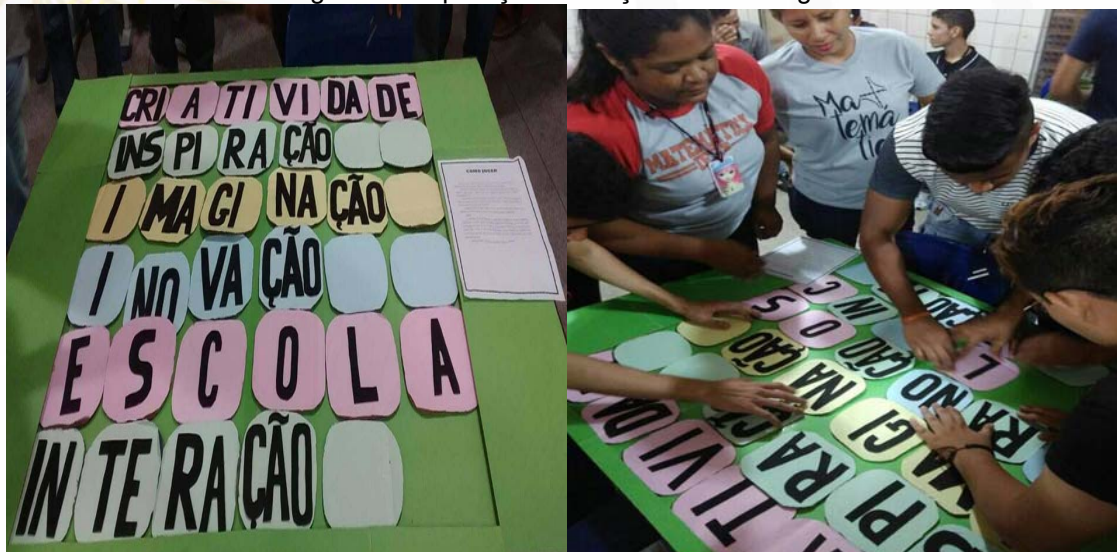
- *Olhem meninas, falavam as Anases em alvoroço.*

Ananse com os olhos atentos e como que entorpecida, murmurava:

- *Eles conseguiram transformar um simples caça-palavras em um tabuleiro inovador.*

Era o “caça palavras criativo” que dispunha em seu interior palavras-chave do texto tornando a aprendizagem leve e garantindo o engajamento de todos.

Figura 36 - Aplicação do Caça-Palavras Lógico

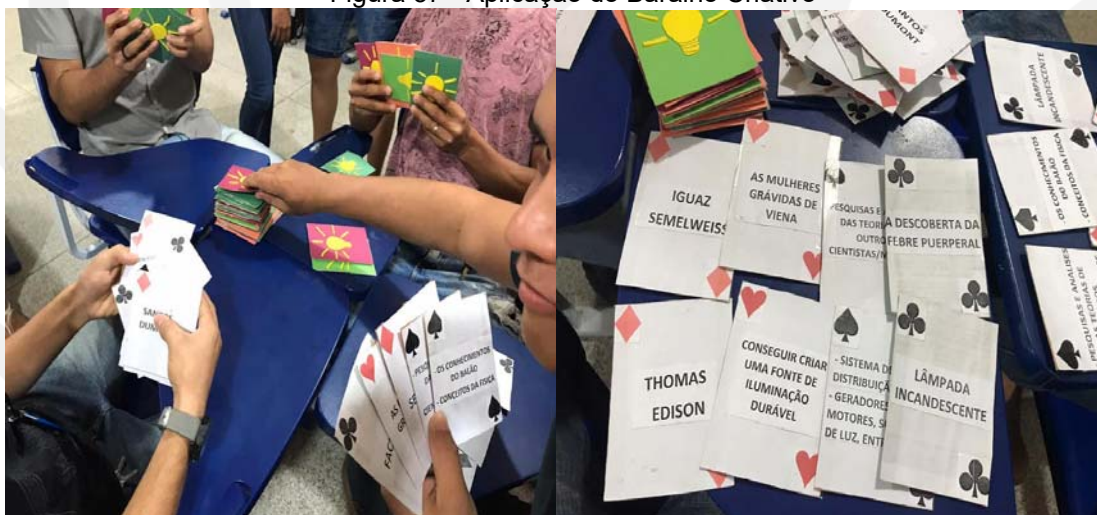


Fonte: Arquivo da Turma. Abril, 2019.

- Ah! Ananse, olhe esse jogo de cartas criativo, falava Oxum.

Era a adaptação de um jogo de baralho com 64 cartas com quatro naipes, sendo 16 cartas de cada. Ganhava quem conseguisse formar dois conjuntos de quatro cartas de conhecimento, primeiro. O detalhe era que havia uma tabela alocada no quadro pela equipe que concebeu o produto e servia como Guia aos usuários.

Figura 37 - Aplicação do Baralho Criativo



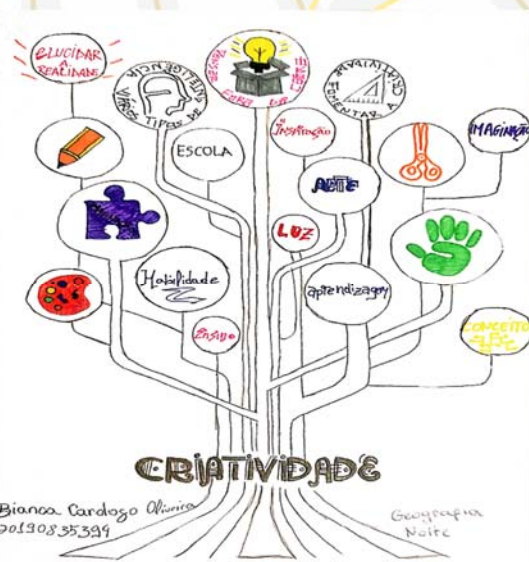
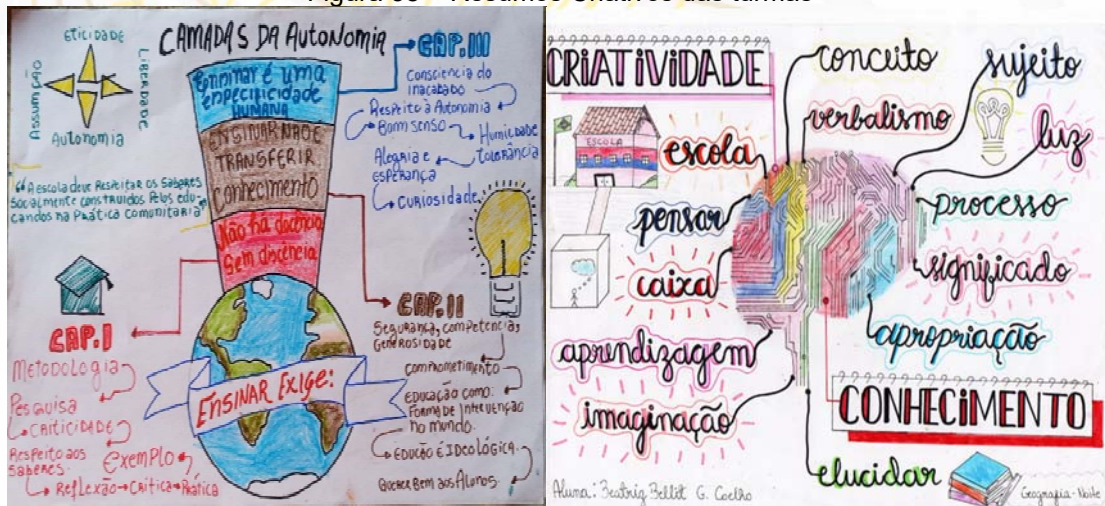
Fonte: Arquivo da Turma. Abril, 2019.

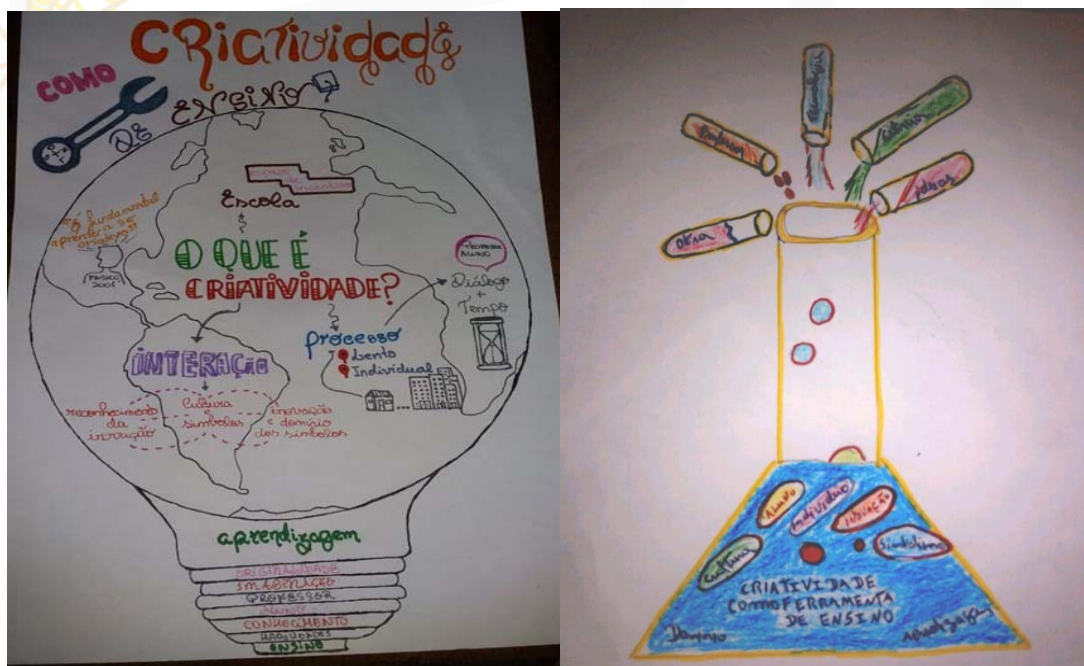
Concomitante a essas atividades foi solicitada a produção de *Lettering*, uma espécie de Resumo Criativo, acerca de cada texto trabalhado. Essa atividade era realizada individualmente e postada na sala virtual da turma na plataforma SIGAA.

Ananse diz:

- Vamos olhar o SIGAA e ver esses resumos criativos.

Figura 38 – Resumos Criativos das turmas





Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

Passava da meia-noite no *campus* Belém. Fomos para a Biblioteca, que servia de abrigo e local de encontro, durante essa estada no IFPA.

- *Amanhã inicia a segunda etapa da CartoDiversidade*, falava Ananse.

A segunda etapa da CartoDiversidade consistia na Carta Exercício do Olhar que se desdobrava na Trilha Diversidade Etnicorracial e Arte através de três imersões: a) Imersão Artística no Afrofuturismo; b) Imersão na Diversidade Etnicorracial; c) Imersão Artístico-Etnicorracial.

As Ananses, a postos e curiosas, queriam mais detalhes do funcionamento.

Ananse já havia feito uma curadoria sobre a artista escolhida para esse momento.

Oxum diz:

- *Ananse, então fale sobre a artista, por favor. Temos que nos preparar para essa observação. As aulas nessa disciplina ocorrem de forma intensa. Não tem como chegar lá e “apenas observar”. Precisa de uma observação consistente.*

Todos sentaram-se em volta de Ananse, formando um círculo.

Ananse pergunta o que as outras ananses sabem sobre o Afrotuturismo e percebe que sabem muito pouco, então inicia a sua fala explicando as origens do movimento Afrotuturista.

- O Afrofuturismo consiste em um movimento estético, político e crítico, plural e multifacetado, tendo como ponto em comum uma narrativa alternativa e fantástica para as experiências das populações negras no passado, no presente e no futuro. As obras são influenciadas por elementos da ficção científica, do hiper-realismo, da fantasia, das diversas mitologias de origem africana. (FREITAS, 2015)

É um movimento que engloba a música, quadrinhos, cinema, moda, artes plásticas e literatura. Sua estética é visível nos cliques futuristas da cantora Janelle Monáe, nas “canções cósmicas” de Erykah Badu e Outkast, na música “Afrofuturismo” de Ellen Oléria e, ainda, nas telas de Jean-Michel Basquiat, que carregam referências de um passado ancestral com toques contemporâneos.

No cinema temos o filme *Pantera negra* e “*Uma dobra no tempo*”, que é uma aventura tecnológica protagonizado por Storm Reid, e Oprah Winfrey.

No Brasil, as maiores expressões afrofuturistas estão em filmes como *Branco sai, preto fica* (2014), de Adirley Queirós, na música do grupo Senzala Hi-Tech e na ficção científica de Fábio Kabral, autor de *O caçador cibernético da rua 13* (Malê) e *Sankofia* de Lu Ain-Zaila.

Na Filosofia, temos o pensamento do filósofo camaronês Achille Mbembe, que defende a ideia do 'afropolitanismo', concepção de que deve haver uma maior conexão entre os países do continente africano para romper com os limites nacionais construídos pelo colonialismo, mas não faz disso uma determinante para se manter subjugada no mundo.

Na Sociologia temos o professor Reynaldo Anderson, professor assistente de humanidades na Harris-Stowe State University e elaborador de uma teoria crítica do Afrofuturismo que trata que um afrofuturista não ignora a história, mas ele também não permite que a história restrinja seus impulsos criativos e a usa como arma na pós-negritude.

O termo “Afrofuturismo” foi usado pela primeira vez pelo teórico e crítico cultural Mark Dery, em seu ensaio *Black to the future* (1994), que questiona a ausência de autores negros na literatura de ficção científica nos Estados Unidos – e, ao mesmo tempo, data o nascimento da estética que chamou de “afrofuturista” entre os anos 1960 e 1970, com o jazzista Sun Ra, nas palavras da escritora Octavia Butler (a primeira mulher negra a ganhar notoriedade no gênero da ficção

científica) e, ainda, nos quadrinhos do Pantera negra, publicados pela primeira vez em 1966 pela Marvel Comics.

Em 2008, Jarvis Sheffield criou o site BlackScienceFiction.com, um espaço para artistas, escritores, cineastas e animadores sci-fi, lançado com 10 perfis. Em 2012, tinha 2.016 perfis. Ele reuniu obras de escritores que tinham publicado no site e lançou Genesis: Anthology of Black Science Fiction, em dois volumes. Hoje, o site é um grande portal para criadores de ficção científica. (FREITAS, 2015)

Ananse retorna à CartoDiversidade e à escritora escolhida pela professora.

Foi dado destaque à escritora Luciene Marcelino Ernesto, mais conhecida como Lu Ain-Zaila. É uma pedagoga e escritora afrobrasileira cujas temáticas são a ficção científica afrofuturista e literatura fantástica.

Figura 40 - Luciene Ernesto/Lu Ain-Zaila



Fonte: <https://brasil2408.com.br/index.php/a-autora/>

Ela é formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), publicou em 2007, a sua primeira história, o conto “O Caminho Sankofa de Nande” na revista Eparrei.

Na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2015, Lu Ain-Zaila percebeu a inexistência de livros que representassem sua história e resolveu criar uma história de ficção científica na Duologia Brasil 2408, composta pelos romances (In) Verdades (2016) e (R) Evolução (2017), lançados de forma independente, que contam a história de uma heroína negra chamada Ena, que luta contra a corrupção no Brasil do século XXV.

Em 2018, Lu Ain-Zaila lança “Sankofia: breves histórias afrofuturistas”, contendo contos afrofuturistas protagonizada por personagens negros.

A escritora lançou *Iségún* em setembro de 2019, com elementos de *cyberfunk* e filosofia africana. Ela também escreve artigos e ensaios sobre Afrofuturismo e ficção especulativa.

Figura 41 - Livros de Lu Ain-Zaila



Fonte: <https://brasil2408.com.br/index.php/a-autora/>

Lu Ain-Zaila se destaca e consolida sua escrita ao lado de nomes como Octavia Butler (1947-2006), escritora afro-americana e Aline França, que em 1981 publicava no Brasil o romance “A mulher de Aleduma”, antes do termo Afrofuturismo se popularizar e bem antes de ser apresentado por Mark Dery no artigo *Black to the Future* (1993).

Ain-Zaila faz uma escrita periférica utilizando o componente da ancestralidade sobre problemas do passado/presente e da mitologia africana. A autora pensa no Afrofuturismo como uma forma de rever o passado para além da escravidão. Ela traz à tona uma história esplêndida que deve ser contada pelo presente para que existamos no futuro, encharcadas de empoderamento para tornar seus leitores sujeitos capazes de produzir oportunidades justas a qualquer momento.

Isso inclui o resgate de mitologias africanas, o desenvolvimento de críticas sociais voltadas para problemas reais do nosso mundo contemporâneo e a construção de uma noção de futuro. Esses três aspectos quase compõem uma das premissas do Afrofuturismo de que é preciso trazer à tona um passado sistematicamente apagado para refletir sobre os problemas do presente e projetar futuros para a população negra.

- *Uau! Ela tem uma arma poderosa através da narrativa afrofuturista, falam as Anases em coro.*

Oxum pergunta:

- *Ananse, em quantas aulas a professora pretende fazer a imersão artística no Afrofuturismo?*

Ananse consulta o Guia da disciplina e responde:

- *Estão previstas duas aulas, com base no capítulo 1 intitulado “Era Afrofuturista” do livro Sankofia e no ensaio da mesma autora “Africanfuturismo: o espelhamento negro que nos interessa”, todos disponibilizados na sala virtual na plataforma SIGAA com antecedência.*

Figura 42 - Livro “Sankofia” e Ensaio “Africanfuturismo: o espelhamento negro que nos interessa”



Fonte: <https://brasil2408.com.br/index.php/a-autora/>

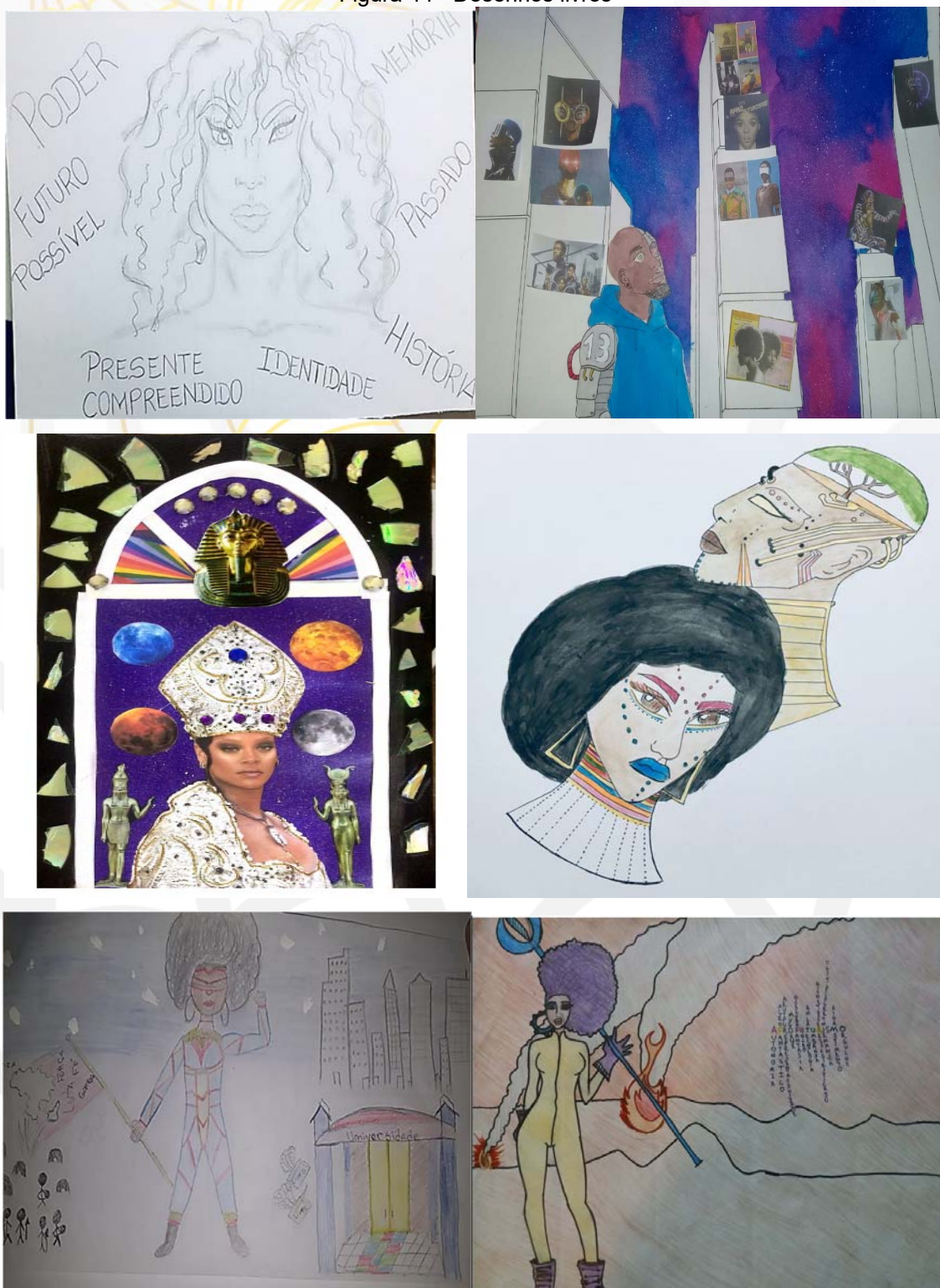
Na aula 1, os grupos, anteriormente formados, produziram nuvem de palavras e apresentaram suas produções com uma discussão acerca do conto “Era Afrofuturista”, principalmente destacando as características do Movimento Afrofuturista: ancestralidade, futuro possível, autonomia e tecnologia.

Figura 43 - Nuvem de palavras Afrofuturismo



Na segunda aula foram produzidos desenhos livres pelos grupos e discussão coletiva sobre o texto.

Figura 44 - Desenhos livres



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

O segundo encontro culminou com a construção de infográficos.

Figura 45 – Infográfico Afrofuturismo

SANKOFIA - BREVES HISTÓRIAS SOBRE AFROFUTURISMO

Bem-vindo ao Centro Cultural do Afrofuturismo

3º andar: Espaço de exposições diversas: foto-auditiva, memória, papéis, documentos da Universidade de Timbuctu (Mali), jogo, linha do tempo, Ishango, etc.

2º andar: Espaço voltado aos acontecimentos dos séc. XX e XXI, dedicado à pessoas que revolucionaram a história e modelaram o "pensamento negro" de seus muitos lugares da atuação.

1º andar: O futuro é o lugar e estamos nele, presente e passado também.

2º andar: Aliens, vocês deveriam ter previsto nossa resistência.

Space is the Place (Espaço é o Lugar)







O livro destaca alguns objetos criados por negros, com valor significativo para inventores sociedade.

Sankofia: Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás.

Infográfico do livro Sankofia

Fonte: Sankofia
Autora: Lu Ain-Zaila
Discente: Diana Carvalho

ERA AFROFUTURISTA
Lu Ain-Zaila

Space is the Place

BEM-VINDO AO CENTRO CULTURAL AFROFUTURISTA

"NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR AQUILO QUE FICOU ATRÁS"

Somos interativos e futuristas, aqui é possível fazer conexões entre o passado, presente e futuro, através de uma viagem ao afrofuturismo, expondo para todos a verdade sobre a história do povo africano. Abaixo uma pequena amostra das exposições em destaque:

AQUI, NÃO HÁ MÁQUINAS DO TEMPO





"Ser abduzido: o estranho numa terra estranha"

Antigos reinos e impérios Africanos



Impérios na África

Gana, Axum, Congo, Songhai, Yorubá, Nok, Zimbábue, Peul, Kerma (Kush), Meroé, Napata, Monomotapa, Benin, Kitaro, Mossi, Daomé, Ashanti, Ruanda, Loango, Ndongo, Burundi, as dinastias egípcias e tantas outras.



O conto "Era Afrofuturista" tem como objetivo principal resgatar a cultura afrodescendente, valorizando a história africana, seus inventores, personalidades marcantes e descendentes, através de um tour em um Centro Cultural muito interativo e futurista, no qual é possível fazer uma viagem conectando o passado, presente e futuro.

Venha também ser um aprendiz, capaz de salvar qualquer um da corrente do discurso único
A Era Afrofuturista ao alcance de todos.

ORIENTADORA:
Helena Rocha


INSTITUTO FEDERAL

AUTORES:
Carolina Rizzioli
Igor Silva

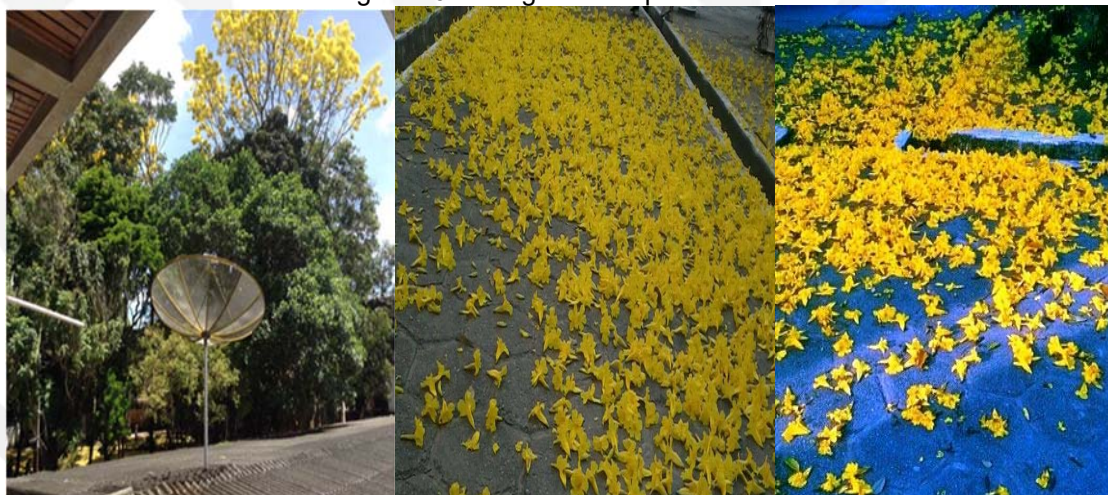
Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

Era a madrugada quente de um sábado de setembro no IFPA do *campus* Belém. Sábado é dia de Oxum. Uma música ao longe penetra no ambiente. As ananses começam a cantar em coro e dançar. A música vinda de um rádio próximo anunciava o sábado. Saímos dançando e acompanhando o som.

Nessa cidade todo mundo é d'oxum
 Homem, menino, menina, mulher
 Toda essa gente irradia magia
 Presente na água doce
 Presente n'água salgada
 E toda cidade brilha
 Seja tenente ou filho de pescador
 Ou importante desembargador
 Se der presente é tudo uma coisa só
 A força que mora n'água
 Não faz distinção de cor
 E toda a cidade é d'oxum
 É d'oxum, é d'oxum, é d'oxum,
 Eu vou navegar, eu vou navegar
 Nas ondas do mar, eu vou navegar
 É d'oxum, é d'oxum
 (É D'Oxum -
 Gerônimo / Vevé Calazans)

A visão que tivemos foi essa. O chão coberto pelas flores dos ipês amarelos simulava um tapete para homenagear Oxum.

Figura 46 – Imagens dos Ipês no IFPA



Fonte: Autoria própria. Setembro, 2019.

A paisagem nos convidava a estar nos bancos da área verde do IFPA *campus* Belém e conversar sobre os encontros e vivências e, ao mesmo tempo, nos prepararmos para a imersão na diversidade etnicorracial e na imersão artístico-etnicorracial.

Realizamos uma espécie de momento cultural de nossa vivência com a CartoDiversidade com cantigas, danças, poesias e estórias para honrar o sábado de Oxum.

As Ananses que habitavam a Biblioteca do IFPA iniciaram um coral com essa música:

Sua beleza
 Reflete no espelho
 A magia que vem do seu olhar
 O seu perfume arrepia
 O corpo inteiro
 Tens a serenidade no caminhar
 Num sorriso singelo
 A previsão de um elo
 Comunhão entre o rio e o mar
 Dona do meu castelo
 De colar amarelo
 Do dourado a lhe destinar
 E não precisa ter algum
 É notável a qualquer um
 A leveza do seu cantar
 Tens a sensibilidade a fio
 O amor de mãe ao filho
 É presença de Yabá
 É de Oxum, Ela é filha D'Oxum
 É de Oxum, Ela é filha D'Oxum
 (Filha D'Oxum - Leo Antunes / Thiago da Serrinha)

Cantamos e dançamos. Oxum empunhando seu *abébé* como uma rainha, traz-nos à realidade:

- *Vamos meninas. Escuto vozes vindo da entrada da instituição.*

Eram muitas pessoas querendo garantir sua entrada no Auditório: Professores, ativistas do Movimento Negro e alunos.

Estava acontecendo o evento “*Encontro de Professores do Pará - Os desafios da educação étnico racial*” e, neste momento, uma mesa intitulada “*Cenários da educação para as relações étnico-raciais na Amazônia*”.

Ananse presencia o encontro da professora da disciplina Helena Rocha com Zélia Amador e se indaga:

- *Será um encontro de Ananses humanas?*

Percebe que é importante para sua busca esse encontro e escolhe um lugar próximo para tecer sua teia e observar.

Zélia Amador de Deus estava ali para lançar seu livro “*Ananse tecendo teias na Diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse*”. A professora Helena adquire o livro pois sabia que ali

encontraria subsídios para a busca sobre criatividade e inovação e, principalmente, uma versão mais elaborada sobre Ananse.

Figura 47 - Evento “Encontro de Professores do Pará - Os desafios da educação étnico racial”



Fonte: Arquivo do NEAB. Setembro, 2019.

Senti que esse encontro com Zélia aconteceu pelas mãos abençoadas de Oxum.

As Ananses entrelaçadas se avolumavam em redor do livro. Sabiam que ali a autora relatava suas histórias. Eram citadas. Sentiam-se protagonistas.

E em coro, festejavam Zélia Amador de Deus, entoando a poesia contida no final do Prólogo de seu livro que fala da sua pesquisa de doutorado defendida em 2008 e publicada em formato de livro em 2019:

Oh! Divina Ananse! Presta-me teu poder
Para andar como tu
Sobre as águas do rio e sobre as águas do mar.
Oh! Divina Ananse!
Presta-me teu poder para outras histórias tecer
Para outras histórias contar. Oh! Divina Ananse!
Ajuda-me a envolver o espectador/leitor nesta breve aventura.
(AMADOR DE DEUS, 2019, p. 37)

Ali, eu sentia que laços fortes e apertados nos entrelaçavam através de Ananse. Oxum sorri e me envolve no amarelo de seu manto, dizendo:

- *Vamos terminar sua missão!*

E caminhamos abraçadas, seguida das demais Ananses. Saímos para nosso refúgio e fomos descansar.

Esse encontro teve um forte impacto. Observo a professora Helena Rocha devorar o livro para conhecer a Ananse no contexto da Diáspora que “tece

laços de solidariedade entre seus filhos dispersos sob o jugo de uma intensa dominação” de Amador de Deus (2019, p. 24).

Era mais uma Ananse que se agregava a nós nessa aventura.

- *Seja bem-vinda!*

Ela sorri e é recebida calorosamente pelo grupo de Ananses e por Oxum.

Chega o momento de irmos até o Bloco de salas de aula e caminhamos até lá. O chão, com a floração dos ipês, formava um tapete amarelo para nos dar passagem.

Para a **Imersão na Diversidade Etnicorracial** foram selecionados três conteúdos constantes da ementa da disciplina: a) Conceitos básicos da diversidade etnicorracial comumente usados (Raça, Etnia, Racismo, Etnocentrismo, Preconceito, Discriminação, Democracia Racial, Empoderamento, Estereótipo, Injúria Racial, Ações Afirmativas, Inclusão, Exclusão, Igualdade, Desigualdade); b) A invenção da África; c) Correntes Historiográficas sobre a África. Foram usadas três aulas e disponibilizados antecipadamente os seguintes textos na sala virtual na plataforma SIGAA: “Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações raciais no Brasil uma Breve Discussão” de Nilma Lino Gomes; “A Invenção da África. Introdução aos Estudos Africanos em Diáspora” de Claudia Mortari Malavota; “Diversidade e capacitação em escolas de governo: Mesa-redonda de pesquisa-ação” de Paula Montagner; Édio de Souza Viegas; Erasto Fortes Mendonça.

Em um primeiro momento a turma, já dividida em cinco grupos, foi incumbida da produção de produtos educacionais no formato nuvem de palavras em papel A3. Os modelos foram diversos, mas percebemos que se aproximavam da área de conhecimento de cada turma nos trabalhos com os três textos.

Aguçamos nossa escuta, nós Ananses e Oxum, para a socialização das nuvens de palavras.

Para nossa surpresa, a aluna Jamille do curso de Pedagogia, na socialização de sua equipe se emociona ao fazer um depoimento acerca do termo preconceito e discriminação.

“- Ela (a diretora da escola) nos tratava como se fôssemos inferiores, como se tivéssemos pedindo favores, quando era um direito nosso sermos incluídos na educação básica (Ensino Médio). Foi muito difícil nossa permanência lá e não sei nem como tive forças para chegar aqui (graduação IFPA)”.

Foi um momento de tensão.

Ananse percebe a emoção da professora Helena Rocha e entende que ela também recorda a sua história e sua trajetória similar.

A professora acolhe a aluna e pede para alguém da turma pegar um copo de água e diz:

- *Coloque tudo pra fora. Iniciou, termine. Vai te fazer bem.*

Após a apresentação, a aluna diz:

- *Professora, esta disciplina está me ajudando no estágio e na minha própria vida.*

A professora responde:

- *Um dos objetivos dessa disciplina é dar poder através do conhecimento de conteúdos da Educação para Relações Etnorraciais aos futuros professores. É empoderar para que possamos mudar esse quadro que eu e você vivemos.*

Nesse sentido, o empoderamento é, conforme Berth (2018, p. 16)

(...) pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história.

O propósito maior da metodologia da CartoDiversidade está em munir o futuro professor com conhecimentos para desafiar as forças opressoras da sociedade, de forma a torná-la menos desigual.

Oxum pega seu *abébé* que é uma ferramenta a ser utilizada pelas mulheres negras oprimidas na diáspora que funciona como elemento de empoderamento, bailando em torno da aluna, acompanhada de outras anases e diz:

- *Mire-se sempre em um espelho, pois nas imagens refletidas podemos encontrar umas às outras. O espelho, tal qual o abébé, pode nos ajudar a “inverter/reverter certos estigmas”, curar feridas e cicatrizes herdadas do escravismo.*

- *O que você tem a dizer Ananse? Mostre a ela aquele papel que você achou na Biblioteca ontem, observa Oxum.*

Ananse entrega à aluna um papel. É uma tirinha.

Figura 48 - Empoderamento Crédito: O Mundo de Tayó Produções | Reprodução



Fonte: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/escritora-faz-tirinhas-sobre-cultura-negra-e-empoderamento/?fbclid=IwAR2ZyV6qlmyNDdtr3tLUjKASGvoXlpoKDyV3VCOfliVleZQCMfsp-OnobLo>

Tayó é a protagonista do livro infantil “O mundo no *black power* de Tayó” que é transformada em personagem principal de uma série de tirinhas pela escritora e pesquisadora Kiusam de Oliveira que objetiva reafirmar o potencial das histórias para a construção de referências positivas para as crianças. Tayó que significa “da alegria”, vive situações em que suscita a importância do empoderamento em situações de racismo.

A aluna Jamille responde:

- *Se fossemos educadas desde cedo a olhar para o espelho dessa forma que Tayo faz, muitas meninas como eu não passariam por situações de baixa estima e muitas lágrimas seriam evitadas. Entendo agora, que o conhecimento adquirido sobre as diversidades pode empoderar sim, muitas crianças e eu, tardiamente.*

As anases postaram-se em torno dos grupos que se apresentariam ainda e, começaram a observar atentamente cada produto educacional, cada nuvem de palavras.

- *É uma forma inovadora de aprender, fala uma delas.*
- *Sim, responde outra.*

A estratégia de produção autoral de nuvem de palavras, serve como estímulo à interação entre os pares e, nesse caso, garante altos níveis de engajamento.

Oxum intervém:



Fonte: Arquivo do NEAB. Setembro, 2019.

- E não para por aí, retruca Ananse. Observem os resumos criativos (Lettering) produzidos com os mesmos textos.

É uma ferramenta utilizada em sala de aula para manter a motivação do aluno fornecendo a ele estímulos de alta qualidade e com diferentes formatos.

A experiência da imersão na diversidade etnicorracial com a produção de resumos criativos se expressou em concentração, atenção, compreensão da informação e na interação instantânea e contínua entre o aluno e o conteúdo.

Dessa forma, podemos inferir com base na observação que os alunos foram capazes de usar a imaginação para criar soluções criativas aos problemas cotidianos envolvendo a diversidade etnicorracial.

Figura 50 – Resumos Criativos de conceitos da diversidade etnicorracial





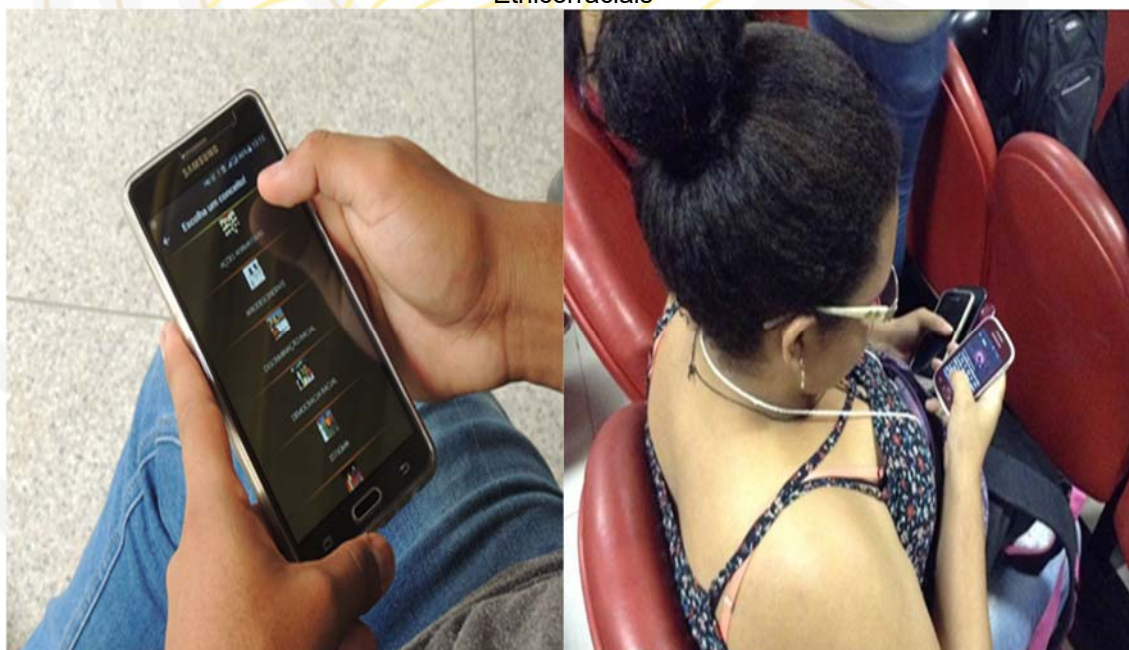
Fonte: Arquivo da turma. Outubro, 2019.

As Anases estavam ansiosas pela aula em que foi disponibilizado aos alunos o “Aplicativo Conhecendo as Relações Etnicorraciais”¹⁷ concebido pelos

¹⁷ Concebido pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Diversidades (NEAB) financiado pelo Projeto de Extensão intitulado “Aplicativo Conhecendo as Relações Etnicorraciais” patrocinado pelo Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) campus Belém através do Edital 02/2016 e desenvolvido pelos alunos do Curso Integrado em Informática Carlos Henrique Almeida Rocha, Bruna de Nazaré Pinheiro Correa, Igor Cristian Souza da Silva, Leilane Monteiro da Cruz e Roberta Kimberly Calandrine Azevedo Santos. As informações acerca dos conceitos foram compiladas pelos bolsistas dos cursos de Licenciaturas Bruno Rafael Damasceno de Barros, Jessica Geiza Beatriz Cruz de Moraes, Marcos da Conceição, Francisca Daniele Souza dos Santos (Ciências Biológicas); Elio Rogério Corrêa de Souza, José Márcio de Lima Pordeus (Pedagogia); Amanda Évane dos Santos Sampaio; Antônio Seabra Pantoja Junior, Suéllen Cristina de Souza Soares (Geografia); Maria Gabriela Aparecida Farias Pereira (Letras) e orientados pela Professora Helena Rocha.

bolsistas do NEAB, que se constitui em um protótipo MVP (*Minimum Viable Product*), isto é, um Produto Mínimo Viável, no formato de aplicativo de *smartphone* com vistas a facilitar o entendimento acerca de 13 conceitos básicos das questões etnicorraciais: Ação Afirmativa, Afrodescendente, Discriminação Racial, Democracia Racial, Estigma, Estereótipo, Etnia, Etnocentrismo, Identidade, Identidade Negra, Preconceito, Racismo e Raça.

Figura 51 - Imersão na Diversidade Etnicorracial – Aplicativo Conhecendo as Relações Etnicorraciais



Fonte: Celular da pesquisadora. IFPA *campus* Belém, NEAB. Outubro, 2019.

Disponibilizar a tecnologia em favor da aprendizagem dos alunos foi uma atitude criativa e o uso de aplicativo em sala de aula intencionou, também, reforçar a aprendizagem colaborativa entre alunos e alunos e professora, uma vez que nem todos os alunos tinham domínio imediato sobre o uso da ferramenta tecnológica e sobre os conceitos estudados. Houve construção, troca e valorização de saberes de forma coletiva com o propósito de melhorar a aprendizagem individual de cada um dos alunos e alunas.

Outra atividade interessante foi a realização de uma curadoria dos termos e conceitos da diversidade etnicorracial e materializados na confecção de glossários artísticos em diversos formatos.

Ananse impressionada com os produtos no formato Glossário aproximase curiosa. São calendários, roletas, vaso com flor cujas pétalas carregam os conceitos, roleta, painel, revista no formato HQ, boneca preta que em seu colar carregava os conceitos, enfim, uma infinidade de possibilidades criativas e inovadoras apresentadas pelos alunos e alunas.

Oxum comenta:

- E o mais curioso foi a curadoria realizada pelos alunos e alunas.

Figura 52 - Glossário Criativo



Fonte: Arquivo da Turma. Outubro, 2019.

Ananse observa:

- Bem lembrado, Oxum. A Curadoria é uma metodologia em que todos os atores educacionais se tornam curadores. As características desta metodologia

inovadora estão centradas na pesquisa dos estudantes de forma não hierárquica e, sobretudo, em despertar nos estudantes a aprendizagem ativa ou a autoaprendizagem - a busca pelo conhecimento de forma autônoma, que complementa de forma enriquecida os múltiplos contextos de aprendizagem atuais (formais e não formais). (FOFONCA e FISCHER, 2017)

Nessa etapa de construção de Glossários foi possível observar alguns indícios de empoderamento, através da preocupação com a questão estética e a autoestima das alunas, como no modelo de glossário abaixo e na fala de uma aluna ao referir-se ao seu cabelo:

“Amiga, creio que chegou a hora de libertar meu cabelo que ficou prisioneiro esse tempo todo... não aguento mais ser refém de chapinha só pra agradar os outros. Eu estou me vendo nessa boneca do glossário”

Figura 53 - Glossário Criativo



FONTE: Arquivo da Turma. Outubro, 2019.

Aqui, o conceito de empoderamento apoia-se nos autores Berth (2018, p. 122) e Paulo Freire (1995), que afirmam ser uma prática que parte do processo de autoconscientização e culmina em transformação a partir de movimentos internos do indivíduo. Segundo a autora, “o processo de fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes das relações consigo mesmo também faz parte de um processo ativo de empoderamento e deve ser levado a sério (...)”.

Estávamos extasiadas com o poder do conhecimento através da CartoDiversidade e sua implicação no empoderamento dos herdeiros e das herdeiras de Ananse.

Ananses ancestrais regozijavam-se a cada atividade realizada e seus resultados. E Oxum chama a atenção para uma próxima atividade dessa Trilha da Diversidade Etnicorracial.

Os alunos e alunas em grupos, devidamente orientados pela professora, que havia postado tutoriais de como criar infográficos através de vídeos curtos na sala virtual na plataforma SIGAA, estavam ansiosos para apresentar suas produções.

E nós também...

Nada mais desafiador e instigante do que a curadoria devidamente orientada e acompanhada pela professora na pesquisa e estímulo para o compartilhamento, de forma criativa, dos resultados da sua aprendizagem.

Dessa vez, dentre inúmeras possibilidades de construção e compartilhamento já apresentadas aqui nessa Trilha como o Glossário Criativo, o Resumo Criativo (*Lettering*), a nuvem de palavras, vamos ter a oportunidade de ver a elaboração de Infográficos.

As Ananses perguntam:

- *O que é um infográfico?*

A Ananse Afrofuturista responde:

- *Trata-se de um gênero textual, uma espécie de narrativa que circula em revistas impressas e digitais, aplicativos de mensagens instantâneas, redes sociais digitais (Facebook, Instagram), na televisão, entre outros.*

Oxum atenta, faz uma inserção:

- *Então é um gênero que faz parte do cotidiano dos alunos e faz uso de tecnologias digitais para sua composição e compartilhamento.*

- *Sim, respondo.*

A elaboração de Infográficos é uma forma criativa para organizar, sintetizar e socializar a compreensão de um determinado assunto, neste caso, os termos e conceitos comumente usados nas relações etnicorraciais.

De acordo com Alvarez (2012, p.149)

elaborar infográficos exige dos alunos essa participação ativa e o exercício de competências cognitivas, relacionais e produtivas, principalmente nos dias atuais, em que a ciência e a tecnologia

facilitaram o acesso a informações de todo o tipo a qualquer momento e lugar.

A atenção de Ananse volta-se para a cor do infográfico de um dos grupos:

- *Olha Oxum, esse grupo de alunos privilegiou o amarelo, a sua cor. Assim como o artista Carybé¹⁸ o fez para retratar Oxum, deusa do ouro e do cobre, destacando o amarelo de sua roupa. (SILVA, 2012)*

Figura 54 - Retrato de Oxum por Carybé



Fonte: Vagner Gonçalves da Silva, “Artes do axé. O sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé”, Ponto Urbe [online], 10 | 2012, posto online no dia 25 julho 2014, consultado 12 dezembro 2019. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1267>; DOI: 10.4000/pontourbe.1267

Figura 55 – Infográficos da Diversidade Etnicorracial



¹⁸ Carybé é nome artístico de Hector Julio Páride Bernabó, pintor nascido na Argentina em 1911, mas que residiu a maior parte de sua vida em Salvador, Bahia, onde veio a falecer em 1997.

ANDERSON DA SILVA AVIZ - 20170831173
 ANTONIO RODRIGO ROCHA PEREIRA - 20170831177
 DIANA REGINA CARMO DE CARVALHO - 20170831175
 FELIPE TEIXEIRA VASCONCELOS - 20170831274
 MONIQUE KAROLINE SOUZA DE JESUS - 20170831260



FONTE: Arquivo da Turma. Outubro, 2019.

- Que infográficos criativos! Exclamam as Ananses.

Esta foi uma das formas escolhida, que possibilita a educação do olhar interdisciplinar através do fazer artístico dos alunos e alunas e a materialização do processo de curadoria. Além disso, apresenta-se como uma ponte para a próxima etapa

E, chega a hora da **Imersão Artístico-Etnicorracial**, última fase da Trilha Diversidade Etnicorracial e Arte da Carta Exercício do Olhar. Foram utilizadas três aulas.

As turmas conceberam diversos produtos educacionais e apresentamos aqui a “Era Afrofuturista” no formato História em Quadrinhos (HQ) usando o aplicativo *pixton* com base no livro Sankofia da artista Lu Ain-Zaila produzido pelos alunos Igor Cristian Souza da Silva e Carolina Rizzioli Barbosa.

Figura 56 – HQ Era Afrofuturista





ERA AFROFUTURISTA

Adaptado do Conto de Lu Ain-Zaila







Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

A utilização de HQs como produto da aprendizagem criativa de conteúdos da diversidade etnicorracial na imersão artístico-etnicorracial é um ferramental com grande potencial em que se pode agregar texto escrito e imagem, oportunizando a produção de conhecimento, desenvolvendo a criatividade e o poder de síntese, possibilitando apresentar a releitura dos fatos abordados na obra Sankofia.

As anánses estavam atentas em cada tirinha da HQ e conseguiam fazer ligações com o texto estudado na imersão artística sobre o Afrofuturismo.

- *Que maravilhosa!*

A HQ *Era Afrofuturista* possibilita novas sínteses a partir da releitura apresentada pelos alunos.

Ainda na Imersão artístico-etnicorracial da Trilha Diversidade Etnicorracial e Arte, as turmas foram orientadas na concepção de produtos educacionais denominados Tecnologias Educacionais em diversos formatos: tabuleiros, jogo de cartas, revista e ludo humano transversalizados pelo Afrofuturismo com suas quatro características: ancestralidade, tecnologia, autonomia e futuro possível.

- *Então será usada a gamificação?* Perguntam as ananses.

- *Sim. A gamificação usa elementos dos jogos, em particular sistemas de pontuação, ranqueamento, premiações e feedback constante, fazendo uso de conceitos associados aos jogos para melhorar a experiência e o engajamento do usuário em diferentes atividades ou aplicações que não tem como propósito principal apenas o entretenimento ou diversão.*

A gamificação não significa apenas a utilização da recompensa pela tarefa realizada, mas utilizar o *design* e as técnicas próprias de jogos, para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Fardo (2013) faz um relato sobre a utilização da gamificação na educação, buscando estimular o interesse dos alunos, encorajando o aprendizado por meio da colaboração e participação. Esses recursos promovem diversas habilidades cognitivas, como o uso do pensamento estratégico para fazer escolhas, resolver problemas, buscar conhecimento e receber *feedback*, promovendo o engajamento.

- *E como é o processo de concepção desses produtos?* perguntam as Ananses curiosas.

- *O processo inicia no primeiro dia de aula e está entrelaçado com todo o percurso vivenciado no decorrer da disciplina,* responde Ananse.

Feito isso, formaram-se os grupos de trabalho colaborativo levando em conta a autonomia dos alunos e alunas na formação. Após essa fase, os mesmos foram informados da necessidade de delimitarem um conteúdo de sua área específica, uma série da Educação Básica de sua área de atuação e orientados a trazer um livro didático na aula seguinte que tivesse o conteúdo escolhido pelo grupo.

Nesse processo que é a aprendizagem colaborativa, não cabe aos alunos o isolamento para realização das atividades de forma individual e fragmentada, mas deve-se promover o engajamento de todos em uma única

tarefa compartilhada. Nossa experiência com o trabalho em grupo mostra ser necessária a responsabilização individual, o uso adequado de habilidades individuais e sociais e o uso dos talentos de cada membro em prol dos objetivos do grupo.

- *Essa é a fase da ideação?* Perguntam as Anases.

- *Sim*, responde Ananse.

A comunicação entre a professora e a turma é realizada pela rede social *facebook* em grupos criados para cada turma em que os alunos e alunas postam as versões do Manual/Guia da Tecnologia Educacional a ser construída, cuja concepção não necessariamente precisa ser inédita, mas precisa ser autoral com as inovações no produto e processo adaptadas para o público-alvo e atendendo às especificidades das diversidades pensadas para transversalizar o produto.

Os grupos passam por orientações com horários previamente delimitados, apresentando a ideia inicial, através de uma chuva de ideias, escolhendo-se a mais viável, e materializam-na em forma de desenho para a discussão em orientação posterior.

As anases inquietas perguntam:

- *E o formato desses produtos?*

- *O principal critério para a escolha do formato da Tecnologia é a viabilidade em relação ao tempo de construção*, responde Ananse.

- *E a média de orientações por grupo?*

- *A média de orientações por grupo durante o semestre gira em torno de oito e as versões construídas e corrigidas do Manual até a versão final, chegam em média a dez postagens*, responde Ananse.

O próximo passo, após a ideia aprovada é a construção de um fluxograma da Transposição Didática da provável Tecnologia Educacional, em que cada grupo precisa conhecer o conteúdo específico que vai ser trabalhado com as alocações no processo de interdisciplinaridade, bem como dos Temas Transversais que farão a transversalidade na formação do cidadão.

Transposição Didática trata do trabalho do professor em sala de aula, em que este molda o saber a ensinar em saber ensinado. A proposta aqui é fazer essa modelagem, essa transposição, através de um mediador semiótico, no caso a Tecnologia Educacional em que será planejado pelas equipes quais

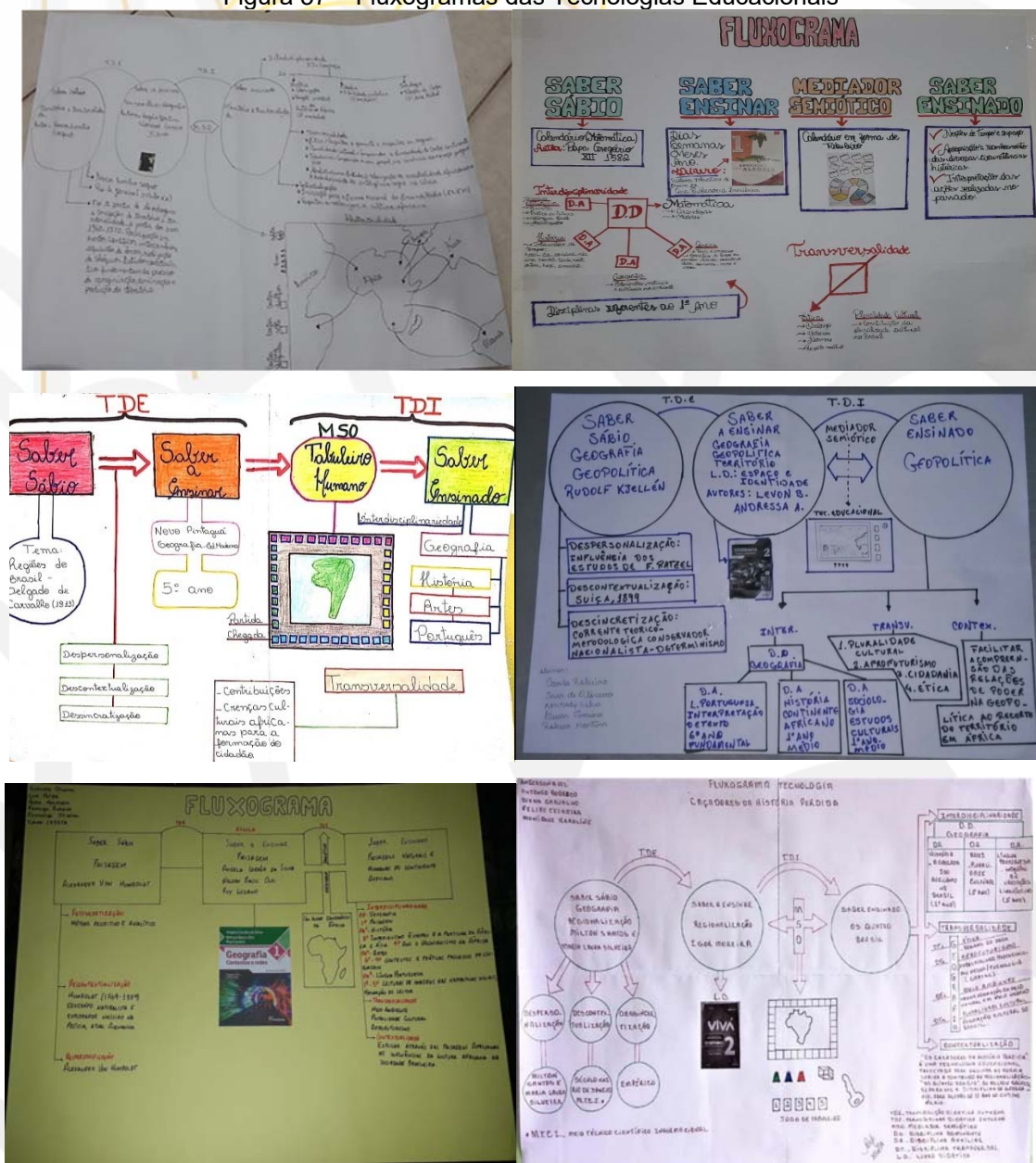
disciplinas contribuirão para a efetivação do processo de aprender e como isso irá acontecer, efetivando-se a interdisciplinaridade. Também será planejada a contextualização desses conteúdos com o cotidiano do aluno, além da inserção de Temas Transversais adequados configurando-se assim a Transversalidade.

É essencial para que a aprendizagem se efetive que o professor faça os nexos entre a ciência e o quadro teórico prático pretendido, entre a bagagem que o aluno já traz e o que precisará dominar. (ANASTASIOU, 2017)

Oxum encantada, diz:

- Olhem, aqui temos alguns fluxogramas criados pelos grupos:

Figura 57 – Fluxogramas das Tecnologias Educacionais



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Oxum fala:

- É como se fosse a planta de uma casa projetada por um Engenheiro.

- Sim, diz Ananse.

Em um outro momento, é solicitado aos grupos que apresentem uma versão inicial do protótipo em material alternativo, o qual denominamos de protótipo de teste para validar regras, tempo de execução de uma partida e tamanho.

O protótipo de teste é feito com material alternativo bastante rudimentar, constituído apenas pelo mínimo necessário para testar as mecânicas básicas, sem preocupações estéticas. É um modelo representativo que permite demonstrar como a Tecnologia Educacional deverá funcionar na prática e validar hipóteses junto a um grupo de usuários. Esse é o momento em que o grupo esclarece e afunila a ideia inicial, em uma troca contínua dos *insights* trazidos das etapas de imersão (através de pesquisa de produtos existentes) e ideação (através do *brainstorming*) para estimular a criatividade do grupo.

Nesse momento de estímulo à criatividade são usados desenhos que depois evoluem para um protótipo de teste que é a representatividade mais próxima possível do produto final. Muitas das vezes é necessário reenquadrar o protótipo no que tange aos materiais e as regras antes estabelecidas. Na verdade, o protótipo de teste dá condições do grupo validar a Tecnologia Educacional quanto à usabilidade - regras.

As Ananses ponderam:

- Então, esse protótipo de teste nada mais é do que o esboço da ideia que serve para testar os elementos do recurso criado e colocar em prática a ferramenta.

- Sim, responde Ananse. É, na verdade, uma medida preventiva contra a perda de tempo e investimento. Quanto mais precauções tomadas durante o processo criativo, melhor e mais seguro será o produto final.

Oxum, então, convida a todos para olharem o protótipo de teste da Tecnologia Educacional Afroterritorialidade da Geografia.

Figura 58 – Teste da Tecnologia Educacional Afroterritorialidade



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Os testes funcionam como *feedback* para os próprios autores e para a professora, pois o fluxo de respostas, os retornos ao ponto inicial da concepção, os ajustes tem o potencial de ajudar no aperfeiçoamento do produto a ser oferecido às salas de aula de Educação Básica para a melhoria da qualidade do ensino. O teste, na maioria das vezes, não envolve o usuário final, que é o aluno das escolas de Educação Básica.

Durante o teste não pode haver interferências, apenas a anotação das dificuldades e facilidades. Na autoavaliação com a orientadora os autores respondem questionamentos acerca das regras do jogo, se ficaram claras ou se possuem ambiguidades; se as peças que compõem o protótipo são suficientes, como carta, peças, material de apoio; se as perguntas estão fáceis ou difíceis demais. É um momento de escuta, observação e acolhimento de ideias.

Nesse contexto, regras vão sendo alteradas, trocadas, acrescentadas ou mesmo eliminadas. O número de participantes pode sofrer alterações.

O desenvolvimento do trabalho com protótipos de teste favorece a escolha de materiais mais adequados, assim como a melhoria e aprimoramento da estética da Tecnologia Educacional e seus componentes.

- *Que criativo e inovador!* Exclamam as Anases e perguntam:

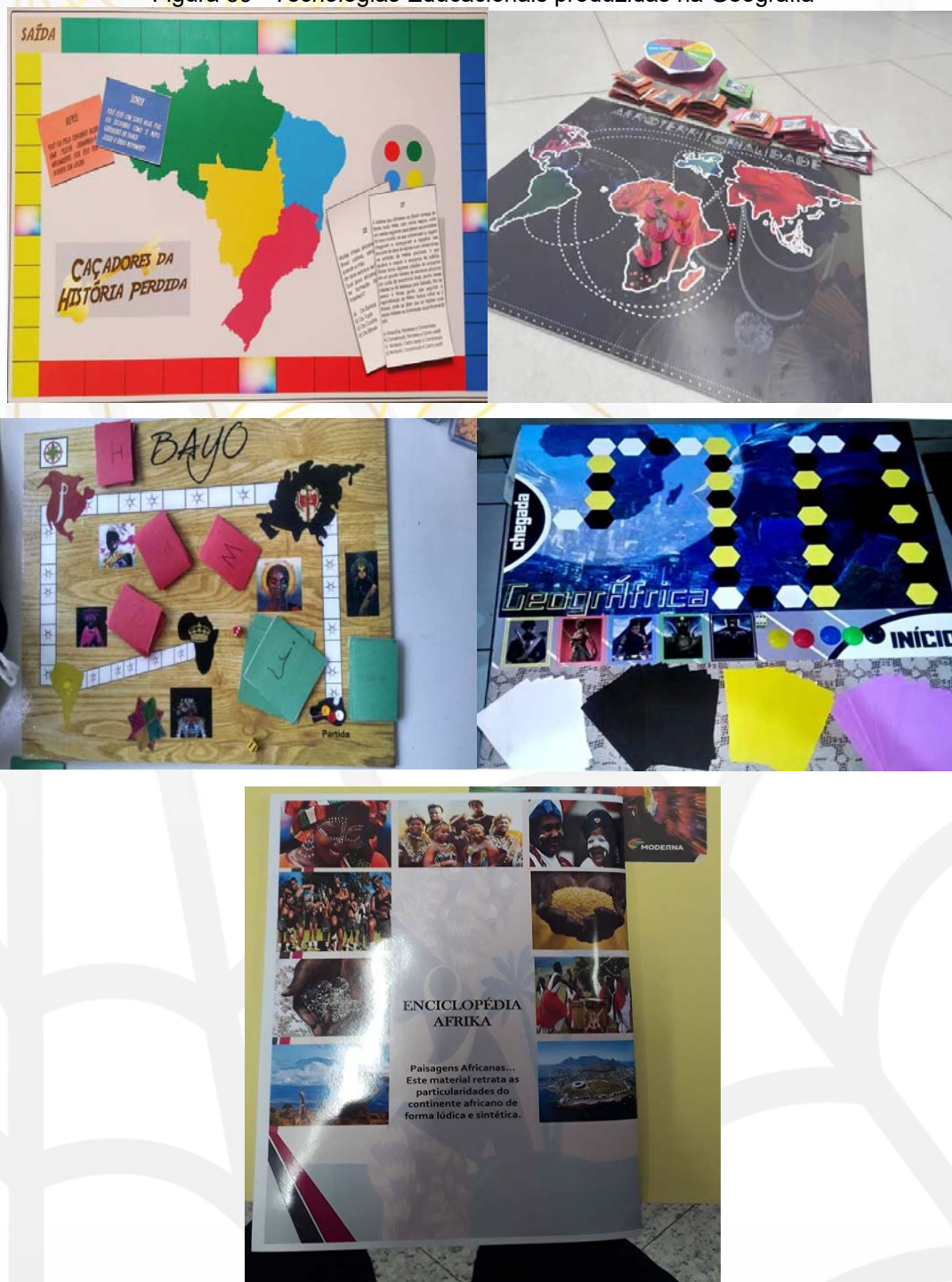
- *E nesse semestre quantos produtos foram concebidos pelas turmas?*

Ananse responde:

- *Foram criados cinco produtos na Geografia: a) Tecnologia Educacional Caçadores da História Perdida; b) Tecnologia Educacional Bayo; c) Tecnologia*

Educacional GeogrÁfrica Question; d) Tecnologia Educacional Afroterritorialidade; e) Tecnologia Educacional Afrika.

Figura 59 –Tecnologias Educacionais produzidas na Geografia



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

- Na Matemática foram concebidos cinco produtos: a) Tecnologia Educacional Shisima; b) Tecnologia Educacional Tabuleiro Africano; c) Tecnologia Educacional Roleta Dynamis; d) Tecnologia Educacional Mancala Fracionário; e) Tecnologia Educacional Tabuleiro Algébrico.

Figura 60 – Tecnologias Educacionais produzidas na Matemática



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

- E na Pedagogia foram criadas mais cinco: a) Tecnologia Educacional Conhecendo o Brasil; b) Tecnologia Educacional Território e Diversidade Cultural; c) Tecnologia Educacional Identivisidade; d) Tecnologia Educacional Senet do Tempo; e) Tecnologia Educacional “Tabuleiro Leste-Oeste”.

Figura 61 – Tecnologias Educacionais produzidas na Pedagogia



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Oxum comenta:

- Amanhã é o dia da socialização dessas Tecnologias Educacionais, ao fim do semestre, em um evento chamado *Seminário Integrador das Licenciaturas* que está em sua XXIX edição. E neste semestre ocorre nos dias 19 e 20/09/2019.

Voltamos à biblioteca para um breve descanso com a cabeça em turbilhão com muitas informações.

No dia seguinte, inicia o Seminário Integrador. As equipes a postos e empolgadas com esse momento de socialização também aguardavam por esse momento.

A Ananse afrofuturista, a mais ansiosa de todas, inquiria os alunos tentando entender como ocorria a presença do Afrofuturismo nos produtos Educacionais.

Ananse se depara com os integrantes da equipe que concebeu a Tecnologia Educacional *Bayo* e questiona acerca da presença do afrofuturismo no tabuleiro:

- *Como vocês dispuseram o afrofuturismo?*

- *Na Tecnologia Educacional Bayo a presença da **ancestralidade** está na figura mitológica dos Orixás. A **Tecnologia** se encontra na inovadora e ultra tecnológica “Rosa Futurística” - uma nave espacial idealizada e materializada através de conhecimentos tradicionais e ancestrais com o arranjo de instrumentos, minerais e recursos naturais manipulados de forma sustentável e preservacionista.*

A Rosa Futurística tem sua funcionalidade atrelada aos conceitos geográficos do velho e novo mundo, tendo como base os pontos cardeais de uma rosa dos ventos clássica (Norte, Sul, Leste, Oeste) e seus pontos colaterais (Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Sul). Nessa ideia, ela necessita de conhecimentos específicos relacionado a cada ponto cardinal, conjugados à Geografia dos espaços, elementos musicais, inventores de tecnologias do velho mundo, entretenimento de televisão e afins, Literatura e História.

*O **futuro possível** se encontra na libertação da cidade de Orum. Defendê-la é uma simbologia do povo negro salvando sua própria história e seu próprio futuro.*

O público-alvo poderá enxergar heroísmo e autonomia em rostos negros, e perceberá que é possível e necessária a reconstrução do mundo a partir de uma nova lógica. Não somente para o povo negro, e sim abrangendo todas as minorias da sociedade.

*O quarto elemento para se compreender o afrofuturismo é o **empoderamento**, e ele está presente na perspectiva em que, nesse novo mundo, o que predomina é a hegemonia negra, logo, o padrão de beleza predominante agora são os dos cabelos afros, os lábios carnudos, o nariz achatado, os dreads, os traços*

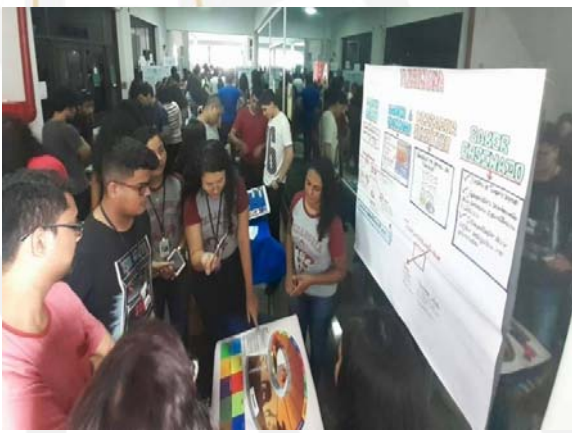
marcantes, as tranças, as estampas chamativas/coloridas, as pinturas corporais remetendo às raízes ancestrais.

Caminhando um pouco, me deparo com a Roleta *Dynamis* concebida como uma forma alternativa de ensinar a potenciação de números naturais. Curiosa com esse produto da Matemática, questiono aos alunos dessa equipe:

- *Onde vocês percebem o Afrofuturismo aqui?*
- *O Afrofuturismo se faz presente no uso da tecnologia e na produção da mesma, tendo em vista que as cartas informativas possuem conhecimentos específicos exemplificados com fatos em cada área de atuação do Afrofuturismo: Futuro possível, Autonomia, Tecnologia e Ancestralidade. Após intensa pesquisa histórica sobre cada um dos tópicos subsequentes, organizamos as informações em forma de linha do tempo para que a tecnologia possa seguir uma cronologia da história negra, culminando em um futuro possível, também expresso nas cartas e no background do tabuleiro, com a foto demonstrativa de Wakanda, cidade fictícia de alta tecnologia futurista.*

Figura 62 – Seminário Integrador das Licenciaturas







Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Ananse se indaga sobre a possibilidade do uso de Tecnologias Educacionais no combate a todas as formas de intolerância e promoção do respeito às diversidades, em particular, a diversidade etnicorracial no ensino de Geografia, Matemática e Pedagogia.

Fica pensativa ao final desse evento e chega à seguinte conclusão:

- Foi possível validar estratégias inovadoras com baixo custo e alta aplicabilidade, além de utilizar ferramentas geradoras de ideias para estimular a imaginação e a criatividade do futuro professor.

As Tecnologias Educacionais facilitam a articulação entre conceitos através da interdisciplinaridade e transversalidade, além de estimular a criatividade, a leitura, a escrita e a pesquisa.

Essa atividade oferece oportunidade de vislumbrar a materialização de Tecnologias Educacionais em cursos de Formação de Professores de Geografia, Pedagogia e Matemática como produto da utilização de metodologias ativas em geral e, em particular da CartoDiversidade, no processo de ensino e

aprendizagem da disciplina Educação para Relações Etnicorraciais, possibilitando ao futuro docente o exercício da transversalidade da Pluralidade Cultural em sua área de conhecimento.

Oxum ressalta:

- Observei que o conceito de Afrofuturismo está expresso em todos os quinze produtos na valorização da ancestralidade Africana e no papel das pessoas negras na atualidade e sua inserção em um contexto futuro. Esse conceito pode ser observado através das cartas, curiosidades e muitas vezes, no próprio tabuleiro.

Ananse diz:

- Vai ter início uma outra etapa chamada de Carta Inspiração.

A **Carta Inspiração** que é o “lugar de inspiração, dos cuidados e dos afetos entre os participantes” (VAZ; NERI JUNIOR; ROCHA, 2019) acontece em duas trilhas: Trilha Inventário Artístico Etnicorracial e Trilha Caixa de Inspiração.

A Trilha do Inventário Artístico Etnicorracial é uma produção individual dos alunos e consta de sete perguntas que devem ser respondidas de forma criativa e materializada no formato de preferência do aluno.

Essa atividade faz parte do Plano de Disciplina e foi disponibilizada aos alunos no início do semestre. Houveram orientações para essa produção.

As anases perguntam:

- Mas, o que é um Inventário?

- O Inventário segundo Vaz (2018, p. 51) constitui-se como "um exercício criativo de aprendizado que aciona a história pessoal e a memória nas diferentes leituras sobre o aprendizado adquirido", responde Ananse.

Oxum intervém:

- Então, inventariar é identificar indícios dos saberes que estão incluídos na bagagem cultural que fazem parte do repertório pessoal enquanto sujeito. que são ressignificados através de novos saberes e afetos.

Ananse começa a tecer uma teia com fios dourados – a teia da Ancestralidade que se constitui em um elo entre o passado e o presente no resgate dessa memória dinâmica acerca dos saberes da diversidade etnicorracial que tem o intuito de preservar para valorizar o que já existe e fazer proposições para o futuro. E isso só é possível, conforme Sarmiento et al (2007)

se colocarmos a emoção como elemento integrante no processo de fixação das memórias que são fundamentais na aprendizagem.

- *Então, quais são essas sete perguntas?* Perguntam as Ananses.

- *Ananse, retruca Oxum, olhe no Guia quais são as perguntas.*

No Guia está disposto assim:

1. Postar dois inventores de cada área do conhecimento abaixo relacionada, sendo um do passado e um do presente. Deve ter as imagens e um pequeno texto do inventor e da invenção.

a) Física; b) Química; c) Computação; d) Astronomia; e) Engenharia; f) Medicina; g) Geografia; h) Matemática; i) Jogos e Games; j) Transporte;

2. Fazer nuvem de palavras em aplicativo do texto “Afrofuturismo: o espelhamento que nos interessa” de Lu Ain-Zaila;

3. Qual cena do Filme Pantera Negra remete ao texto acima? Represente de forma criativa (colagem, desenho, etc.)

4. Fazer representação do texto Sankofia com os conteúdos estudados na disciplina de forma criativa;

5. Represente o conceito de empoderamento com base no texto “Era Afrofuturista” do livro Sankofia para uma situação de sua vida pessoal ou de um filme/novela de forma criativa;

6. Faça um infográfico criativo representando o texto acima.

7. Faça um desenho criativo, texto ou colagem sobre o filme Pantera Negra;

Ao final da disciplina foram entregues os inventários. Era um sábado. Sábado de amarelo. Sábado de Oxum. A turma e a professora encontraram fechado o portão que dá acesso ao Bloco E, embora fosse um sábado letivo. Conversaram com os seguranças, mas precisam de uma ordem da chefia para que possam ter acesso ao NEAB, o local da entrega.

Os alunos das três turmas estavam dispersos na instituição, alguns na área verde, outros nos centros acadêmicos.

As Ananses observam aquela situação incomum ao saírem da Biblioteca.

- *Vamos ver o que está acontecendo?* Indaga Oxum.

- *Será que a aula é ao ar livre hoje?* Indaga também uma das Ananses.

Os alunos mostram-se dispostos a prosseguir com a aula para que possam entregar seus inventários e falar sobre suas percepções.

O tempo passava e a professora resolve atender ao pedido dos alunos, embora nunca tivesse experienciado dar aula sentada no chão do IFPA.

As anases lançam uma teia muito fina que ganhava coloridos e acentuava os tons dourados pelo reflexo do sol que unia a professora aos seus alunos sentados em roda tal qual em África com os *griots*¹⁹. Era uma espécie de reinvenção do papel do *griot* o que ali acontecia, pois o fazer da professora com os inventários era um novo desenho que oportunizava a narrativa dos alunos sobre as questões etnicorraciais tratadas na Formação de Professores e que seriam preservadas tanto na materialização de seus inventários quanto em suas memórias. A necessidade de falar do impacto dessa construção em suas formações era um indício disso.

- *Os professores são uma espécie de griot, e essa em especial o é*, observa a Ananse que liga os filhos dispersos na Diáspora.

- *Ela não sabe, mas é uma griot só que em uma nova possibilidade com esses inventários*, respondem as outras anases. E Oxum comenta:

- *É uma artesã, não de palavras apenas, mas de práticas que vai disseminando e que os professores em formação disseminarão também em suas salas de aula e na formação de outros professores.*

Figura 63 – Entrega dos Inventários



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

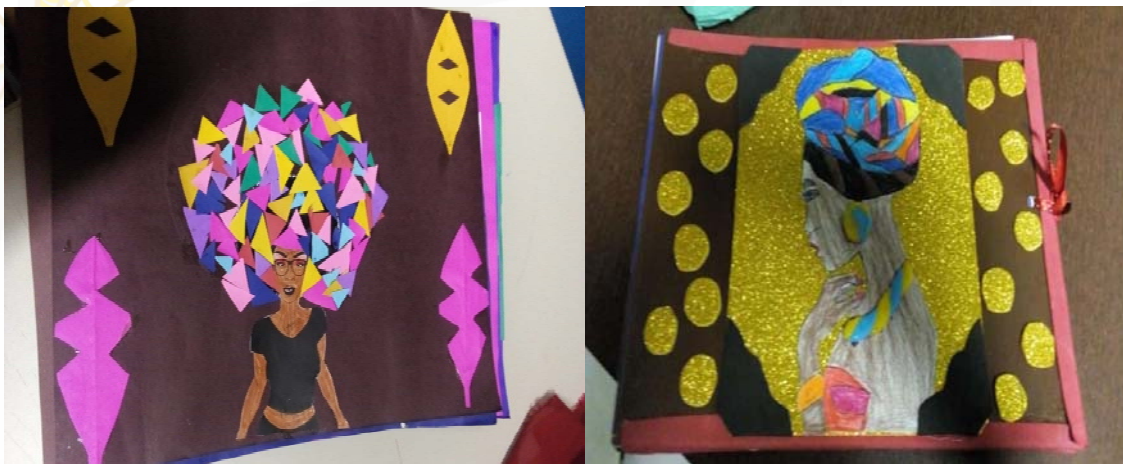
¹⁹ é o indivíduo que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo.

Junto com a quentura do sol de 10h da manhã, os inventários chegavam em profusão. Eram muitos formatos diferenciados: cadernos artesanais, caixas interativas, álbum em formato de caixas, miniaturas de cine-teatro, cinema, slides, álbum postado nas redes sociais *Instagram* e *Tumblr*.

- *Olhem esses inventários, falam as anases, em volta dos produtos.*

Figura 64 – Inventários Afrofuturistas

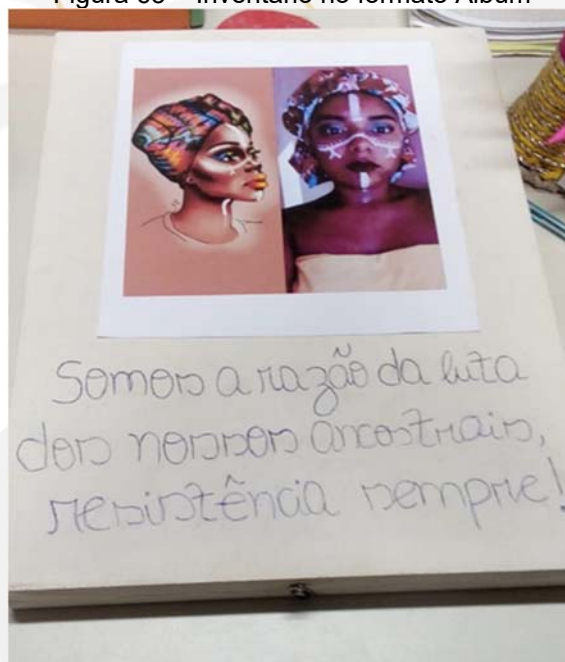




Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

As anases percebem o empoderamento dos alunos na confecção dos inventários nos traços da simbologia *Adinkra* nas caixas e na utilização da própria imagem como modelos de maquiagem afro. Chama a atenção também, as frases de impacto nos seus inventários como esta:

Figura 65 – Inventário no formato Álbum



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

Segundo a aluna:

“No inventário tive espaço e possibilidade de escrever e desenhar, de me expressar para registrar o que os outros não escutam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre meus ancestrais.

Para me descobrir, me preservar, me construir e alcançar autonomia. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer é de grande importância para mudar esse mundo que aí está”.

No inventário do aluno Néelson da turma de Geografia, temos a ancestralidade representada por Oxum. O aluno, sendo afroreligioso, carrega consigo em sua bagagem cultural afetos que puderam ser expostos dando vazão às suas crenças que se configura em empoderamento.

Figura 66 – Inventário aluno Néelson



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

Ananse, sempre em alerta como uma aranha cartógrafa, nesse mesmo dia, acessa a rede social *facebook* e acontece um encontro com Lu Ain-Zaila. Ao ler sobre a curadoria dos textos que seriam usados, descobre que a professora Helena Rocha conhecia o livro Sankofia há um ano.

- *E, como ocorre esse encontro?* Pergunta Oxum.

Ananse recorda as palavras de Kastrup (2015, p. 38) “a atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro” e percebe que a professora não estava aberta ao encontro com a autora quando selecionou o livro, talvez porque estivesse muito centrada na busca de informação.

Ananse relata:

- *Através de uma postagem, um amigo em comum nos marca em um comentário e passamos a trocar mensagens no aplicativo Messenger onde compartilhamos as produções das turmas a partir de Sankofia.*

*Minha nossa, é muita coisa linda!!!! Minha escrita promoveu isso??!!!
 Uauuu Tô chorando no metrô.
 Bom dia! Gravei um obrigad@ a tod@s aí do IFPA. Amei tudinho 🥰
 o que fizeram, incluindo fazer valer a pena essa jornada...
 (Lu Ain-Zaila)*

E, “podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos”. (KASTRUP, 2015, p. 73)

Oxum conduz Ananse para a próxima trilha da CartoDiversidade:

-Vamos Ananse há muito o que investigar!

A **Trilha Caixa de Inspiração** envolveu uma curadoria de conteúdos objetivando provocar experiências e vivências para empoderar e ampliar o olhar da diversidade etnicorracial através da Arte, em especial o Afrofuturismo, e ampliar o repertório cultural individual.

A proposta é a confecção de uma Caixa de Inspiração digital contendo três atividades (produção, inspiração e visitação) inspiradas no Inventário Artístico-etnicorracial e que buscam complementar a aprendizagem dos participantes. As orientações para a confecção da Caixa de Inspiração são as seguintes:

1. Atividade de produção

Inspirados nos conceitos estudados acerca das questões etnicorraciais, escolha pesquise um artista e, a partir de uma obra, produza uma colagem onde se destaquem características afrofuturistas.

2. Atividade de Inspiração

Inspirados na música Afrofuturo de Ellen Oléria detecte a proposta afrofuturista da canção trazendo possibilidades através de imagens de trabalhos de algum artista que priorize a ancestralidade, a tecnologia e o futuro possível.

Figura 67 – Ellen Oléria



Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=55&v=qz5gaYE2uM8

Afrofuturo Ellen Oléria

Sangria, afrofuturo e ambivalência
 Corte profundo na madeira, madeira
 De fim de mundo a fim de mundo

Sangria, afrofuturo e ambivalência
 Corte profundo na madeira, madeira
 De fim de mundo a fim de mundo

Taca fogo e queima palha
 Amargo o gosto da seiva
 Fino o fio da navalha
 Toma, aceita, sente a seita
 Toma, aceita, sente a seita
 Toma, aceita
 Madrugada a dentro
 Eu me preparo pra cantar
 Verdade, inteireza, ofereço o que eu posso ofertar
 Minha voz no ar
 Madrugada a dentro
 Eu me preparo pra cantar
 Verdade, inteireza, ofereço o que eu posso ofertar
 Minha voz no ar

Todo o mundo que procura a cura
 Sabe que toda a matéria em terra é finda
 Mora na esperança mera
 Chora, quer melhor presente agora
 Vitória na trajetória
 Quer se inundar de glória
 Pôr sua digital na história
 Desejo é planta, é flora
 Quero minha alma zen
 Não dou a mão à palmatória
 Eu sei com quem contei
 Quando contava a zora
 No corredor da morte o clima tenso ainda piora
 Um nó nas ideias, intenções poéticas
 Um nó na garganta, o peso da palavra estanca
 Cuidados com o destino, um mundo descortino
 Soltando a língua antes presa no véu palatino
 Eu também quero agora
 Não só pra futuras gerações
 Agora, sim! Temos opções
 Quebrando os padrões, saindo dos porões
 Dê-me um punhado de palavra e fogo
 Faço minhas poções
 Mágica do amor, mágica do amor
 Madrugada a dentro
 Eu me preparo pra cantar
 Verdade, inteireza, ofereço o que eu posso ofertar
 Minha voz no ar

Madrugada a dentro
 Eu me preparo pra cantar
 Verdade, inteireza, ofereço o que eu posso ofertar
 Minha voz no ar
 Sangria!

3. Atividade de Visitação

Veja o filme *Pantera Negra* e descreva uma cena onde seja visível a tríade passado, presente e futuro como uma nova narrativa positiva acerca da África e de seus descendentes. Faça um *print* dessa cena, tire foto ou descreva.

Ananse vai em busca das atividades realizadas e encontra as seguintes:

Produção

Figura 68 – Atividade de Produção



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

A aluna Silvia, usa a obra *Mural dos Orixás de Carybé* e produz uma colagem em que é possível destacar a ancestralidade a partir da figura do orixá Oxum. Há uma preocupação em visibilizar o *abebê* que Oxum usa como tecnologia e instrumento que provoca a autonomia e, por conseguinte um futuro possível através do empoderamento.

Inspiração

Nessa atividade um aluno trouxe a obra *Limonade* da cantora Beyoncé.

Oxum enternecida, observa a atividade de inspiração em que é perceptível a homenagem trazida pela artista à sua ancestralidade.

- *Que maravilhoso!!!* Exclama Oxum.

Figura 69 – Atividade de Inspiração Oxum / Beyoncé em “Hold Up” 1



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

- Olhe essa outra, Oxum. Diz Ananse:

Figura 70 – Atividade de Inspiração Oxum / Beyoncé em “Hold Up” 2



Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

A cantora faz uma releitura da orixá Oxum no que tange “às indumentárias reconfiguradas e reinventadas em uma estética simultaneamente anacrônica e cosmopolita, como se tivessem de fato sido herdadas por suas Ancestrais”. Mais ainda, “(...) Beyoncé me faz retomar um provérbio do povo africano Yorubá’ que diz que “as histórias se repetem”, porém de outras formas e em outros contextos”. (DOS SANTOS, 2016)

Visitação:

Figura 71 – Atividade de Visitação



3- Cenas do filme Pantera Negra que simbolizam as três características do movimento Afrofuturista: Ancestralidade, Futuro Possível e Tecnologia.

Ancestralidade: as cenas representam o Rei Tchalla tomando o tradicional chá da Erva Coração e calçando sandálias dos seus ancestrais.



Tecnologia: as cenas representam o reino de Wakanda protegido por um campo magnético e os tênis de última tecnologia do rei.



Futuro Possível / Empoderamento: as cenas representam um futuro possível, com rei e rainha negros e o planejamento do primeiro Centro de ajuda Internacional Wakandano situado num bairro pobre da Califórnia- EUA.



4- Conceito de Empoderamento baseado no texto Sankofia representado em uma situação da vida real.

Jornal Gazeta Afrobrasileira

Quarta Feira, 21 de agosto de 2019 | Ano 01 Nº 01

Discente: Diana Carvalho | Caderno: Diversidade

A Era Afrofuturista se instala no Brasil

Jornalista abre livraria voltada a autores negros.

Há 5 meses Etiene Martins deu um passo importante para o povo negro e para o branco também. Ela abriu uma livraria que contempla apenas de autores negros. "A maior parte da população é negra e, mesmo assim, a maior parte das livrarias não tem livros que nos representam. Daí a importância desta iniciativa", explica a dona da livraria sobre sua motivação.

"A maior parte da população é negra e, mesmo assim, a maior parte das livrarias não tem livros que nos representam. Daí a importância desta iniciativa", explica a dona da livraria sobre sua motivação. Lu Ain Zaila esclarece em seu texto Sankofia (2019, p. 47), que a presença literária negra conseguiu surgir com mais vigor, reconhecimento da sua produção a partir da década de 1970, pois o montante de pessoas negras articuladas por direitos era muito maior. Ainda Segundo Lu Ain Zaila em seu texto Afrofuturismo (2019, p. 03), esse desenvolvimento mostra como o movimento futurista negro cresce e suscita através das letras, artes, cinema, música, etc.



Etiene Martins inaugura sua livraria em Belo Horizonte - MG

Etiene se cansou de não ver livros de autores negros nas prateleiras das livrarias que frequentava. Juntando com a situação de racismo que sofreu no ano passado num supermercado em Belo Horizonte, percebeu que deveria fazer algo para mudar essa realidade. Esse modo de pensar está em consonância com as palavras de Lu Ain-Zaila em seu livro Sankofia (2019, p. 38) quando diz que "as palavras são um instrumento importante de poder, sendo capazes de uma sutileza massacrante em gotas ou de uma única batida feroz de martelo. A livraria Bantu fica em BH e conta com cerca de 500 títulos de todos os gêneros literários e voltados para todos os públicos.

Empoderamento Negro no Brasil se destaca na moda e na estética física das mulheres afrodescendentes.

Os obsoletos padrões de beleza feminino apontando para excesso de magreza, corpo sarado, cabelos lisos e pele branca, abre espaço para uma nova forma de beleza natural. Mulheres plus size de todos os estilos estão mostrando sua força nas praias, concursos de beleza, na moda e na publicidade.



Concurso garota Plus Size



Cabelos crespos e naturais entre homens e mulheres já virou tendência Afrofuturista.

Fonte: <http://www.gazetaafrobrasileira.com.br/2019/08/21/a-era-afrofuturista-se-instala-no-brasil/>. Acessado em 13/08/19.

Conceito de Empoderamento baseado no texto Sankofia representado em uma situação da vida real

Fonte: Arquivo da Turma. Setembro, 2019.

Chegando ao término da estada no IFPA *campus* Belém, terminado o semestre e a aplicação da CartoDiversidade, Oxum e as Ananses perguntam para Ananse se ela encontrou o que buscava: a criatividade e a inovação.

Ananse responde:

- *Sim, encontrei aqui na aplicação da CartoDiversidade, a criatividade e a inovação nas questões etnicorraciais permeada pelo Afrofuturismo.*

Encontros, vivências e produtos me afetaram nessa caminhada sem que eu compreendesse e nem tivesse poder para uma ação/intervenção imediata. Eu apenas explorava e tateava cuidadosamente. E esse ato de explorar estava impregnado das minhas memórias e de imaginação criativa e encharcadas de passado e futuro que se mesclavam e me falavam internamente que a ancestralidade era o elo para minhas ações presentes que produziram um futuro possível na produção de dados nessa pesquisa.

A CartoDiversidade se configura em uma cartografia da aprendizagem que propõe estabelecer conexões entre os saberes artísticos e saberes da diversidade etnicorracial para mapear uma aprendizagem que mostra nosso estar no e com o mundo.

A CartoDiversidade promove o empoderamento em relação às questões etnicorraciais através da produção de materiais didáticos de diversos formatos aqui no IFPA. E isso ocorre em todas as três Cartas.

Foram produzidos infográficos, resumos criativos (lettering), nuvem de palavras, desenhos criativos, jogo de caça-palavras em formato criativo, tabuleiro humano, Cartas criativas, HQ, Fluxogramas, Glossários criativos, Tecnologias Educacionais e inventários de diversos formatos digitais e artesanais muito ricos, pois carregam os saberes dos alunos nas produções tanto do conhecimento específico de suas formações como dos saberes da diversidade etnicorracial. O mais interessante é que a autoestima dos alunos e alunas na apresentação de produtos educacionais autorais carrega o empoderamento, não só sobre as questões etnicorraciais, mas também, da profissão professor.

As anases, ponderam que na CartoDiversidade a participação do aluno como agente proativo no processo de aprendizagem é pressuposto para uma aprendizagem criativa. De fato, nessa proposta aluno e professor dialogam, facilitando a elucidação de dúvidas, pela saída da zona de conforto, o que inclui um leque de possibilidades de aprendizado. Nessa perspectiva a metodologia ativa CartoDiversidade surge como proposta de incentivo e suporte aos processos de aprender criativamente.

Oxum olha para a imensidão azul do céu e fala:

- Ananse, preciso ir. Termino aqui minha missão como guia com você. Você deve seguir em sua busca da criatividade e inovação que é a sua missão.

- Poxa, Oxum. Pensei que você seguiria comigo na próxima aventura, queixa-se a aranha.

- Ananse, estarei sempre a seu lado. Basta olhar para o amarelo, para a água e para o espelho quando precisar.

As anases despedem-se de Oxum dizendo:

- Adeus, Oxum. Até uma próxima. Nós ainda vamos acompanhar a Ananse afrofuturista.

Oxum mirando-se em seu Abébé sorri e dirige-se à Ananse:

- Além das outras Anases, você terá um guia nessa próxima aventura. Venha que vou te apresentar Oxaguiã.

*Oxum cumpre sua tarefa e mostra a CartoDiversidade à Ananse
Missão cumprida e aparece um novo Guia, a nova orientação
o senhor do inhame, da inovação e da Criatividade
Oxaguiã, o orixá que carrega a mão do pilão para provocar a inovação
Para mostrar os inventários e sua ligação com a Ancestralidade*

*Ananse é uma pesquisadora que usa o método da cartografia
Tem uma inquietação que precisa de resolução:
Podemos visibilizar a inovação no fazer criativo e no processo criativo a partir
das pistas produzidas nos inventários afrofuturistas?
Para isso ela precisa estar focada na pesquisa intervenção
Atenção, acompanhar processos e política da narrativa – isso são pistas*

*Na curadoria do inventário Ananse teve que ler Vaz,
Lu Ain-Zaila no Afrofuturismo e Paulo Freire na Autonomia,
Larrosa na experiência e Messina na Inovação
Nesse movimento de pesquisa tive que rever conceitos estudados na Pedagogia
Foi um momento delicado para me sentir preparada na orientação
É um encontro da pesquisadora com a aprendizagem do aluno e requer muita
atenção*

*Te convido a mergulhar nesse mundo imaginário
Onde Oxaguiã e Ananse te levam pelo mundo do inventário
Tem muito de lembranças e afetividade
Tem aquilo marcou o aluno e que o tocou, mas tem algo em comum
Tem muito de inovação e encharcado de ancestralidade e criatividade
O Afrofuturismo é a cereja do bolo como observou Oxum*

*Os alunos usam o inventário como ferramenta de empoderamento
Análogo como Oxum vem usando o Abébé, no espelho mirar
Tem muitos ingredientes que propiciam a inovação nesse momento
Nuvem de palavras, colagens, contos, poemas e até o uso de avatar
Usam cores, usam músicas, usam maquiagem, usam adornos
São registros de lembranças, são armas que usam para guerrear*

*O inventário propicia mudar o rumo dessa História
Em vez de falar de escravidão e sequestro
A gente pode mostrar a contribuição dos africanos na Ciência
Em todas as áreas do conhecimento em sinal de protesto
Aquilo que não foi dito e que o colonizador invisibilizou
Está dentro dos inventários pra empoderar quem aqui ficou*

4

OXAGUIÃ NA TEIA DOS INVENTÁRIOS



Al
25/02/2020

Oxum caminha com a Ananse Afrofuturista seguida de perto pelas demais anases. Paramos perto do ipê de flores amarelas na área verde do IFPA campus Belém.

Ananse pergunta:

- *Onde vamos encontrar Oxaguiã?*

Oxum sorri para seu Abébé e responde:

- *Podemos encontrar Oxaguiã nos raios do sol e na claridade, principalmente quando ela está cortando a escuridão e mostrando toda a sua potência e superioridade.*

Oxaguiã aparece esplendoroso e nossos olhos ofuscados pelos raios do sol, o entreveem.

Figura 72 – Orixá Oxaguiã na obra de Lito Lopez



Fonte: <https://onlinequadros.com.br/imagem/quadros-arte/orixas-oxaguiã/3178>

Oxum explica que, junto a Ogum, ele é o patrono das inovações e de tudo o que é inventado, sendo a grande energia criativa de Deus, responsável pela grande diversidade dos seres e das paisagens.

Oxaguiã representa o nascer do dia, simbolizando o primeiro raio de Sol. Ele é a claridade vencendo e cortando a escuridão da noite, “acordando” o dia e ajudando o homem a criar um novo ciclo de vida.

Patrono da observação, da leitura e da inteligência, é o “senhor da materialidade”, quando proporciona ao homem a condição de colocar em prática seus pensamentos e suas ideias, permitindo que o ser humano invente, construa

e produza sempre novos objetos, levando a vida para novos rumos e construindo novos conceitos.

Oxaguiã pergunta à Oxum:

- *O que a traz aqui?*
- *Trago a Ananse Afrofuturista que precisa de um Guia para a caminhada que fará com os inventários produzidos pelos alunos e alunas no IFPA campus Belém em busca de inovação e criatividade.*
- *Prazer Ananse! Mas vejo que tem mais companhias aqui*, indaga Oxaguiã.
- *Somos Anases também. Cada uma de uma linhagem*, respondem várias vozes ao mesmo tempo.

Oxaguiã é conhecido como “senhor dos inhames novos”. Depois de pilado, o inhame (*iṣù*) recebe o nome de *iyán*, de onde advém seu epíteto, *Òrìṣàiyán*, ou Orixaguiã, “orixá comedor de inhame pilado”. Com seu poder inventivo e para ajudar na preparação deste alimento, Oxaguiã criou o pilão (*ojó odó*) e a mão-de-pilão, que se tornaram seu emblema e proporcionaram-lhe outro título, o de “senhor do pilão”.

Usa um capacete branco, que faz parte da indumentária em formato de coroa, para indicar a sua realeza, ou em forma de capacete militar.

A Ananse afrofuturista pensativa, rememora os motivos de estar ali. Em sua cabeça passam questões que precisam ser resolvidas neste lugar e uma se impõe sobre as outras: *Podemos visibilizar a inovação no fazer criativo e no processo criativo do aluno a partir das pistas produzidas no inventário afrofuturista?*

Enquanto Oxaguiã assenta-se embaixo do ipê amarelo se despedindo de Oxum comendo inhame pilado, a Ananse afrofuturista relembra a curadoria feita sobre inovação.

Fullan (2001) e Cardoso (2003) apresentam conceitos convergentes para o conceito de inovação. Para esses autores, a inovação está atrelada a um conjunto de intervenções, decisões com certo grau de intencionalidade e sistematização, que objetivam transformar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas.

Segundo Fullan (2001, p. 39) existem três possibilidades de inovação no campo educacional: "a) aquelas relacionadas à utilização de novos materiais, currículos e tecnologias; b) o uso das novas abordagens de ensino, estratégias

e atividades e; c) a possibilidade de mudança nas crenças e pressupostos, que são subjacentes às práticas pedagógicas".

Os resultados da pesquisa do autor mostram que as inovações mais bem-sucedidas se relacionam à utilização de novos materiais em detrimento daquelas ligadas ao campo das novas abordagens de ensino ou à mudança das crenças dos professores. Destaca ser necessário interligar as três dimensões para que as inovações ocasionem mudanças e melhorias prolongadas.

Fullan (2001) pondera que as inovações podem ter diferentes sentidos: a) as inovações verticais, que são produzidas por especialistas e prescritas às escolas, podem enfraquecer a autonomia dos professores e instituindo a clássica divisão do trabalho entre aqueles que pensam e decidem e aqueles que fazem. Com tendência a diminuir a participação dos professores, propiciando a desvalorização do projeto inovador e colocando-o em segundo plano, além de não alterar o ensino e a aprendizagem; b) As inovações horizontais que partem dos professores têm mais chances de sucesso e de continuidade.

O sol ia alto e Oxum segue seu caminho. Ficamos acenando, eu e as anases, vendo-a desaparecer no horizonte dourado enquanto os ipês balançados pelo vento desprendiam flores amarelas saudando-a.

Oxaguiã nos guia até o NEAB onde a professora fez a guarda dos inventários para análise e posterior devolução aos autores. Ao todo, foram produzidos nas três turmas de Pedagogia, Matemática e Geografia 60 inventários.

- *Não existe inovação sem que existam os inovadores*, fala Oxaguiã.
- *A inovação precisa ser implementada com base nas experiências dos protagonistas do processo*, responde Ananse.

E aqui temos o protagonismo dos alunos e alunas, a autonomia em cada inventário construído e vivenciado.

Encontramos o inventário afrofuturista do aluno Matheus Carvalho da Licenciatura em Geografia, 5º semestre.

O formato escolhido pelo aluno foi eletrônico através de *slides*. A capa, muito criativa, mostra uma colagem com ilustrações afrofuturistas da artista Lu Ain-Zaila no livro Sankofia mesclada a jovens pretos bem-sucedidos e felizes e um avatar do aluno.

Figura 73 – Capa do Inventário do aluno Matheus



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

É perceptível uma divisão feita autonomamente pelo aluno, quando acrescenta na confecção do inventário, o protagonismo negro no *rap* nacional.

- *Olhem esse infográfico sobre o Afrofuturismo*”, observa Ananse.

O aluno se coloca como protagonista do infográfico em uma foto quando criança, mostrando suas inquietações pertinentes: O que é ser negro? Qual é minha identidade negra? Eu posso ser protagonista sendo negro? O que é ancestralidade africana? O que é empoderamento. Essas seis perguntas são respondidas ao longo do inventário.

E, pela sua leitura, o Afrofuturismo está atrelado ao protagonismo negro, valorização da ancestralidade, autonomia, empoderamento, tecnologia e perspectiva de futuro.

A ananse dos filhos da Diáspora observa os tons coloridos do infográfico: - *São os tons do arco-íris. É Oxumarê presente. Ele dialoga com os ancestrais e eles aparecem sob outras formas, como nesse bonito infográfico, exclama.*

Oxaguiã estabelece conexão facilitada por seus poderes com Oxumarê e um portal se abre com um lindo arco-íris como em um painel multidimensional e ele aparece. Oxaguiã mostra o infográfico e Oxumarê, o “Guardião do Arco-íris” exalta de alegria se reconhecendo nas fontes coloridas da escrita e no colorido das formas geométricas.

Quem sabe o aluno encontra no fim desse “infográfico arco-íris” um pote de ouro com muitas peças tipo quebra-cabeça que, ao ser montado tenha o

Afrofuturismo como combustível para a mudança e a transformação que esse mundo precisa através da educação.

Figura 74 – Infográfico Arco-iris



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

- Acho que o combustível encontrado pelo Matheus foi o Rap²⁰ nacional. Observa Ananse.

- Isso mesmo. Olhem os slides com os ídolos dele do Rap, falam as Ananses.

São frases de cantores pretos de rap usadas para empoderar jovens pretos.

*Busque-me nos temporais (vozes ancestrais)
Num se mede coragem em tempo de paz
(Eminência Parda – Emicida)*

*É o pente, é o pente garfo
Black power nosso, força Afro
Mulher preta, mudo o mundo com a caneta sou
(Quem Tem Joga - Drik Barbosa)*

²⁰ Rap (em inglês, também conhecido como *emceeing*) é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades afrodescendentes nos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop, de modo que se chame metonimicamente (e de forma imprecisa) hip hop. Pode ser interpretado a *capella* bem como com um som musical de fundo, chamado *beatbox*. Os cantores de rap são conhecidos como rappers ou MCs, abreviatura para mestre de cerimônias. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rap>

Figura 75 – Slides com ídolos do Rap

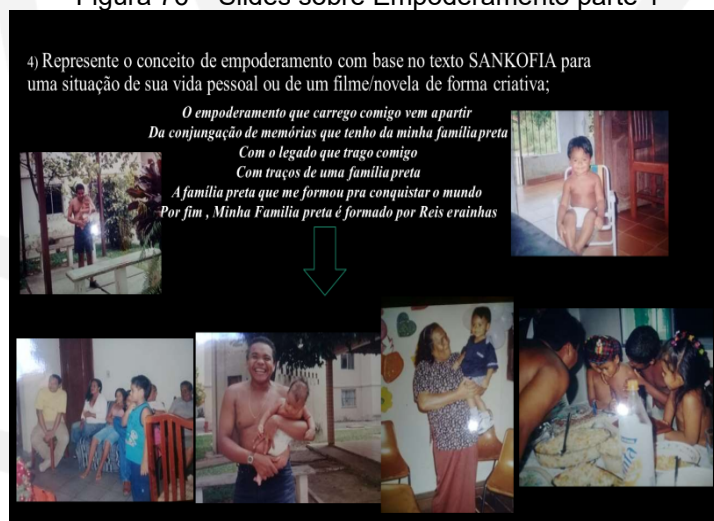


Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Percebe-se aqui o princípio afrofuturista da ancestralidade como difusor do empoderamento através de pistas de resistência nessa fala contida no inventário.

O empoderamento que carrego comigo vem a partir da conjugação de memórias que tenho da minha família preta com o legado que trago comigo, com traços de uma família preta. A família preta que me formou pra conquistar o mundo. Por fim, minha família preta é formada por Reis e Rainhas.

Figura 76 – Slides sobre Empoderamento parte 1



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Considero que o processo empoderamento não é a mera compreensão do poder que podemos obter. É utilizar esse poder como quisermos. Mas, se empoderar é se representar, se posicionar, se fazer ouvido, o empoderamento é capacidade de um sujeito se auto reconhecer no mundo a partir das suas gerações passadas e os valores que você carrega consigo. Além do mais, um preto empoderado é um preto consciente da sua origem.

Figura 77 – Slides sobre Empoderamento parte 2



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Ananse pondera:

- *Observem que Matheus coloca suas imagens desde muito pequeno, seu ritual de ingresso no curso superior, suas conquistas nessa permanência, congressos, eventos, viagens como forma de valorizar sua trajetória e potencializar as mudanças provindas com o conhecimento adquirido no percurso e, em particular com a disciplina Educação para Relações Etnicorraciais e os afetos advindos dessa experiência que, como diz Larrosa (2011) o passaram, o tocaram e o afetaram.*

E Oxaguiã, com toda sua expertise milenar com inovação nos diz:

- *Concordo, Ananse. E, para que as mudanças e, conseqüentemente, as inovações ocorram é preciso compreendê-las como práticas que adquirem significado por atenderem interesses tanto individuais como coletivos.*

- *Sim, Oxaguiã, concorda Ananse. Nesse caso, é possível afirmar que a inovação promove de forma reflexiva a relação dos conhecimentos da diversidade etnicorracial transversalizado pelo Afrofuturismo por meio das inquietudes e geração de conflitos para a promoção de aprendizagem criativa.*

Isso é perceptível nessa parte do Inventário quando o aluno conecta os saberes de Sankofia através de um infográfico criativo.

Figura 78 – Infográfico criativo de Sankofia



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

A seguir podemos observar as conexões feitas no inventário sobre o filme Pantera Negra:

Figura 79 – Colagem sobre Pantera Negra

6) Faça um desenho ou texto ou colagem sobre o filme PANTERA NEGRA



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Vaz (2019, p. 2) pontua que, “como instrumento pedagógico, a produção de um inventário é a construção de conexões variadas que transformam o gesto classificatório num exercício lúdico”.

Inventariar é criar. É a busca e a identificação de referências artísticas e da diversidade etnicorracial que engloba a bagagem cultural de quem o faz e conecta experiências, impressões, vivências, objetos, afetos, crenças, hábitos e demais pormenores, muitas das vezes íntimos.

As Ananses nos interpelam falando:

- *Temos esse inventário do aluno Lucas.*

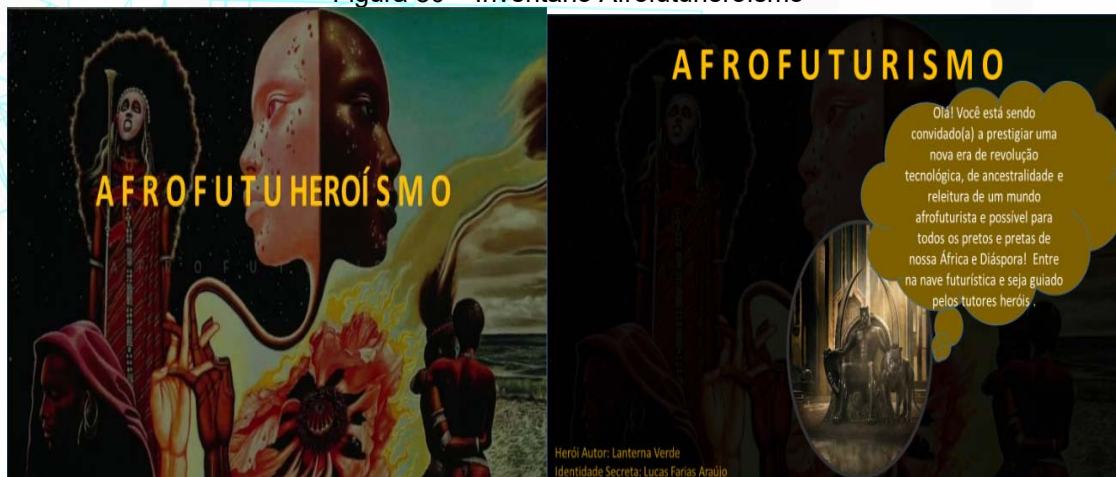
Oxaguiã se aproxima e algo chama sua atenção:

- *O aluno Lucas usa o estilo de super-heróis para apresentar seu inventário. Muito interessante! O nome do inventário: Afrofuturoismo. E é o lanterna verde quem apresenta e Lucas é a identidade secreta dele. Muito criativo.*

- *Vamos olhar esse,* retrucam as Ananses.

O Lanterna verde apresenta os grandes cientistas como heróis e heroínas da resistência: Teodoro Sampaio, Milton Santos, Katherine Coleman Goble Johnson, Patricia Bath, Annie Easley, Marie M. Daly, Joana D'Arc Félix de Souza, Luiza Bairros, Djamila Ribeiro, Elbert R. Robinson, Gerald Lawson, Mark Dean e Helena do Socorro Campos da Rocha.

Figura 80 – Inventário Afrofuturoheroísmo



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

- Ele cita a professora da disciplina Educação para Relações Etnicorraciais como uma das heroínas, venham ver. Falam as Ananses.
- Isso certamente o afetou, o impregnou e deve ter impactado sua vida no decorrer da disciplina.

Figura 81 – Inventário Afrofuturoheroísmo Grandes Cientistas



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

- Olhem esse inventário, tem um formato diferente dos demais. Falam as Ananses.

A aluna Jennifer Andreissy Alves Souza, do 5º semestre de Licenciatura em Geografia optou por usar a plataforma digital Instagram, uma rede social muito acessada por jovens no endereço eletrônico @naoeumpais.

Figura 82 – Inventário aluna Jennifer



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

E, segundo seu depoimento:

“Após o término da disciplina, pretendo continuar a desenvolver algumas pesquisas e continuar publicando na página, pois percebi que este assunto é de vital importância para o remodelamento de uma nova sociedade. (...) graças à disciplina consegui modificar meu olhar para situações do cotidiano que eu nunca tinha olhado com atenção, mas que hoje percebo como me influencia e sei como isso me modificou internamente e sei que hoje me tornei uma pessoa/cidadã melhor.”
 (Jennifer Andreissy Alves Souza – aluna de Licenciatura em Geografia – IFPA campus Belém – 5º semestre)

- Interessante esse inventário. Tem o formato de um cine-teatro, mostra Oxaguiã.

O aluno Luiz Felipe Borges Lima do curso de Licenciatura em Pedagogia fez uma releitura do texto “Era afrofuturista” do livro Sankofia.

Figura 83 – Inventário Cine-teatro



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

“O ano é 3022. Após a III Guerra Mundial rastros de destruição não só assolaram a paisagem de uma Terra destruída, como os corações dos humanos sobreviventes. O povo negro, em sua maioria, se fazia presente entre eles, que julgados como inferiores e sem valor suficiente para serem considerados alvos das grandes potências, foram deixados de lado na guerra à sua própria sorte.

Olhando para si mesmos diante daquele terrível evento, viram algo que nunca poderia ser dizimado nem com mil bombas: o amor. Sentimento este que uniu os homens em busca de um futuro melhor.

A Terra se reergueu, as florestas verdejantes surgiram novamente e todo o tipo de desigualdade sumiu. O povo negro, agora a frente na liderança mundial, assumindo papéis de importância, reconstruindo as cidades à sua própria forma com imensas pirâmides e prédios flutuantes afrodescendentes. O Afrofuturismo era uma realidade. A sociedade evoluiu a um ponto quase celestial e, vindo espaço três sacerdotisas caíram na Terra, com as peles negras e brilhantes como estrelas: Rihana, a Sábia; Beyoncé, a Destemida; Normani, a Visionária.

As três sacerdotisas dos cosmos vieram com a missão de ajudar os humanos evoluídos a encontrarem seu lugar no universo: Normani liderando uma política igualitária para as nações; Beyoncé desbravando o universo com os aventureiros e Rihana criando uma nova religião pautada em ancestralidade e autonomia.

Rihana fundou uma igreja na África onde, na fachada, seu rosto é estampado rodeado de planetas. No primeiro andar encontra-se pelas paredes inúmeros inventores, esculturas realísticas de homens e mulheres negras que contribuíam para o avanço do tempo em que viveram, para exaltar e manter viva a memória daqueles antepassados cuja inteligência mudou a realidade através de uma tecnologia.

No andar superior, as paredes estampavam artes com significados que remetiam a tempos passados e futuros, destacando o negro como sujeito ativo, desde o antigo filme Pantera Negra até o livro Sankofia.

Rihana acreditava que relembrar a ancestralidade do povo negro e colocá-lo em destaque no interior de sua enorme igreja tornava possível a autonomia daquele povo que, julgado como fraco, sobreviveu e reconstruiu sua própria história naquele mundo que agora era justo e igualitário”.

Nesse aqui, em formato de álbum, a aluna Carla Ribeiro do Curso de Licenciatura em Geografia destaca em seu inventário a curadoria realizada com os inventores pretos e antecede a listagem com o seguinte preâmbulo:

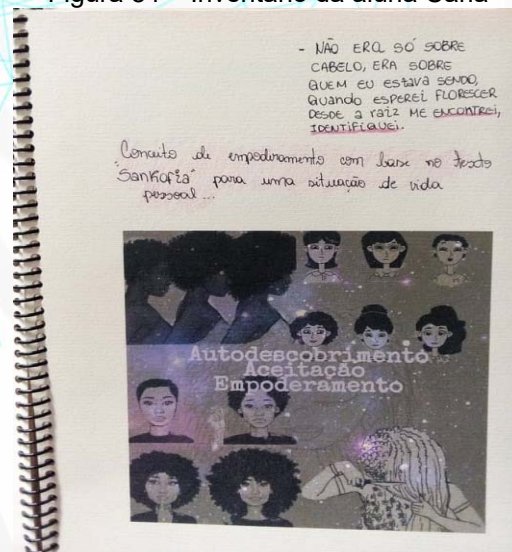
Nosso agradecimento aos negros e as negras que resistiram ao colonialismo e escravidão, que foram líderes de organização quilombola e abolicionista, e que também demonstraram genialidade em inúmeras áreas (entre os tempos) como engenharia, agronomia, metalurgia, ciências biológicas, natureza e saúde, literatura, matemática, filosofia e educação, ciência espacial.

(Memorial dos Defensores pela Liberdade, Sankofia, 2018, p. 31)

São “(...) pessoas que revolucionaram a história e moldaram o que viríamos a chamar de “pensamento negro” de seus muitos lugares de atuação” (ERNESTO, 2018, p. 39). Fazem parte no inventário da aluna: Milton Santos na Geografia; Benjamin Banneker, na Astronomia; Percy Julian e Marie Maynard na Química; George Washington Carrer na Biologia; Mae Carol Jemison e Elijah MMcCoy na Engenharia; George Robert Carruthers e Neil deGrasse Tyson na Física; Marjorie Lee Browne e Elbert Frank Cox na Matemática; Annie Easley e

Philip Emeagwali na Computação; Patricia Bath e Daniel Hale Williamms na Medicina.

Figura 84 – Inventário da aluna Carla



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

- *É uma narrativa diferenciada sobre empoderamento destacando a ancestralidade na ciência, mas que, traz a questão estética do empoderamento bem presente no gênero feminino com a questão da aceitação dos cabelos, comenta Ananse.*

Conforme Berth (2018, p. 122) “o processo de fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes de desenvolvimento das relações consigo mesmo também faz parte de um processo ativo de empoderamento”. Quando a aluna usa no inventário a frase “não era só sobre cabelo. Era sobre quem eu estava sendo. Quando esperei florescer desde a raiz me encontrei, identifiquei”. Isso é empoderamento que inicia a partir do conhecimento de sua ancestralidade e fortalece a atitude com que vai se apresentar ao mundo esteticamente. Isso é poder.

Tal percepção se fortalece no conto criado pela aluna Laura Stefanie Ferreira Cardoso com uma personagem chamada Alya para representar o conceito de empoderamento.

- *Leia para nós Ananse, pede Oxaguiã.*

Sentamos todos em círculo para escutar Ananse.

“Era uma segunda-feira chuvosa e cinzenta em Belém. Os passageiros tentavam se equilibrar dentro do ônibus que se tornava mais entupido a cada parada. Alya suspirou em um misto de

tédio e aborrecimento. Empurrões, arremessos a cada solavanco e aquele calor infernal eram o último ambiente que uma pessoa, 15 minutos atrasada para o teste de Física, poderia desejar.

- ALYA! VEM AQUI!

A garota se voltou na direção do grito, e avistou seu amigo da escola sentado no fundo do veículo. Diego decidiu fazer um pequeno esforço para chegar até ele, e corajosamente começou a romper entre a multidão. Ao se aproximar do garoto, notou que outros alunos de sua escola estavam amontoados naquele ponto, o que lhe rendeu uma sensação de alívio: não seria barrada sozinha.

- Pode sentar no meu lugar. Aqui, segura minha mochila.

- Obrigada. Você estudou para o teste?

- Sim! Mas não entendi muita coisa. Acho que vou sentar atrás de você.

- Se chegarmos a tempo! Com essa chuva o trânsito está como uma tartaruga!

- Relaxa... Talvez todo mundo chegue atrasado hoje.

Após essas poucas palavras, Diego se juntou ao grupo dos colegas ao lado, e Alya puxou seus fones para escutar sua estação favorita. Entretanto, o sinal estava péssimo por conta do temporal e a menina desligou o áudio mecanicamente quando o “zum, zum, zum” massacrou seus tímpanos.

- Agora estou liso, então, a única solução é baixar “a criança amaldiçoada em PDF” ...

Alya arregalou os olhos instintivamente para os colegas de classe ao escutar aquele trecho da conversa. “Harry Potter” era sua série literária favorita, ela devorara os sete livros da cronologia original, e os spin-offs, incluindo “a criança amaldiçoada”. Nunca tivera muitas interações com os companheiros ali presentes, porém, a descoberta de gostos em comum despertara certo interesse pela amizade dos mesmos. “Eu vou aparecer uma fuxiqueira se me meter do nada no assunto”, pensou, e se deteve a ficar ali, fingindo ouvir música.

- A peça vai estrear semana que vem em Londres, e você ainda vai ler o livro!

- Ah, mas essa peça não vai ter tanta credibilidade! Estou mais interessado no livro.

- E por que não vai ter credibilidade? Inquiriu Diego.

- Você não soube da última? A atriz que vai interpretar a Hermione é negra! E agora um monte de gente está fazendo fanarts e desenhos da Hermione negra, só por causa dessa baboseira que o diretor inventou!

- Eu achei muito legal ele ter “colocado” uma Hermione negra. Comentou timidamente uma das garotas.

- É! O problema é que a Hermione é branca! Ele escolheu uma mulher negra para interpretar uma branca! Isso vai acabar com a essência da personagem!

- Mas a cor de pele da Hermione não é mencionada nos livros! E de acordo com a descrição do cabelo dela, é provável que seja negra. Replicou Diego.

- Mas o que tem a ver o cabelo? A Hermione dos filmes é branca. É ilógico ela ser negra na peça.

- Treplicou uma segunda garota.

Alya estava encarando aquelas pessoas, e já nem lhe importava se notassem que estava bisbilhotando. Hermione era sua personagem favorita da série, e sentira-se tão feliz quando soube que ela era negra... Bondosa, corajosa, inteligente, leal e NEGRA. Olhou para a janela embaçada, e milagrosamente conseguiu enxergar seus traços ali. Os olhos serenos que lentamente começavam a lacrimejar, a boca carnuda, o nariz avantajado, e aquele cabelo. Sim. AQUELE CABELO.

Ela deveria ter uns sete anos naquela época. Estava na sala de aula muito concentrada em terminar a lição de Matemática. O cabelo volumoso caía-lhe sobre os ombros, e emoldurava-lhe o rosto. De repente, sentiu que alguém os puxava e levantou a cabeça. Era novamente aquele moleque chato que a importunava todos os dias. Ele esticou os fios, e falou (bem) alto: “Eu vou trazer um pente pra você amanhã!”. Os colegas estouraram em gargalhadas. Uma das meninas se empolgou e gritou: “Você traz o pente e eu trago o creme!”. Alya foi atingida novamente por aquele enxame de risadas cruéis, e pela primeira vez, notou que se encontrava fora do padrão. “As meninas bonitas tem o cabelo liso e sedoso, eu vi nos filmes das princesas”.

Ela mergulhou em suas memórias, nadou por todos aqueles momentos em que pensava não ser bonita ou inteligente o suficiente, e todas aquelas vezes em que gastou intermináveis minutos

tentando alisar o cabelo, e mesmo ao atingir o resultado esperado insistia em prendê-lo. Até conhecer a professora Luíza.

Naquela manhã ensolarada em que a garota teria uns catorze anos, uma jovem professora adentrou a sala de aula, causando espanto em alguns, e curiosidade em outros.

- Bom dia! Eu sou a nova professora de Artes, entrei para substituir a antiga. Meu nome é Luíza. Alya deu uma boa olhada na novata dos pés à cabeça. Sua pele era escura, seus traços fortes e marcantes. Usava dreads no cabelo, e estes estavam arrumados no topo de sua cabeça com uma espécie de turbante. Suas roupas eram muito estampadas, coloridas e chamativas. A “estranha” exibiu um enorme sorriso, o qual parecia sinalizar seu orgulho pelo abalo que havia causado.

Luíza usou os dois horários para conhecer a turma e fazer um diagnóstico de seus conhecimentos na disciplina. A professora se encantou com a inteligência avançada de Alya, e não economizou elogios à menina, a qual sentiu suas bochechas queimarem diante daquelas palavras, não estava acostumada com RECONHECIMENTO. A mulher concluiu que os alunos precisavam de algumas aulas de revisão, e antes de sair deixou a recomendação de papel em branco, lápis pretos e coloridos para o próximo encontro.

Na semana seguinte, a professora emergiu na porta muito animada, e anunciou que conseguira negociar um horário do professor de Matemática, assim, teriam mais tempo para realizar as atividades. Alguns alunos soltaram resmungos inaudíveis, já conheciam as loucuras dos professores de Artes. Luíza pediu que a turma se organizasse em roda e iniciou um bate-papo acerca da função e significado da Arte.

Após este primeiro momento, perguntou pelos materiais solicitados, e propôs a dinâmica: através de um sorteio, a turma seria dividida em duplas, e cada componente desenharia seu parceiro da forma que o enxergava. Porém, a representação deveria levar em conta as características psicológicas de cada um. Por um golpe do destino, Alya foi sorteada para ser parceira da professora. Apesar de não ser abençoada pela destreza manual, a menina tentou caprichar no desenho escolhendo as cores mais vibrantes e alegres. Quando terminou, a figura no papel se confundia em um grande borrão multicolor.

Chegou a hora de cada um exibir sua obra de arte, e explicar as qualidades que influenciaram o resultado final. A mostra rendeu muitos risos, comentários irônicos e agradecimentos. A última a falar foi Luíza. Alya ficou “de queixo caído” ao contemplar o desenho: ela estava tão incrivelmente linda ali! Não de modo idealizado, mas sim uma beleza natural e verdadeira. Seus cabelos (os quais ela já não podia alisar por conta da alergia a um dos produtos químicos) esvoaçavam em várias direções dentro da folha, seu sorriso era suave, seus olhos cálidos, e sua pele... A mais bela do mundo.

No fim da aula, a menina aproveitou para fazer uma pergunta à professora:

-A senhora realmente me vê da maneira que está no papel?

-Sim, Alya. Exatamente da forma que está no papel.

-Mas, a senhora é uma professora de artes! Pode fazer qualquer coisa feia ficar bonita!

-Eu apenas transcrevo para a folha a beleza existente ao redor. É uma pena que só agora você tenha aberto seus olhos para a própria beleza. Entretanto, essa é uma das maravilhas da arte: revela-nos aquilo que está oculto.

-Entendi. Mas... É como se a senhora tivesse me lido, de uma forma que ninguém conseguiu antes.

Luíza ficou pensativa por um instante. Enfim, fitou profundamente a aluna, e declarou:

-Quem sabe eu tenha me visto em você Alya.

O estrondo de um trovão a trouxe de volta ao presente. Os adolescentes prosseguiram a discussão:

-Não é racismo! Deveriam ter criado a personagem negra desde o início! Se quiserem um personagem negro, então que criem um! Não há cabimento em distorcer as características de uma personagem já consolidada!

Alya recordou as palavras que sua querida professora proferira certa vez:

A sua pele conta uma história, Alya. Ao contrário do que a sociedade e os veículos de informação disseminam, não é uma história de pobreza e maldições. Mas sim de luta, resistência, vitórias a cada batalha. Conhecer a história que sua pele conta é a chave para ser protagonista de seu futuro. Nunca permita que alguém defina em qual espaço você deve estar, quantas conquistas pode alcançar. Empodere a si mesma e construa seu destino.

Alya mirou novamente seu reflexo na janela embaçada. Ali estava aquele cabelo, a marca que outrora lhe envergonhava, e agora era motivo de orgulho. Já se calara por tempo demais. Sacudiu as madeixas e se dirigiu ao mais feroz do grupo:

-Sempre achei que as principais características de Hermione fossem inteligência e lealdade. E a cor de pele não é determinante nesse quesito.

-Outra com esse papo! Não sou racista! Só estou tentando dizer que não faz sentido uma Hermione negra por-

-Porque você não está acostumado a ver heroísmo em rostos negros. Está preso ao estigma de que apenas brancos possuem potencial para ocupar lugares de destaque.

Alguns adolescentes do grupo emitiram grunhidos de dor, sinalizando que uma briga estava para acontecer. Não fora à toa que Alya dedicara boa parte do seu tempo para pesquisar a história do povo negro e outras temáticas, como o racismo.

-A questão não é essa! Eu não tenho problemas com rostos negros! É porque essa não é a Hermione da minha infância!

-A sua infância já passou! Larga essa “síndrome de Peter Pan”! Quantos super-heróis negros você conhece? Uma criança branca pode ficar dividida entre mil heróis brancos, todavia uma criança negra não dispõe de tantas opções. Elas são constantemente invisibilizadas e indesejadas. É hora de presenteá-las com a representatividade, pessoas em quem possam se espelhar.

O garoto estava mirando Alya com os olhos do tamanho de pires. A imagem da professora Luíza visitou novamente a mente da garota.

- Perdi muitos anos pensando em como minha vida era horrível por não conseguir me encaixar no padrão vigente. Hoje, eu tive coragem para finalmente manifestar minha voz, graças a uma heroína que me salvou há três anos. Acho que todas as crianças e jovens, das mais diversas realidades, poderiam ter a bênção de conhecer alguém extraordinário.

O transe dos colegas foi quebrado pelo segundo grito de Diego:

- GENTE! NOSSA PARADA É A PRÓXIMA!

Alya devolveu a mochila do amigo, e se levantou para descer. Conseguia sentir os olhares penetrantes e cochichos de alguns colegas. Seu coração batia acelerado, e ela suava frio. Não era de sua natureza bater boca com as pessoas, seu ato a surpreendera. Foi a primeira a saltar do veículo, e quase foi derrubada pela rajada de vento que esbofeteara violentamente seu corpo. A sensação durou poucos segundos, pois Diego rapidamente manuseou a sombrinha e pôs sobre a cabeça da amiga.

O portão da escola se encontrava apinhado de estudantes ensopados e raivosos, praguejando o clima da cidade. Os dois atrasados aproveitaram a confusão para driblar a vigilância do porteiro, e marchar para a sala de aula.

- Alya, aquela resposta que você deu pro Marcos foi incrível!

A garota lisonjeada pousou o olhar sobre o amigo. As pupilas de Diego apresentavam um brilho peculiar por baixo dos óculos. Ela mapeou sua expressão, e compreendeu nitidamente porque aquilo o impressionara tanto.

- Não podemos nos calar diante das injustiças Diego. Eu nunca me imaginei enfrentando alguém, mas sinto que fiz a coisa certa.

- Eu acho que vou começar a me posicionar também. Quero dizer, eu nunca sei bem o que fazer nesses momentos...

Ambos estavam parados diante da sala de aula. O professor os avistou e fez sinal para que entrassem.

- Posso te indicar umas leituras muito enriquecedoras se sobrevivermos a esse teste.

Diego abriu um sorriso enorme, e seus olhos indígenas se apertaram ainda mais. Seguiu Alya até o fundo da sala, e sentou-se atrás dela, como já havia dito. O timbre rouco do professor ecoou pela sala:

- Bom, acho que não falta ninguém, então darei início ao teste..."

Nesse exercício de inventariar realizado pelos alunos e alunas enxergamos um processo permanente de construção e reconstrução, que depende de escolhas sobre o que visibilizar e o que invisibilizar naquele momento.

- Ananse, o que foi visibilizado nos inventários? Pergunta Oxaguiã.

- Dentre tantas coisas, percebi o empoderamento atrelado à questão estética, e algumas alunas mostraram isso através delas mesmas com maquiagem afro, responde Ananse.

Figura 85 – Inventários Estéticos



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

E Ananse continua:

- Através de desenhos de si mesmas ou de outrem, usando fotos capturadas da internet, e se colocando como modelos, se automaquiavam para deixarem registrado no inventário como se fosse uma ação de eternização desse ritual de passagem da aprendizagem criativa na disciplina.

Inventariar é buscar na memória os vestígios da aprendizagem em Diversidade Etnorracial e Arte. São pistas, lembranças, pensamentos e impressões acumulados, resultantes de experiências individuais e coletivas, destacando-se a capacidade de armazenar e reter sensações resultantes das interações com o mundo. (VAZ, 2019)

- Olhem, isso se faz presente na nuvem de palavras onde havia a preocupação de ilustrar com seus talentos para dar força às palavras, observam as Ananses.

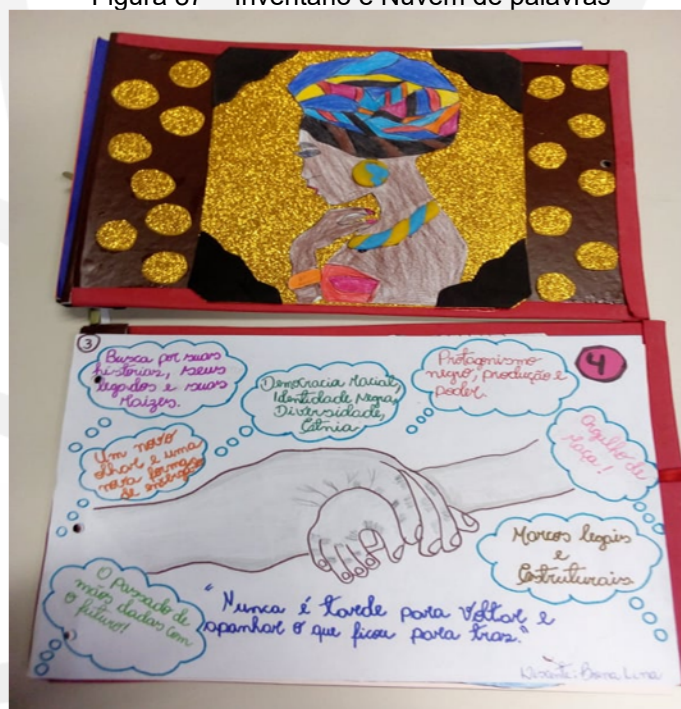
Figura 86 – Nuvem de palavras Estética



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

É possível identificar indícios dos saberes adquiridos em sua formação cultural e acadêmica, indícios que deixaram uma marca, um rastro, uma pista, o inventariante será capaz de ressignificar saberes e afetos e construir novos conhecimentos e sentimentos.

Figura 87 – Inventário e Nuvem de palavras



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Oxaguiã, pensativo, começa a andar em círculos segurando seu capacete com uma mão na cabeça e com a outra empunhando a mão de pilão.

Em um determinado momento estanca, e voltando-se para Ananse fala:

- As inovações presentes nos inventários surgem a partir de um processo de reflexão sobre as práticas e comprometimento, tanto da professora quanto dos alunos e alunas, ao perceberem as mudanças no ensino com o uso da CartoDiversidade que propiciaram a aprendizagem criativa.

Ananse complementa:

- Foi necessária a persistência da professora na disposição para inovar e para compreender que a participação do aluno nesse processo de inovação ocorre no tempo deles, mas que, a partir das mudanças implementadas, tudo o que aconteceu na aplicação da CartoDiversidade pode se tornar exemplo para novas implementações de inovações.

Oxaguiã aproximando-se do ipê amarelo que teimava em esparramar suas flores no chão da área verde do IFPA chama as Ananses e diz:

- Temos uma surpresa.

Todas nos voltamos na direção em que ele apontava e, lá estava Oxum, bela e faceira com seu Abébé em punho.

- Eu fui, mas estava curiosa pelos resultados dos inventários e a cada momento de empoderamento dos alunos e alunas tinha um fio tênue e dourado tecido pela Ananse Afrofuturista que me ligava aqui e mandava vibrações e notícias. Resolvi vir novamente para chamar a atenção sobre esse inventário potente.

Era o inventário da aluna da Pedagogia Luciane Damasceno Nery dos Santos.

Oxum se aproxima do inventário e o acompanhamos para observar. Dele saía uma luz dourada tão forte que ofuscava nossos olhos de tanto poder que o inventário continha.

Oxum, a orixá do empoderamento, e Oxaguiã, o orixá da inovação e da criatividade, eram os únicos que naquele momento poderiam passar pelos raios dourados de tanta que era a luminosidade.

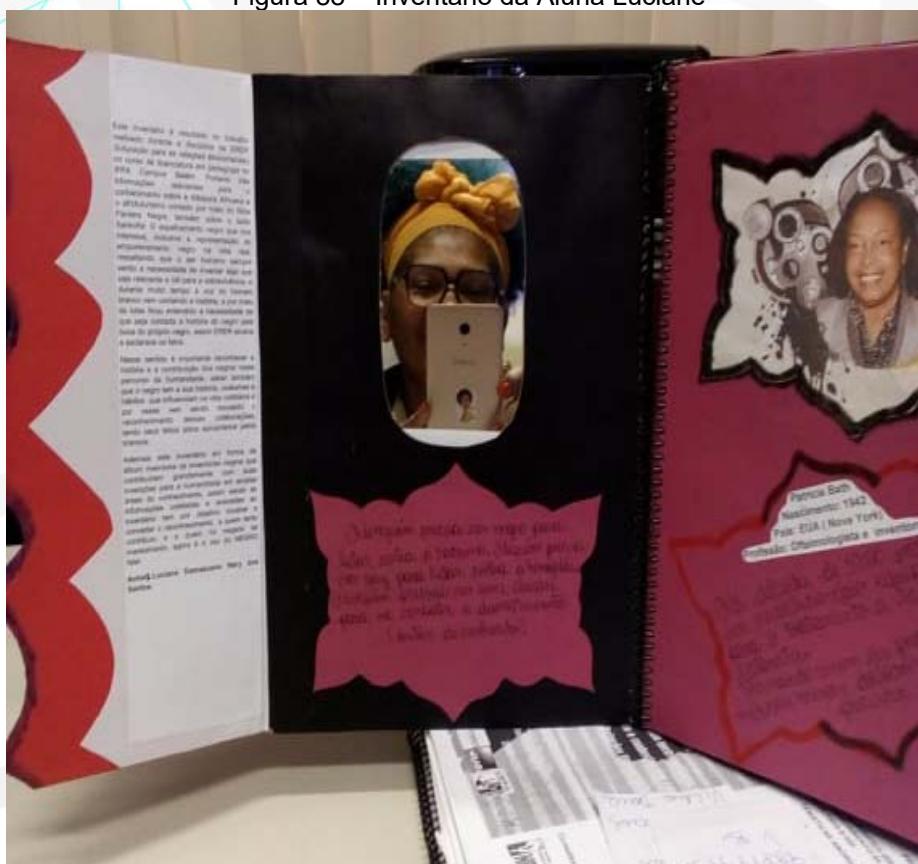
Oxum sorrindo, fala:

- Ananse, venha ver. Segure o inventário e olhe.

Muito curiosa, me aproximo, seguro o inventário e, para minha surpresa, minha imagem está refletida no espelho que a aluna havia colocado na primeira página. Me vejo e percebo então que o poder do conhecimento da diversidade etnicorracial e do Afrofuturismo estão ali presentes através da CartoDiversidade. Abaixo do espelho tem uma inscrição:

“Ninguém precisa ser negro para lutar contra o racismo. Ninguém precisa ser gay para lutar contra a homofobia. Ninguém precisa ser uma árvore para combater o desmatamento”.
(Autor desconhecido)

Figura 88 – Inventário da Aluna Luciane



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

A aluna Luciane aparece no NEAB, segura seu inventário e diz:

- Foi muito trabalhoso esse produto final. Foi uma disciplina que mergulhei fundo. Me fez rever momentos de minha vida e, precisava materializar uma forma de empoderar outras pessoas, meus colegas da Pedagogia, os alunos e alunas que lido no estágio. E só podemos empoderar a partir de mudanças em nós mesmos.

Figura 89 – Inventário Empoderamento



Fonte: Arquivo da turma. Setembro, 2019.

Oxaguiã proclama que o processo de inovação não consiste em gerar grandes mudanças, mas estimular mudanças.

- *O que você diz Ananse?*

- *Oxaguiã é possível visibilizar a inovação no fazer criativo e no processo criativo dos alunos e alunas a partir das pistas produzidas nos inventários afrofuturistas,* responde Ananse.

Ananse tece uma teia e lembra que caminhou de muito longe, foi com Oxumarê até Angola, esteve com Oxum acompanhando a CartoDiversidade e com Oxaguiã ao encontro dos inventários, sempre com o olhar afrofuturista que carrega desde sempre. Encontrou a inovação e a criatividade e, mais, descobriu que a CartoDiversidade possibilita a inserção do Afrofuturismo na Educação!

Nas teias dos inventários afrofuturistas, a inovação e a criatividade são processos que demandaram mudanças de posturas e impulsionaram a aprendizagem criativa e o protagonismo dos alunos e alunas.

Ananse lembra o texto de Messina (2001, p. 227) onde “a inovação foi definida como processo multidimensional, capaz de transformar o espaço no qual habita e de transformar-se a si próprio”.

Ananse caminha com Oxum e Oxaguiã, seguidos pelas Anases e envoltos em mistérios e encantamentos, evoca forças e energias ancestrais para o término/início desse percurso em busca de criatividade e inovação.

Com o *abébé* nas mãos que fala muito do empoderamento Oxum professa:

- *Caminhe... agora e sempre. Leve o Afrofuturismo através da CartoDiversidade onde puder. Sua história está apenas começando.*

Sinto que o Afrofuturismo funciona como fio condutor das teias coloridas que venho tecendo com matizes dourados e é o instrumento que me liga com a ancestralidade.

Ananse se fortalece e tece suas teias com mais confiança, segura seu *Abébé* afrofuturista, mira-se nele e vê Oxaguiã ao lado de Oxum e as Anases acenando. Consegue ouvir o som das batidas do pilão pisando o inhame, marcando práticas simbólico-culturais presentes na memória e muito conhecidas.

Ananse deixa aflorar a teia da professora Helena Rocha e vê as lágrimas que escorrem de seu rosto. Oferece o *Abébé* para ela que se mire e vê espelhada toda a sua trajetória de luta na docência, luta em prol da diversidade etnicorracial. Sentimentos confusos e reveladores. Lembranças de 14 anos de luta revistos numa pesquisa. Helena Rocha busca Ananse e finalmente descobre-se uma Ananse Afrofuturista.

O *Abébé* espelhou as alegrias, lágrimas, conquistas, anseios, desejos, valores, crenças, bem como as idealizações individuais e coletivas e minha ansiedade na busca pela criatividade e inovação que o Afrofuturismo me proporcionou e o *Abébé*, enquanto ferramenta ancestral, me permitiu ver. A Ananse que carrego se transformou ao longo deste processo transformando Helena Rocha na Ananse afrofuturista.

AMARRANDO OS FIOS DAS TEIAS...

O início dessa pesquisa foi de grande inquietação na investigação de ambientes, metodologias e produtos inovadores afrofuturistas capazes de potencializar a aprendizagem criativa sobre a diversidade etnicorracial.

Atenção, acompanhar processos, pesquisa-intervenção e política da narrativa eram as pistas que me guiaram em toda a caminhada seguindo a proposta de Passos, Kastrup e Escóssia (2015). A aranha cartógrafa teve um estranhamento, pois a imersão no método da Cartografia provocou uma ruptura com tudo que eu conhecia em termos de pesquisa. Um movimento novo, como uma espiral que me enredaria em todo o processo de investigação.

Um Diário de bordo e um celular foram, como que um apêndice ao meu corpo, utilizados em cada parada necessária para materializar os registros, bem como me retroalimentar com as curadorias já feitas e até atualizá-las. Esses registros tiveram vários formatos: fotografias, desenhos, mapa mental, nuvem de palavras, escritas breves e muitas das vezes, descreviam e ordenavam as vivências e narrativas em um esforço para compreender os movimentos que se faziam presentes. Algumas vezes, o diário foi necessário para registrar minhas próprias reflexões e sua leitura e análise foram decisivos nas tomadas de decisões na condução da pesquisa.

E sobre minha experiência com o método da cartografia busco Brandão (1981, p. 15) para expressar essa vivência ao destacar que "o 'método' foi só a botina que calçaram nos pés para caminhar. Muita gente, de tanto haver olhado só as marcas dela no caminho, pensou que aquilo fosse toda a prática".

A Ananse cartógrafa sempre esteve em movimento, afetando e sendo afetada no decorrer da pesquisa, cartografando sempre os processos. A cartografia é movimento contínuo. Por vezes me senti perdida, sem rumo. Inúmeras vezes cheguei a mergulhar nos livros para procurar inspiração e me afoguei. Nessas horas fui trazida à tona para respirar e me aliviar pela orientadora nas orientações individuais e nas orientações coletivas, também pelos colegas do grupo de pesquisa, nos estudos de textos e seminários de apresentação do que já tínhamos feito.

Nesses momentos, sempre encontrei incentivo, uma palavra amiga e, acima de tudo, voltava mais fortalecida porque a orientadora e os colegas

sempre encontravam avanços e destacavam aspectos positivos de minha caminhada. Era um Porto Seguro que eu esperava ansiosa pois precisava me fortalecer como o sedento procura água e o faminto procura alimento. Cartografar é abrir caminho para os fluxos que estavam acontecendo, que iriam acontecer.

Ananse conseguiu resolver sua primeira inquietação ao perceber que o NEAB Virtual é um recurso em que é visível a inovação do fazer criativo da Diversidade Etnorracial quando percebe as características fundamentais do Afrofuturismo presente nos produtos educacionais expostos no ambiente virtual: a ancestralidade, a tecnologia, a autonomia e um futuro possível aparecem de forma transversal em cada produto alocado nos totens que, de forma criativa e inovadora, são trazidos à baila no contexto de cada conhecimento específico a ser ensinado. Está na Geografia de *Bayo*, na Biologia da Batalha Animal, na Língua Portuguesa e Literatura do produto *Funções da Linguagem: Contextualizando em África*, na Química em *Caminhando pela África, Montando a QuimicÁfrica* e no aplicativo *E. C. Challenge*.

O ambiente de Realidade Virtual (RV) funciona como uma arma contra-hegemônica quando utiliza o ingrediente da *Zuhura*, encantamento, no resgate e discurso positivo da cultura africana e afrobrasileira.

Nessa caminhada tive dois encontros na perspectiva deleuziana: o primeiro com Zélia Amador de Deus quando conheci a Ananse que une os filhos dispersos na Diáspora através de seu livro. E o segundo com Lu Ain-Zaila na rede social *facebook* em que passamos a trocar mensagens no aplicativo *Messenger* compartilhando as produções das turmas, a partir de Sankofia. O carinho, o respeito e a delicadeza com que a autora viu os produtos educacionais foi marcante. Inclusive gravou um vídeo com mensagem aos alunos e alunas do IFPA parabenizando-os pelas produções.

É imprescindível ressaltar que o encontro no método da cartografia não se dá apenas com pessoas, mas com artefatos, objetos, livros, dentre outros e que não são previsíveis nem acontecem de acordo com o agendamento do pesquisador. Acontece de forma inesperada pela vazão dos fluxos da pesquisa e das curadorias.

A segunda inquietação de Ananse foi respondida no decorrer da investigação sobre a aplicação da metodologia ativa *CartoDiversidade*,

metodologia que provoca conexões interdisciplinares entre o Afrofuturismo e a diversidade etnicorracial permeada pela criatividade e a inovação.

Os afetos brotavam de forma natural no cartocurar e cartofazer nas três cartas: Carta Princípios Inspiradores, Carta Exercício do Olhar e Carta Inspiração em que a *zuhura* se materializava nos produtos educacionais em forma de infográficos, resumos criativos (*lettering*), nuvem de palavras, desenhos criativos, jogo de caça-palavras criativo, tabuleiro humano, Cartas criativas, HQ, Fluxogramas, Glossários criativos, Tecnologias Educacionais e inventários digitais e artesanais. Esses caminhos primaram pela ousadia de trilhar percursos metodológicos como um processo sempre inconcluso, desafiador e (trans)formador.

A CartoDiversidade se configura em uma metodologia ativa com potencial para lidar com a diversidade etnicorracial trazendo à tona, nesse caso específico, a possibilidade de empoderar alunos e alunas através da Arte com o movimento Afrofuturista, fazendo alunos e alunas sentirem-se protagonistas de sua aprendizagem e inserir suas vozes e narrativas nos produtos educacionais de sua autoria.

Foi possível visibilizar a inovação no fazer criativo e no processo criativo dos alunos e alunas a partir das pistas produzidas nos inventários afrofuturistas que se traduziam em mensagens que vinham à tona através de desenhos, contos, nuvem de palavras, colagens, cores, disposição de fotos de si mesmos, maquiagem afro, dentre outras.

A possibilidade de vivenciar um momento de criação inovador, bem como de ser protagonista dessa história me permitiu asas para conceber uma forma de sistematizar os conhecimentos que eram muitos. A CartoDiversidade, inspirada na Cartemática, pode ser adaptada a qualquer componente curricular.

Os inventários afrofuturistas serviram de instrumentos onde pude detectar a mudança de postura quanto à diversidade etnicorracial que brotava do interior de cada um dos alunos e alunas, muitas vezes machucados no percurso acadêmico. Dessa forma, a inovação e a criatividade enquanto processos que demandam mudanças de posturas, trouxeram resultados positivos à prática pedagógica criativa através da CartoDiversidade que, por sua vez, impulsionou a aprendizagem criativa, proporcionando a formação de alunos e alunas protagonistas.

Observei com essa vivência que ambientes, metodologias e produtos inovadores afrofuturistas potencializam a aprendizagem criativa sobre a diversidade etnicorracial.

Na abordagem afrofuturista na Educação a criatividade e a inovação são elementos indispensáveis. O Afrofuturismo na Educação para a diversidade etnicorracial é uma atitude, uma postura construída cotidianamente pelos atores envolvidos no processo educacional e requer uma mudança que, na perspectiva de Messina (2001, p. 228) “implica desnaturalizar ou distanciarmo-nos do *habitus* que nos constitui, que é tão estruturante quanto estruturado, separarmo-nos desses modos de sentir, pensar e agir”.

E, enquanto postura interdisciplinar, está sempre em mutação, em amadurecimento e, o que chamo de final dessa etapa da pesquisa intitulada “*Afrofuturismo na Educação: Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial*” é apenas mais uma teia que Ananse sabe tecer e transformar em algo que continua de uma outra forma.

Enquanto professora e pesquisadora da Diversidade Etnicorracial é inevitável insistir e investir na aplicabilidade do afrofuturismo no campo educacional tendo em vista que “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 41). E o campo da Educação, mais precisamente a Formação de Professores, se configura em um território fértil para germinar e florir com as flores mais belas e das cores mais variadas um mundo de possibilidades através da disseminação da CartoDiversidade em eventos locais, nacionais e internacionais para que outros professores se apropriem dessa arma potente.

Faz parte também desse projeto de luta o investimento da temática em um doutoramento e, quem sabe, na escrita mais arrojada de artigos e livros para aproveitar com mais afinco todo o potencial do afrofuturismo no campo educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora**: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. – Belém: Secult/PA, 2019.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Importância do Ser Professor: inclusão de novas metodologias para a melhoria da qualidade de ensino. in: TANAKA, Elisa Emi et al. (orgs). **Experiências inovadoras de metodologias ativas** [livro eletrônico]: PASEM/ MERCOSUL = Experiencias innovadoras de metodologías activas: PASEM/MERCOSUR. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017.

ANDERSON, Reynaldo; JONES, Charles E. (ed.). **Afrofuturism 2.0**: the rise of astro-blackness. Lanham: Lexington Books. 2016.

AOKI, Ricardo Luiz; FIUZA, Patricia Jantsch; LEMOS, Robson Rodrigues, SOMME, Vera Lucia. Avaliação de Usabilidade do Newsgame Aprendendo Jornalismo. In: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SOUZA, Márcio Vieira de. (Org.). **Educação fora da caixa**: tendências internacionais e perspectivas sobre a inovação na educação. São Paulo: Blucher, 2018, v. 4, p. 67-81.

BALESTRERI, L.V. **Laboratório de Artes Visuais**. Univ. Federal de Santa Maria, Centro de Educação. Santa Maria: Gráfica Universitária, 2005.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2015.

BARROS, Marcelo (org.). **O candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2009.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. 1. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1981. – (Coleção Primeiros Passos; vol. 38).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº. CNE/CP 001/2004, de 17 de junho de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09.01.03**: altera a lei 9394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Brasília. 2003.

CARDOSO, A. P. As atitudes dos professores e a sua relação com a inovação pedagógica. In: **Receptividade à mudança e à inovação pedagógica**: o professor e o contexto escolar. Edições ASA, Perspectivas actuais/Educação. 2002.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity**. El fluir y La psicología del descubrimiento y la invención. Nova York: HaperCollins, 1996.

DERY, Mark. Black to the Future. In: DERY, Mark. **Flame Wars: The Discourse of Cyberculture**. Duke University Press, 1995.

DOS SANTOS, Daniel. **Beyoncé e a Dialética do Espelho: O Pensamento Pós-Colonial Feminista em Lemonade**. Disponível em: https://raplogia.com.br/beyonce-e-a-dialetica-do-espelho-o-pensamento-pos-colonial-feminista-em-lemonade/?fbclid=IwAR3Ou0LWJFxske-wYifMgGt5SidyJ0mPFC83mhVs6Jnt4hUYizrgOwn0_FA. Acesso em 20 set 2019.

ERNESTO, Luciene “Lu Ain-Zaila” Marcelino. **Afrofuturismo: O espelhamento negro que nos interessa**. Disponível em: <file:///C:/Users/STDILTEC/Downloads/Afrofuturismo-o-espelhamento-negro-que-nos-interessa.pdf>. Acesso em: 15 de agosto em 2019.

ERNESTO, Luciene “Lu Ain-Zaila” Marcelino. **Sankofia**. Breves Histórias sobre Afrofuturismo. Edição da Autora. Rio de Janeiro. 2018.

FADEL, Luciane Maria; ULBRICHT, Vania Ribas; BATISTA, Claudia Regina; VANZIN, Tarcísio (orgs.). **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro Efetividade ou ideologia**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 6ª edição: 2011

FERNANDES, Walter, HURST, Miguel. **Angola Cinemas: Uma Ficção da Liberdade**. Steidl/Goethe-Institut, 2015.

FILLARDI, Michael Hafran. STEM, STEAM, MAKER... O Que Esses Novos Conceitos tem de antigos? **Anais do 7º Congresso de Pesquisa do Ensino do SinproSP**. Inovação Educação. O tempo dos professores. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/conpe7/revendo/assets/cc_michael_filardi7conpe.pdf. Acesso em 23 fevereiro 2019.

FOFONCA, E. FISCHER, M. A Curadoria de Conhecimento na EaD: desafios e novas perspectivas de pesquisa e metodologia on-line na formação de professores. In. **Educação a Distância e Tecnologias Digitais**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. (Coleção Leitura)

FREITAS, Kênia & MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y audiovisual**. nº 17, 2018, p. 402-424. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/328392442_O_futuro_sera_negro_ou_nao_sera_Afrofuturismo_versus_Afropessimismo_-_as_distopias_do_presente. Acesso em 18 fev. 2019.

FREITAS, Kênia (org.): **Afrofuturismo Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. 1ª Edição - Setembro, 2015. ISBN: 978 - 85 - 5616 - 000 - 3

FULLAN, M. **The New Meaning of Educational Change**. New York: Teaches' College Press, third edition. 2001.

GOMES, Nilma Lino Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações raciais no Brasil uma Breve Discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03 / SECAD: Brasília: 2005. P. 39-61**

KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2015.

KIRNER, C. **Apostila do ciclo de palestras de realidade virtual**. Atividade do Projeto AVVIC – CNPq (Protem – CC – fase III) – DC/UFSCar, São Carlos, pp. 1-10, out, 1996. Disponível em: http://www.de.ufpb.br/~labteve/publi/2011_svrps.pdf. Acesso em: 13 janeiro 2019.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, dez. 2011. ISSN 1982-9949. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>. Acesso em: 20 fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002. Jan/Fev/Mar/Abr, Nº 19. pp. 20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 28 setembro 2018.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 6, n. 2, p.51-64, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MALAVOTA, Claudia Mortari. **A Invenção da África**. Introdução aos Estudos Africanos em Diáspora. 2011. Disponível em: <http://www.moodle.udesc.br/course/view.php?id=517>- Acesso em 12 outubro 2018.

MENDES, Iran Abreu. Cognição e Criatividade na Investigação em História da Matemática: contribuições para a Educação Matemática. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 185-204, abril

- 2013 ISSN 1982-5153 185. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/38424510.pdf> Acesso em 23 dezembro 2018.
- MESSINA, G. Mudança e inovação educacional: notas para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 114, p. 225-233, novembro 2001.
- MIRANDA, Eraldo. O dia em que Ananse espalhou a sabedoria pelo mundo. 1ª Edição, São Paulo: Elementar, 2008.
- MORAIS, Maria de Fátima. A avaliação da criatividade: a opção pelos produtos criativos. **Recre@rte**, 4, 2009.
- MUNTEAN, Cristina Ioana. Raising engagement in e-learning through gamification. The 6th International Conference on Virtual Learning ICVL. 2011
- NASCIMENTO DOS SANTOS, Tatiana. **Letramento e tradução no espelho de Oxum**: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Orientadora: Luciana Rassier. Florianópolis -SC, 2014. 185 p.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). **Adinkra** – sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009, p. 40.
- NUNES, C. S., NAKAYAMA, M., SILVEIRA, R. A., STEFANI, C. & CALEGARI, D. (2015). Critérios e indicadores de inovação na educação. In: TEIXEIRA, C. ST.; EHLERS, A. C.; SOUZA, M. V. **Educação fora da caixa**: Tendência para a educação no século XXI. Florianópolis: Bookess, 2015. p. 49-60.
- OLIVEIRA, David Eduardo de. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- ORTEGA CUENCA, P., RAMÍREZ SOLÍS, M., TORRES GUERRERO, J.; LÓPEZ RAYÓN, A., SERVÍN MARTÍNEZ, C.; SUÁREZ TÉLLEZ, L. et al. Modelo de innovación educativa. Un marco para la formación y el desarrollo de una cultura de la innovación. **RIED. Revista iberoamericana de educación a distancia**, 2007. v. 10, n. 1. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28220744_Modelo_de_innovacion_educativa_Un_marco_para_la_formacion_y_el_desarrollo_de_una_cultura_de_la_innovacion. Acesso em 12 dezembro 2018.
- PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2015.
- QUINTÃ, Afonso. **Cineteatros Angolanos Tipologias 1932-1975**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Olzeni Costa; MORAES, Maria Cândida. **Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar**: rompendo crenças, mitos e concepções. Brasília: Liber Livro, 2014.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. (org.) **O Lugar das Diversidades na Educação Profissional**. Belém: IFPA, 2016.

RODRIGUES, Gessica; PORTO, Cristiane. Realidade Virtual: conceitos, evolução, dispositivos e aplicações. **Revista Interfaces Científicas**, nº 3, 2013, Aracaju. Disponível em:

<http://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/395/REALIDADE%20VIRTUAL.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 fevereiro 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

SALES, Cristian. Lívia Natália: Abébé Omin - poesia e religiosidade afrobrasileira banhada nas águas de Oxum. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** Ano XI, Nº XXI, setembro/2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/150529>. Acesso em 10 janeiro 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus. 2010.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, volume 11, número 23, maio 2018, pp. 158-181. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras>. Acesso em 9 jan.2019

SCHWENGBER, Eduardo Cipriani; SILVEIRA, Sidnei Renato; RIBEIRO, Vinicius Gadis. avaliação subjetiva da criatividade em produtos da atividade projetual. **Revista Educação**, v.10, n.1, 2015. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2063>. Acesso em 12 dezembro 2018.

SHARMAN-BURKE, Juliet e Greene, Liz. **O Tarô Mitológico**. São Paulo: Siciliano, 1998.

SILVA, R. L. P. da; SANTOS, M. R. dos; AMSTEL, F. V. Quando o negro se movimenta, toda a possibilidade de futuro com ele se move. **Albuquerque: revista de história**, 11(21), p. 132-150, 2020) Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/9589> (Acessado: 15fevereiro2020).

SILVA, Vagner Gonçalves da. Artes do axé. O sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé. **Ponto Urbe [online]**, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1267>; DOI: 10.4000/pontourbe.1267

SILVEIRA, Fábio. Design & Educação: novas abordagens. p. 116-131. In: MEGIDO, Victor Falasca (Org.). **A Revolução do Design**: conexões para o século XXI. São Paulo: Editora Gente, 2016.

SOUZA, Esdras Oliveira de. **Afrofuturismo e educação**: novas perspectivas para o debate sobre as relações raciais. 59 f. 2019. Monografia (especialização)- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2019.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo**: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

VAZ, Cristina Lúcia Dias. A bordo navio alado. In: VAZ, Cristina Lúcia Dias; NERI JÚNIOR, Edilson dos Passos; ROCHA, Helena do Socorro Campos da. **Cartas de Marear**: percursos para uma aprendizagem criativa em Matemática e Arte. Belém: EditAedi/UFGA, 2019

VAZ, Cristina Lúcia Dias. Cartemática: Uma Cartografia da Aprendizagem. in: VAZ, Cristina Lúcia Dias; ROCHA, Helena do Socorro Campos da (Orgs.). **Matemática e Arte em trilhas, olhares e diálogos**. Belém: EditAEDI/UFGA, 2018. ISBN: 9788565054638

VAZ, Cristina Lúcia Dias; NERI JÚNIOR, Edilson dos Passos; ROCHA, Helena do Socorro Campos da. **Cartas de Marear**: percursos para uma aprendizagem criativa em Matemática e Arte. Belém: EditAedi/UFGA, 2019

VON SCHWEBER, L. & VON SCHWEBER, E. Cover story: realidade virtual. **PC Magazine Brasil**, pp. 50-73, v. 5, n.6, junho, 1995.

WINNICOTT, D. W. **Tudo Começa em Casa**. (Tradução de Maria Estela Heider Cavaleiro). São Paulo, Martins Fontes. 1989.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. (Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanete Nobre). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975

WOMACK, Ytasha. Cadete espacial. 2013. In.: FREITAS, Kênia (Org.). **Afrofuturismo**: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica. Tradução de André Duchide. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.mostraAfrofuturismo.com.br/catalogo.html> >. Acesso em: Jan. de 2019.

ZANCHET, Dinamar José & MONTERO, Edna Frasson de Souza. Realidade virtual e a medicina. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 18 (5), 2003. 489p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502003000500017. Acesso em: 21 janeiro 2019.

BLOSSÁRIO

Abébé:

POSSUI SIMILARIDADE COM ABANO
OU LEQUE

ABÉBÉ ABANO

OBJETO DISTINTIVO DO
PODER DAS MÃES
ANCESTRAIS

ANCESTRALIDADE
EMPODERAMENTO

OXUM

ESPELHO



Iansã:

GARRA FORÇA FEMININA

IAN SÃ RAIO

04Á

EPARREY IAN SÃ

TEMPESTADE

INDEPENDÊNCIA

ORIXÁ DOS FENÔMENOS
CLIMÁTICOS




Kuumba

UM DOS 7 PRINCÍPIOS DO KWANZAA

KUUMBA

CRIATIVIDADE

CRIATIVIDADE

CRIATIVIDADE



Kwanzaa

UMOJA (UNIDADE)

IMANI (FÉ)

KWANZAA

KUJICHAGULIA (AUTODETERMINAÇÃO)

UJIMA (TRABALHO COLETIVO E RESPONSABILIDADE)

UTAMAA (ECONOMIA COOPERATIVA)

KUUMBA (CRIATIVIDADE)

NIA (PROPÓSITO)

É UMA CELEBRAÇÃO AFROAMERICANA QUE TEM INÍCIO NO DIA 26/01 E FIM EM 01/01 DE CADA ANO



Nanã

MEMÓRIA

NANÃ

NANÃ BURUQUÊ

SALUBA NANÃ

ORIXÁ RESPONSÁVEL PELOS PORTAIS DE ENTRADA (REENCARNAÇÃO) E SAÍDA (DESENCARNE)

Ogum:

ORIXÁ DO FERRO, AGRICULTURA, CAMINHOS, TECNOLOGIA

OGUM

GUERREIRO

OGUM LÉ

ORIXÁ DA METALURGIA

Orixá

ELEMENTOS DA NATUREZA

ORIXÁS

ORIXÁ

ANCESTRAIS AFRICANOS QUE FORAM DIVINIZADOS

NA ÁFRICA, CADA ORIXÁ ESTÁ LIGADO A UMA CIDADE OU A UM PAÍS INTEIRO.

Orum

CÉU DOS ORIXÁS

ORUM

ORUM

DEFINE, NA MITOLOGIA IORUBÁ, O CÉU OU O MUNDO ESPIRITUAL, PARALELO AO AIYE, MUNDO FÍSICO.

Oxaguiã



Oxalá



Oxum

ORA YÊ YÊ Ô!

OXUM

ORIXÁ DA FERTILIDADE,
RIQUEZAS ESPIRITUAIS E
MATERIAIS DA VIDA E AO
EMPODERAMENTO FEMININO

AMARELO

TYÁLODÉ, A GRANDE MÃE



Oxumarê

SÍMBOLO DA CONTINUIDADE E
DA PERMANÊNCIA

OXUMARÊ

COBRA/ARCO-ÍRIS

ARROBOBOI

ORIXÁ DA RIQUEZA E
FATURA



Sankofa



Xangô



Zuhura



As imagens dos orixás foram capturadas do endereço eletrônico
<https://web.facebook.com/lojacoracaodoaxe/photos/pcb.1911845242442673/1911845145776016/?type=3&theater>

